FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 1965

ANO 44.º — NÚMERO 15 125

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: DIBOA — TELEX: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RÚA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UM LUTADOR

F.P- 14 A LONDRES, 24- SIR WINSTON CHURCHILL FALECEU AS 8 HORAS GMT. (F.P.).

Churchill morreu após nove dias em coma

Desaparecido da cena política e da vida, depois de completar noventa anos, Winston Churchill deixa recordação imperecível dos seus feitos e atitudes. Os primeiros, mais de uma vez, decidiram da sorte da sua pátria; as ultimas exerceram decisiva influência no curso dos acontecimentos, na Grã-Bretanha e no resto do Mundo, durante meio século. A figura do lutador sobrepõe-se, na história que o consagrará como autêntico gladiador, à eloquência do orador, à audácia do parlamentar, à tenacidade do político e à coragem do cidadão. Foi combatente de têmpera incomparável. As causas em que se empenhou reflectiram o prestigio que o aureolava. A sua presença, durante sessenta anos, no Parlamento, cenário da sua glória, é um símbolo de acatamento e respeito pela representação popular idónea e uma prova da sua fidelidade à autoridade legítima do povo.

Para a exuberancia e dinamismo do homem que acaba de desaparecer, não se encontra paralelo. Ele próprio deu a imagem multiforme do seu génio ao pintar, com cores sugestivas, as personagens que o apaixonaram, nas quais eram visíveis os traços de semelhança com o seu feitio e carácter. Em «Recordações da minha mocidade» e «Grandes contemporaneos», como na «História dos povos de língua inglesa», avultam páginas autobiográficas, as mais saborosas que a sua pena traçou. Dir-se-iam desdobramentos da sua personalidade multiforme a reflectir, com a fidelidade de um espelho, os seus defeitos e qualidades.

Atravessou campos de batalha situados nas mais diversas paragens — Sudão, India, Cuba, Africa do Sul — onde forjou, correndo riscos incessantes, a prova da sua coragem. Foi repórter de guerra e jornalista, orador de «meetings» e parlamentar, escritor original, narrador sugestivo de factos, cenas e figuras do final do século passado e da primeira metade deste século.

(Continua na 11.ª página)

LONDRES, 24 — (A. N. I.) — Lorde Moran publicou o último boletim médico sobre a evolução da doença de «Sir» Winston Churchill, cerca de meia hora depois do seu falecimento:

«Pouco depois das oito horas desta manhã, domingo, 24 de Janeiro, «Sir» Winston Churchill faleceu na sua residência de Londres».

Assinado: «Moran».

Inesperadamente, ás 7 horas e 18 minutos, o médico assistente de Churchill havia chegado á residência do antigo primeiro-ministro britanico.

Poucos minutos depois, saía da residência a secretária particular do dr. Moran, que lhe serve, também, de motorista. Antes de levar o carro, declarou aos jornalistas:

«Lorde Moran foi chamado para ver «Sir» Winston. Não regressa imediatamente a sua casa, nem se sabe sequer quando regressará».

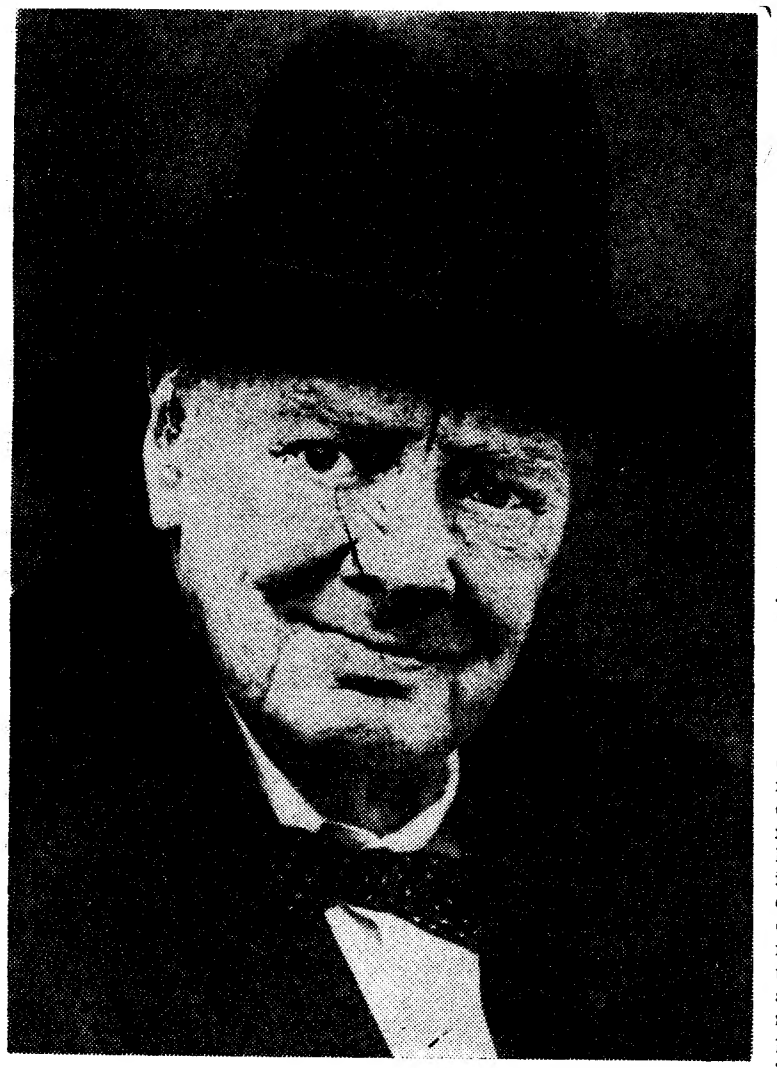
Pouco antes do médico, chegara o filho do doente, Randolph, que guiava o seu carro.

Não houvera qualquer indicação prévia de que o médico iria ver o doente áquela hora matinal. Só era esperado, como habitualmente, cerca do meio-dia.

Nos circulos médicos considerou-se, então, que «a vida de Churchil estava por um fio».

A Randolph seguiram-se outros parentes de Churchill, que iam chegando a Hyde Park Gate: Uma das filhas, Sarah, acompanhada por Célia Sandys, neta do doente, e Winston, filho de Randolph.

Por outro lado, junto do pequeno grupo de curiosos, que suportavam uma ligeira chuvada, a equipa de televisão montava as camaras de filmagem. A entrada da rua, que não tem saida, ficou policiada por três agentes — em vez do unico policia que habitualmente ali se encontra.



«Sir» Winston Churchill numa das suas mais recentes fotografias

WINSTON CHURCHILL

por PIERRE MENDÉS FRANCE

1

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

Nenhum homem de Estado britanico, no curso da História, deixou saudade que se compare áquela que os franceses sentem com a morte de Winston Churchill. A emoção da França é sincera e profunda e associamo-nos, do fundo do coração, ao luto que cobre a Grã-Bretanha. E no entanto não dou notícia de outro que fosse mais inglês. O seu patriotismo, que foi nele uma paixão devoradora, fazia por vezes chamar-lhe imperialista. Mas o seu egoísmo sagrado de inglês não tinha manifestações mesquinhas de vulgar chauvinismo, nem da xenofobia que transige com a banalidade. Os gostos, o estilo, a cultura, que eram seu apanágio, davam ao seu temperamento impetuoso e magnanimo características de antepassados fogosos e leais que fizeram a grandeza da sua Pátria. Porque as circunstancias lhe permitiram encarnar a magnífica resolução da Grã-Bretanha quando foi preciso enfrentar as provações decisivas do destino, foi o maior inglês do seu tempo.

A tristeza do povo inglês é justamente acompanhada por um sentimento de legítimo orgulho. Dir-se-ia que o domina uma grave satisfação ao receber as homenagens prestadas áquele dos seus que, apesar da sua inconfundível originalidade, nunca ao longo de uma demorada carreira, se afastou das tradições das instituições, das ansiedades e das esperanças da terra onde nasceu. Mas

(Continua na 11.ª página)

Quatro náufragos portugueses salvos no Báltico: — «Vivemos horas aflitivas mas continuaremos no mar»

Reportagem de Cesar Faustino

OREGRUND, 24. — (Por telex directo á redacção) — «Estamos bem e de perfeita saude. Apenas perdemos algumas roupas e objectos pessoais. Nada de grande valor» — esclareceram os quatro marítimos portugueses que faziam parte da tripulação do barco alemão «Heige», encalhado ao largo da costa leste da Suécia, em frente de Kvarken, próximo de Oregrund, vila situada a cerca de 140 quilómetros a nordeste de Estocolmo.

O acidente ocorreu á meia-noite e trinta de quinta para sexta-feira, em pleno Mar Báltico, á entrada do Golfo Botnia, numa noite negra, assolada por violento temporal.

(Continua na 16.ª página)

24 PÁGINAS

2.ª EDIÇÃO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
DESPORTO

CARTAS DO BRASIL

por CHIANCA DE GARCIA

ÍDOLO E CONTRA-ÍDOLO

RIO DE JANEIRO, Janeiro — Conheci o escritor Raimundo Magalhães Junior quando, há muitos janeiros, desembarquei nesta terra carioca onde vim pensava eu, passar quinze dias de férias. Estava então em cena, no Teatro Rival, uma comédia de sua autoria intitulada «Carlota Joaquina», em que se destacava o actor Jaime Costa no papel de Dom João VI. O resto, francamente, não era lá essas coisas. Nem como texto.

(Continua na página central)

Ler na página 7

O encontro de Rambouillet

Correspondência de Paris, em exclusivo «LE MONDE»-«DIÁRIO DE LISBOA»

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

DE RODAS PARA O AR

Perto de Coruche, pouco antes da meia-noite. A estrada estava molhada e o automóvel vinha com boa velocidade. Despistou-se, rodopiou e ficou de rodas para o ar inteiramente destroçado. Era guiado pelo sr. Custódio Francisco Perdigão e nele viajavam o sr. António Pedrosa, a esposa D. Fortunata Maria Pedrosa, a filha de 10 anos, Maria Antónia Pedrosa e Eurico Manuel Esteves Duarte, de 13 anos, moradores na Quinta dos Grilos, em Carnaxide. Todos ficaram ilesos, menos o sr. António Pedrosa que fracturou a clavícula, e a esposa que sofreu diversas escoriações.

—*—

O SUINO E A CRIANÇA

Em Falache de Cima, nos arredores da moira Silves, estava Paulo Jorge Sequeira Boto, de 6 meses, no berço. É filho da sr.ª D. Maria de Lourdes da Conceição Duarte Boto, regente escolar, e do sr. José Carlos Sequeira Boto, tractorista. Veio um suino e atirou-se à criança. Quando a pobre mãe deu pelo choro dorido do filho, já a fera lhe comera as mãos e parte de uma orelha. O inocente foi levado para o hospital de Faro onde se acha internado.

CINCO FERIDOS

Às 2 horas da madrugada um táxi guiado pelo sr. Carlos Augusto Nascimento Bento, de 47 anos, ia a atravessar o Rossio onde desemboca a Rua Augusta. Dessa rua vinha um automóvel particular a entrar na praça. Choque violento e o táxi voltou-se. Ficaram feridas nada menos de cinco pessoas que foram tratadas no Hospital de S. José tendo recolhido depois ás suas residências.

DO TELHADO AO POÇO

No lugar do Casal, freguesia de Castelões, António Joaquim da Silva, de 5 anos de idade, andava a brincar. Traquinas como todas as crianças, conseguiu trepar ao telhado de uma casa. Um conjunto de circunstâncias verdadeiramente estranhas condenaram o petiz. O telhado quebrou precisamente sobre um poço que havia nessa casa e que não tinha mais de 35 centímetros de boca. Partiu-se a cobertura do poço e o António foi enfiar-se nele, morrendo. Quando os bombeiros retiraram o pequeno corpo, lívido, era um anjinho que retiravam...

COM UM FERRO NA CABEÇA

O sr. José dos Santos Luís, de 24 anos, jornaleiro, morador em Zurrigueira, Matacães, Torres Vedras, deu esta manhã entrada no Hospital de S. José. Na localidade da sua residência houve uma desordem como tantas outras e pouca sorte teve o sr. Luís porque apanhou com um ferro na cabeça e ficou muito ferido.

Cursos a promover pelo I. N. I. I. sobre as técnicas modernas de direcção, gestão e organização de empresas

O Insituto Nacional de Investigação Industrial vai organizar este ano, por intermédio do seu Serviço de Produtividade, á semelhança dos anos anteriores, cursos sobre as modernas técnicas de direcção, gestão e organização de empresas.

Passada a fase de sensibilização e difusão geral dos conhecimentos e princípios de acção que essas modernas técnicas implicam — e cuja divulgação intensiva se iniciou em Portugal com as primeiras iniciativas do I. N. I. I., em matéria de «Produtividade», em Novembro de 1959 — os referidos cursos são organizados em 1965, em obediência, sobretudo, ás seguintes ordens de preocupações: a necessidade premente da efectivação de uma verdadeira «Reconversão Industrial» e do conhecimento de metodologia geral mais aconselhável de seguir para o efeito, no caso concreto de cada empresa; e a imprescindibilidade da formação intensiva e permanente dos dirigentes e do pessoal das empresas, qualquer que seja o seu nível, como ponto de partida de todo o progresso e desenvolvimento das diversas actividades nos tempos modernos.

Tendo em vista esse duplo objectivo e, ainda, a orientação geral seguida em todas as actuações e iniciativas do I. N. I. I. — de se procurar subordinar sempre a respectiva concepção a uma forte unidade prospectiva, e harmonia na polivalência dos temas e das acções que se torna necessário desenvolver — o programa dos referidos cursos obedecerá ao seguinte esquema:

I — Cursos intensivos, para actualização permanente de dirigentes e quadros na Industria, sobre «A reorganização de empresas, em geral»: estratégia e metodologia geral da reorganização de empresas industriais; Diagnóstico geral da situação da empresa; Previsão e programação do desenvolvimento da empresa; e Técnicas de direcção, organização e «contrôle» (Direcção-geral; Gestão do pessoal — Formação; Gestão e organização comercial; «Contrôle» de gestão); sobre «A reorganização de empresas e serviços, por sectores especializados de actividade»: Problemas de organização e gestão nas industrias de fundição e metalomecanicas, têxtil, alimentares, ceramica, construção civil; e sobre «Problemas de organização no sector publico»: serviços administrativos e industriais do Estado e das autarquias locais (repartições, postos, serviços municipalizados, etc.).

II — Cursos de base, prolongados, para universitários e quadros médios: Cursos Pós-Universitários de Direcção, Gestão e Organização de Empresas, em Lisboa e no Porto; e Cursos para Promotores de Formação nas Empresas (Contramestres), também nas mesmas cidades.

III — Curso elementar por correspondência, sobre Direcção, Gestão e Organização de Empresas Modernas, para tornar fácilmente acessível os necessários conhecimentos a dos os interessados (dirigentes ou não, e quadros de pessoal) qualquer que seja o seu nível de formação ou ponto de território nacional (na Metrópole, Ilhas Adjacentes ou províncias do Ultramar) em que exerçam a sua actividade.

IMPOSIÇÃO de insígnias doutorais em Coimbra

COIMBRA, 24. — Na Universidade, efectua-se hoje a cerimónia da imposição de insignias doutorais em Letras aos drs. Salvador Dias Arnaut e padre Avelino de Jesus Costa «apadrinhados», respectivamente, pelos srs. prof. Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão e arcebispo primaz de Braga, e cujos elogios são feitos pelos profs. Arnaldo Miranda Barbosa e Américo da Costa Ramalho.

Todas as fases da cerimónia serão filmadas a cores para um documentário de grande metragem que está a ser feito por uma empresa brasileira, pelo que foi montada na Sala dos Capelos grande quantidade de material.

O dr. Salvador Dias Arnaut é licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra e enverga hoje, na cerimónia, o capelo que pertenceu ao poeta Eugénio de Castro, por vontade da família, e depois usará um capelo e uma borla que lhe foram oferecidos pelos seus condiscípulos do curso de Medicina.

TROQUE

Os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo, temos grande variedade em exposição. Fabricamos e restauramos. Facilidades de pagamento.
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35 — T. 832161
Quase em frente da igreja dos Anjos

Grande êxito no CHICOTE de Maria Alice Ferreira

Ontem, á noite, o CHICOTE consagrou com os entusiásticos aplausos de uma numerosa assistência que esgotou a lotação, a presença da grande vedeta do Teatro, da Rádio e da Televisão, Maria Alice Ferreira, que, numa extraordinária manifestação de multiplicidade do seu talento, interpretou tangos, canções andaluzas e fados. Nesse mesmo «show» artístico, obteve novo e assinalado triunfo esse «duo» assombroso que é o Prof. Karma e a sua medium Bett, em extraordinárias manifestações de alta telepatia. Hoje, em «matinée» infantil e á noite, o CHICOTE continua a marcar a sua posição de grande restaurante turístico regional de características internacionais

Calandra
RUA DE SANTA CATARINA, 5, TEL. 367495 — LISBOA
ABERTO DAS 14 ÀS 19 H. TODOS OS DIAS
EXCEPTO SÁBADOS E DOMINGOS
VENDA DE ANTIGUIDADES
ENCARREGA-SE DE TODAS AS DECORAÇÕES
ESTOFOS CORTINADOS
PROJECTOS DE ARQUITECTURA CONSTRUÇÃO CIVIL
EM EXPOSIÇÃO APARTAMENTOS TIPO MODELO

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Ás 21 e 15: «Trapézio» (12 anos).
QUELUZ — *Queluz-Cine* — Ás 21 e 15: «A caminho da forca» (12 anos).
CACÉM — *Cinema S. João* — Ás 21 e 30: «Canção da saudade» (12 anos).
MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — Ás 21 e 30: «A bela Lola» (12 anos).
SINTRA — *Carlos Manuel* — Ás 21 e 30: «Tim-Tim e o mistério das laranjas azuis (12 anos).
ERICEIRA — *Casino* — Ás 21 e 15: «O parque das ilusões» (17 anos).
VENDA NOVA — *Cine-Portugal* — Ás 21 e 15: «80 000 suspeitos!» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — Rua Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); *Confiança* — Avenida D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).
DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 971023).
QUELUZ — *Gil* — Avenida Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); *Simões Lopes* — Avenida Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACEM — *Central* — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — *Química* — Estrada Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* (Tel. 980456).
SINTRA — *Marrazes* — Estefânia — Largo Afonso de Albuquerque (Telef. 980058).
VENDA NOVA — *Nova* — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — *Colares* — Abreja (Tel. 299088).

PENHORES
AMADORA
P. da Igreja, 13-A — Telef. 931703

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO do pessoal da Fábrica Diogo d'Ávila

O sr. Manuel d'Ávila pronunciando o seu discurso, vendo-se á sua esquerda seu irmão, sr. Jorge d'Ávila, e á sua direita o sr. dr. César Moreira Baptista

Presidido pelos seus administradores, srs. Manuel d'Ávila e Jorge d'Ávila, realizou-se ontem no restaurante Mónaco, em Caxias, um almoço de confraternização do pessoal da Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Ávila, Ld.ª

Depois de em breves improvisos os srs. engenheiros Silva Martins e Machado Palha terem focado o aspecto sempre interessante destas reuniões e de terem saudado a empresa na pessoa dos administradores presentes, no que foram muito aplaudidos, falou o sr. Manuel d'Ávila para agradecer as referências que foram feitas á administração da empresa, bordando interessantes considerações sobre a posição desta e dos seus colaboradores junto dela.

Numa curiosa e pormenorizada exposição, deu a conhecer o programa que a empresa tem para o corrente ano, o qual se compõe de belas realizações técnicas, várias medidas administrativas e outras especialmente de carácter social, entre as quais a construção de um infantário e de uma capela, doados por sua mãe, sr.ª D. Leolinda d'Ávila, viúva do fundador da Fábrica.

Entre calorosos aplausos, o sr. Manuel d'Ávila terminou fazendo votos por que estas reuniões tenham cada vez maior projecção e se repitam de maneira que representem uma ainda mais estreita união entre todos os que na Fábrica Diogo d'Ávila ganham o seu pão.

O sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, assistiu á interessante reunião.

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
COM SECAGEM POR CENTRIFUGAÇÃO
GRANDE LOTE A BAIXO PREÇO
RUA DO ALECRIM, 21 - A (ao Cais do Sodré) — **CASA JÚNIOR** — TEL. 321053

Cerca de 200 participantes encontram-se já inscritos no Colóquio da Exportação

Dentro de poucas semanas de 22 a 26 de Fevereiro, efectua-se, na Feira Internacional de Lisboa, por iniciativa do Centro de Industriais Exportadores da Associação Industrial Portuguesa, o Colóquio da Exportação. Ao procurar reunir num diálogo construtivo todas as entidades — quer do sector privado quer da Administração publica — de algum modo interessados ou interferentes na actividade exportadora, pretende-se, antes de mais, provocar uma tomada de consciência ao nível nacional sobre a gravidade e urgência de que se revestem os problemas da exportação nacional. Com efeito, só uma mentalização da generalidade dos sectores privados e publico poderá, na verdade, permitir resultados satisfatórios para o esforço de promoção das exportações a que o País é chamado.

Todos os participantes no Colóquio — e são quase duas centenas — são convidados a colaborarem na iniciativa por intermédio de pequenas comunicações escritas. Tais trabalhos não deverão exceder dez páginas dactilografadas a dois espaços e, depois de aceites pela comissão organizadora, serão impressas e distribuídas. A fim de que todas as comunicações possam chegar, em tempo, ás mãos dos participantes, a data limite para o respectivo envio ao secretariado do Colóquio (Praça das Industrias, Lisboa 3) está fixada até ao fim deste mês. Chama-se a atenção para a importancia de que se reveste uma participação activa através de comunicações escritas, as quais deverão, dentro de um espírito objectivo, apontar sempre que possível conclusões concretas. Na verdade, o êxito dos trabalhos do Colóquio da Exportação depende, em larga medida, da apresentação pelos próprios interessados dos seus pontos de vista, com a finalidade de se assentar em sugestões práticas e realizáveis.

As inscrições continuam abertas no secretariado do Colóquio, onde se prestam todas as informações julgadas necessárias.

Exposição Internacional Especializada de Salsicharia

A «Messe-und Ausstellung — GES. m. b. H.», de Colónia, sociedade de feiras e exposições, a fim de evitar incompatibilidades de datas, e de acordo com todas as instituições competentes, resolveu adiar, para o período de 10 a 18 de Julho, a IFFA — Exposição Internacional Especializada de Salsicharia de Colónia — 1965.

Linha de CASCAIS

ELABORAÇÃO do projecto para o mercado de Caxias

O Município de Oeiras celebrou contrato para a elaboração do projecto para o Mercado de Caxias, pela quantia de 55 contos.

Prevê-se que a construção do referido mercado seja iniciada ainda no ano corrente, estando já prevista em orçamento a verba respectiva.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Ás 21 h.: «Como conquistar um sogro» (12 anos).

PAÇO DE ARCOS — *Cine-Teatro* — Ás 21 e 15: «Nick Carter, detective» (12 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — Ás 21: «Os nove irmãos» (12 anos).

PAREDE — *Royal -Cine* — Ás 21: «Os reis do Sol» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — Ás 21 e 30: «Labirinto de paixões» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Ás 21 e 30: «20 quilos de sarilhos» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — *Central* — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PAREDE — *Aisir* — Avenida Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).

ESTORIL — *Suíça* — Cruzeiro (Tel. 260087).

CASCAIS — *Marginal* — Av. Marginal (Tel. 280078). — *A. Costa* — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

FESTA DEDICADA a crianças pobres

Com a presença de autoridades, a comissão de beneficência do Grupo Recreativo Estrela de Ouro promove, no próximo dia 31, ás 10 horas, na sua sede, na Rua Josefa Maria, 4-B, mais uma festa dedicada a crianças pobres, com distribuição de 33 enxovais, almoço, variedades e oferta de brinquedos.

20.000 QUILOMETROS com GARANTIA SACOR

SACOR

Garantia Sacor

OFERECIDA PELA CIDLA distribuidora exclusiva dos ÓLEOS SACOR

o que é a GARANTIA SACOR?

É a confiança total na qualidade dos Lubrificantes SACOR, certeza de uma acção eficiente, económica e completa.

O QUE LHE GARANTE

A Garantia SACOR dá-lhe gratuitamente o direito de substituir ou reparar as peças do motor, caixa de velocidades ou diferencial do seu novo carro, durante os primeiros 20 000 quilómetros percorridos (ou um ano de utilização) sem qualquer encargo, desde que a avaria possa ser atribuída à acção dos lubrificantes, excluindo-se os casos em que as condições mecânicas provoquem situações anormais.

COMO A OBTER

Utilizando desde o início, lubrificantes SACOR e respeitando as instruções expressas na caderneta de Garantia que lhe será facultada em qualquer estação de serviço especializada SACOR.

NÃO HESITE, PREFIRA HOJE MESMO O ÓLEO QUE GARANTIRÁ MELHOR O MOTOR DO SEU CARRO.

NOTA: ESTA GARANTIA SÓ É VÁLIDA PARA AUTOMÓVEIS LIGEIROS, COMPRADOS NOVOS

USE OLEOS SACOR

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA CIDLA

Ora, diga-nos...

— Concorda com a corrente popular que atribui um papel antipático às sogras?

● *As sogras foram sempre motivo de escáneo e mal-dizer. Com ou sem fundamento, o certo é que, na opinião popular, elas são a «sombra» de qualquer lar... Todavia, há quem se pronuncie contrariamente. E, assim...*

— Eu — disse-nos a sr.ª D. Maria de Lurdes da Silva Henriques — serei uma sogra ideal. Ainda não tenho filhos. Mas hão-de nascer . . . Far-se-ão gente e casarão. Nunca criarei problemas a um genro ou a uma nora! Eu cá sou assim, e assim todas as mulheres deviam ser...

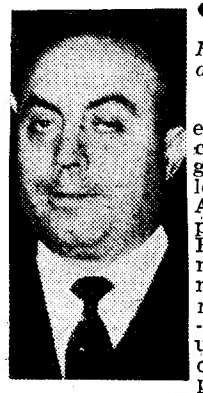
— Manterá a sua palavra daqui a uns vinte anos? Olhe que venho cá interrogá-la...

— Pois venha! Fui sempre mulher de palavra. Não há aqui na Ribeira quem possa dizer o contrário! Serei uma sogra ideal...

● *Um tanto desconfiado, fomos falar com o sr. João Correia, no momento a vender uma galinha a uma freguesa.*

— Então, tal e tal, o que é que pensa das sogras?

— São umas malandras. Só estão bem a meter intrigas. Eu cá não as «chupo»... Claro, é necessário conviver — e eu faço o que posso . . . Mas, francamente, ás vezes é impossível aturar a mãe da mãe dos nossos filhos... Veja lá o que «bota» no jornal, se não logo tenho o «caldo» entornado!



● *Finalmente, o sr. Manuel Fernandes Pica, disse-nos:*

— Sempre vivi em boa harmonia com a minha sogra. Uma excelente pessoa . . . Amigos, enfim, para toda a vida. E olhe que a minha mulher já morreu... Continuo a considerá-la, no entanto, uma excelente criatura e como pessoa de família.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — Ás 21 e 15: «Tempêro do amor» (17 anos).

CASTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — Ás 21: «Os crimes da rã» e «O viuvo alegre» (17 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — Ás 21: «Quando Paris delira» (17 anos). — *Cine-Barreirense* — Ás 21: «Uma encantadora idiota» (12 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — Ás 21: «Os argonautas» e «Três estarolas num foguetão» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS — *Guisnão* — Rua Candido dos Reis, 30. (Telefone 224020).

ALMADA — *Nuno Alvares* — Av. Nuno Alvares Pereira, 39-C (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — *Aliança* — Estrada Nacional, 174.

BARREIRO — *Santa Marta* — R. do Lavradio, 76 (Tel. 2272141).

COVA DA PIEDADE — *Atlantico* — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365)

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Moderna* — R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028).

SETUBAL — *Oliveira* — Largo da Misericórdia (Tel. 22488).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *É do actor Fernando Gusmão a encenação da peça de José Cardoso Pires «O render dos heróis», que durante a semana subirá á cena do Império, interpretada pelo elenco do Teatro Moderno de Lisboa.*
- *Mais de trinta figuras interpretam «O Motim», de Miguel Franco, a subir á cena do Avenida, nos ultimos dias do mês, para reaparecimento da Companhia do Teatro Nacional D. Maria II.*
- *A revista «É canja», em ensaios no Capitólio, terá como primeiras figuras femininas Maria Dulce, Florbela Queiroz e Anita Guerreiro.*
- *Prosseguem, no Teatro Maria Vitória, os ensaios da opereta que ali subirá em breve á cena.*
- *A bailarina e coreógrafa Águeda Sena apresenta esta noite, com figurinos de Inês Guerreiro, no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, um espectáculo composto pelas obras «Macbeth», «Abertura» e «Movimento Perpétuo». A interpretação está a cargo de bailarinos do Verde-Gaio.*
- *O cantor Lourciro Dinis apresenta esta noite, aos microfones da E. N., um recital de «lied» dedicado a Shakespeare.*

NO VARIEDADES

«A Rapariga do Apartamento» continua a esgotar lotações

O publico acorre agora ao Variedades, para ver a deliciosa comédia americana «A Rapariga do Apartamento». Depois de uma grande carreira no Teatro Monumental, Laura Alves continua á frente de um elenco de estrelas: Paulo Renato, numa estupenda interpretação; Alma Flora, com a sua deliciosa graça, no papel de uma esposa que descobre aquilo que não devia saber, e ainda Carlos José Teixeira, compondo a figura do marido descoberto.

Para o êxito da peça contribui a criação de Laura Alves. «A Rapariga do Apartamento» continua a esgotar lotações. Adultos.

NO A B C

O êxito da revista «Ai, Venham Vê-las!»

Quando uma peça ultrapassa as 250 representações, é sem duvida alguma uma garantia para as pessoas que ainda não viram esse espectáculo, de que poderão fazê-lo seguros de que darão por bem empregado o tempo e o dinheiro. Este é o caso da revista «Ai, Venham Vê-las!», que continua todas as noites, ás 20 e 45 e 23 horas, a esgotar as lotações do Teatro A B C.

À frente do elenco que o empresário José Miguel organizou, estão Herminia Silva, Ivone Silva, Maria Adelina, Fernanda Borsati, Susana Prado, Mariema e Maria da Nazaré.

No Teatro Vasco Santana

O interesse pela peça «Joana da Lorena»

No Teatro Vasco Santana, continua a representar-se um espectáculo que tem atraído e interessado pessoas de todas as classes sociais. E porquê? A razão é simples: «Joana da Lorena» foca assuntos que são de interesse geral. Todos aqueles que, muito justamente, desejam tornar-se cônscios do papel que desempenham no mundo, não podem ficar indiferentes a esta magnífica obra de um dos mais famosos dramaturgos norte-americanos, Maxwell Anderson.

Coube á Companhia Teatro Estudio de Lisboa, a tarefa de revelar ao publico da nossa capital esta obra de um dos maiores escritores norte-americanos contemporaneos. Fazem parte da Companhia Teatro Estudio de Lisboa os seguintes artistas: Branco Alves, Luís de Campos, José de Castro, Georgina Cordeiro, Jorge de Sousa Costa, Carlos Duarte, Helena Félix, Maria José, Manuel Lereno, Alberto Ponces, João Perry, Joaquim Rosa, Armando Venancio e António Vilela.

NO IMPÉRIO

«Sargento York», na sessão clássica

Na sessão clássica, do Império, do próximo dia 27, ás 18 e 30, será exibido o filme «Sargento York», premiado, pela Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, com dois «Óscars», um pela interpretação de Gary Cooper, outro pela montagem, de William Holmes.

NOTICIAS DOS ESTÚDIOS

A actriz italiana Sylva Koscina desempenha o principal papel feminino do filme «Hot Enough for June», ao lado de Dirk Bogarde. É a primeira vez que Sylva Koscina, que é jugoslava por nascimento, filma na Grã-Bretanha. «Hot Enough for Jun» é uma complicada história de espionagem em que Dirk Bogarde encarna a figura dum agente secreto britanico involuntário na Checoslováquia, e Sylva o da filha do chefe dos serviços de contra-espionagem checos.

Cineclube Católico

Com o filme de Luchino Visconti «Rocco e seus irmãos», o Cineclube Católico promove, para os seus sócios, mais uma sessão cinematográfica, no próximo dia 25, ás 18 e 30, no Cinema Monumental. As inscrições podem ser feitas á entrada na sessão, ou na Rua Capelo, 5, 2.º esquerdo, em Lisboa (tel. 30172).

TRINDADE

(F. N. A. T.)

Às 21.45 — (Maiores de 17 anos)

A ENGRAÇADA COMÉDIA

O Jogo das Trapaças

com ÁLVARO BENAMOR

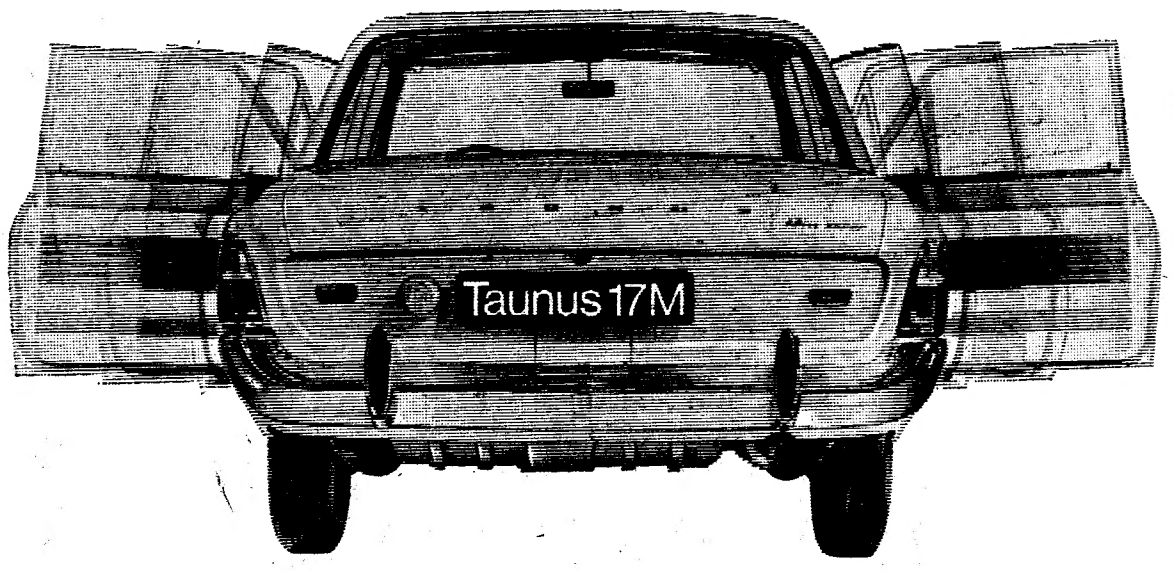
em «Catavenco», o anarquista trapaceiro

AO LADO DE UM MAGNÍFICO ELENCO

Espectáculos subsidiados pelo FUNDO DE TEATRO e dedicados aos beneficiários da F. N. A. T. e sócios dos C. A. T., C. R. P. e Sindicatos Nacionais

Em FORNOS DE ALGODRES o «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se no CAFÉ MONDEGO (Sr. Carlos Melo).

OUVIU?

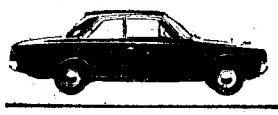


V. ouviu o som duma porta de automóvel ao fechar-se. Ouviu um som que revela qualidade de construção, que revela "classe", um som que define um carro de categoria e ao mesmo tempo a categoria do seu possuidor. Com um Taunus V. pode sentir-se realmente orgulhoso.

Essas qualidades estão presentes nos
novos Taunus para 1965.

TAUNUS 12 M
um carro diferente!

TAUNUS 17 M
um passo no futuro!



Símbolos de Qualidade

Ford

Á sua disposição nos Concessionários Ford

LISBOA: STAND MODERNO, Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A LINCURI, LDA. Av. da República, 32-A

«PARIS-HOTEL», NO MONUMENTAL

Alguma s figuras da peça, vistas por Fernando Bento

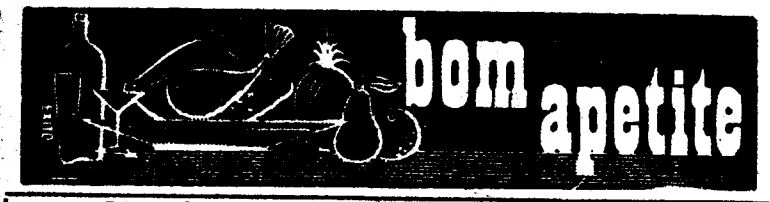
Após uma triunfal «torneée» por terras de Africa, que foi um êxito ganho com coragem e merecimento, a Companhia Teatro Alegre reapareceu ontem á noite, com armas, bagagens e plumas, no teatrinho do Saldanha, que há alguns anos é o seu quartel-general. Fê-lo após quase dois meses de ruidosa preparação do espectáculo do começo de temporada, preparativos a que não faltaram duas ou três idas ao estrangeiro, para verificar «in loco» como trabalham os empresários e peage o publico.

De todo esse esforço e do inegável talento, imaginação e qualidades de trabalho de Henrique Santana surgiu o magnífico espectáculo que é «Paris-Hotel». Saudamo-lo com um «bravo», igual ao que ontem teríamos gritado da plateia, quando vimos certas marcações, alguns achados cénicos e o calor posto por muitos dos intérpretes no desempenho dos seus papéis.

Temos pena, hoje, de não ter quarenta anos, para que assim nos lembrássemos de «L'Hotel du Libre-Echnge» que Lisboa viu há duas ou três dezenas de anos, no Ginásio. Ser-nos-ia assim mais fácil avaliar perfeitamente o caminho percorrido pela Companhia Teatro Alegre nesta adaptação.

Servindo-se de um texto dos fins do século passado, escrito por Feydeau e Desvalliers, Jorge do Vale traduziu-o e adaptou-o com uma relativa liberdade, mantendo, muito embora, o fio da intriga, esfusiante de graça e fantasia. A' malícia do texto original o adaptador juntou um pouco da nossa tão característica pimentinha, colocando na boca dos actores frases bem actuais e locais. De posse de uma comédia que tem realmente *teatro*, de posse de uma peça onde em cada segundo acontece sempre alguma coisa (normalmente com graça), Henrique Santana transformou-a numa farsa onde, ao jogo das palavras, corresponde sempre o jogo das situações. Desenhou os personagens

(Continua na 23.ª página)



Escote
RESTAURANTE TURÍSTICO REGIONAL
P. do Areeiro, 3-B—Tel. 720672
Amanhã: especialidades da culinária da saborosa cozinha do Algarve, almoço-mesa redonda, e jantar espectáculo. (M. 12 anos).

A CENTRAL DA BAIXA
O RESTAURANTE PREFERIDO PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO
94, RUA ÁUREA, 98
Telef. 32 02 80

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
Único Restaurante Provincial em Lisboa
Servem-se lanches de casamento e banquetes
ENCERRADA AS 2.as-FEIRAS

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144
(Ao Campo Grande)—Telef. 790211
NOVO SALÃO DE RESTAURANTE PARA 350 PESSOAS
SÁBADOS E DOMINGOS AOS JANTARES PRESENTE O CONJUNTO CARIOCA
AR CONDICIONADO

RESTAURANTE Flamingo
EXPERIMENTE E FICARÁ CONTENTE
R. Castilho, 41 — Telef. 732191

CAMÕES... O MAIOR
RESTAURANTE — SNACK-BAR
CAMÕES
... O MELHOR
PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, 45

SUPERMERCADO
BÓLIDE
REFEIÇÕES EXPRESSO A BAIXO PREÇO
AV. DE ROMA, 7-A

RESTAURANTE
Self Service
SOLAR DE AVIS
AMANHÃ entre outros pratos apresenta:
AO ALMOÇO
Garoupa cozida com batatas
Dobrada á espanhola
Figado de vitela á portuguesa
AO JANTAR
Filetes cherne capricho
Peito de vitela á Padeiro
Avenida da Liberdade, 126-134
Ar condicionado

MAIORES DE 17 ANOS
TEBO TEATROS DE BOLSO, LDA.
TEATRO VILLARET
AV. F. P. DE MELO, 30-A - TEL: BILHET. 53 86 86
PODERÁ MARCAR O SEU LUGAR COM ANTECEDÊNCIA PELO TELEFONE 538586 PARA ASSISTIR
À COMÉDIA MUSICADA
«O IMPOSTOR GERAL»
COM

RAUL SOLNADO ★ MARIA PAULA ★ BARROSO LOPES ★ ARMANDO CORTEZ ★ ISABEL RUTH ★ FRANCISCO NICHOLSON e o BALLET RUSSO DE VLADIMIR KOVALSKY
TODAS AS NOITES 2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 HORAS
E TAMBÉM ÀS 18,30 HORAS
A PARTIR DO DIA 26 DE JANEIRO
A COMPANHIA DO T. N. T.
(EMPRESA JACINTO RAMOS)
na peça em 3 actos de Michael Redgrave
ENCENADA POR PAULO RENATO
«O SEGREDO»
EM QUE REAPARECE
MARIA BARROSO
AO LADO DE
JACINTO RAMOS
DALILA ROCHA
ISABEL DE CASTRO
FERNANDA COIMBRA
OCTÁVIO BORGES
BILHETES À VENDA
MAIORES DE 17 ANOS

O Espião do Diabo

PERSEGUIDO E AMEAÇADO PELOS SERVIÇOS SECRETOS... UMA INTERROGAÇÃO ANGUSTIOSA COLOCA-O NA SITUAÇÃO EXTREMA DA MISSÃO QUE O ENVOLVE!
PETER VAN EYCK
MARIANNE KOCH
ALBERT LIEVEN — MCDONAL CAREI — CHRISTOPHER LEE — BILLIE WHITELAW
(VERSÃO FRANCESA)
UM FILME DE EXCEPCIONAL CATEGORIA!
Estreia
AMANHÃ
ROMA
MAIORES DE 12 ANOS

Ao Último Figurino

APRESENTA

OS

SALDOS

DE 1965

SEDAS ● LÃS ● ALGODÕES
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
MALAS — BLUSAS — MALHAS
— VESTIDOS — FATOS DE BANHO — CASACOS

TEATRO VASCO SANTANA
(Entrecampos)
Tel. 768609

QUAL A NOSSA MELHOR PUBLICIDADE? PERGUNTE A QUEM JÁ VIU ESTA PEÇA!

ÀS 21.30 H. M. 17 ANOS

2.º MÊS

JOANA DA LORENA

COMPANHIA TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA

50 % desconto aos estudantes e sócios Sind. Nac.

SÓ ALGUNS DIAS
NO
VARIEDADES
Às 21,45 h. (Adultos) T. 326037
14.ª SEMANA
EM PLENO TRIUNFO!

LAURA ALVES

MAIS atrevida, maliciosa e extraordinária do que NUNCA!!!

A RAPARIGA DO APARTAMENTO

NO ELENCO
PAULO RENATO
ALMA FLORA
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
PREÇOS POPULARES
Plateia desde 12$50
GERAL a 5$00

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.

HOJE, em penultimo domingo, ás 21.30

1.ª Companhia de Circo de 1965

AS MAIORES ATRACÇÕES
TODAS AS NOITES, ás 21.30

Brevemente, num Teatro de Lisboa
EUNICE e CAEIRO
em
«MARY-MARY»
(ADULTOS)

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Av. Combatentes da Grande Guerra.

ACREDITE NA NOSSA PUBLICIDADE!

LEIA AS CRÍTICAS...
E PERGUNTE A QUEM ASSISTIU ONTEM À ESTREIA NO

Teatro MONUMENTAL

DE MAIS UMA SUPERPRODUÇÃO MUSICAL DE GRANDE ESPECTÁCULO, APRESENTADA POR

VASCO MORGADO

PARIS HOTEL

TRIUNFO INDISCUTÍVEL de

HENRIQUE SANTANA

COMO GRANDE ACTOR E ENCENADOR À FRENTE DA

COMPANHIA TEATRO ALEGRE
50 FIGURAS EM CENA
HOJE, 2 SESSÕES, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria,, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Cartaz dos Cinemas

TIVOLI
Telef. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Shirley MacLaine, Paul Newman e Robert Mitchum
na fabulosa comédia em Cinemascope — Cor de Luxe
ELA E OS SEUS MARIDOS

IMPÉRIO
Telefone 555134
A's 15.15, 18.30 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O Universo fascinante que o mundo cão não mostrou
A FANTÁSTICA AVENTURA DO FLYING CLIPPER
70 m/m EASTMANCOLOR 70 m/m
Atenção! O filme começa ás 15.25, 18.30 e 21.40 prefixas.

SÃO LUIZ
Telefone 327172
A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Uma comédia deliciosa
SUA EX.ª O MORDOMO
com JEAN GABIN
Uma realização de **Jean Paul le Chandis**

SÃO JORGE
Telefs. 54153/54
A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
James Bond
no seu novo e explosivo filme
em 2.ª SEMANA
007 ORDEM PARA MATAR
e com ele as suas novas e incríveis mulheres!
com **Sean Connery e Johanna Harwood**

ESTÚDIO
A's 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
HARAKIRI
Prémio especial do juri no Festival de Cannes

CONDES
Telefone 322523
As 15.15 e 18.15 e 21.30
(Adultos)
7.ª SEMANA
Do grande filme que o publico de Lisboa já consagrou...
«A ULTRAPASSAGEM»
(Il Sorpasso)
VITTORIO GASSMAN — Catherine Spaak e Jean-Louis Trintignant
Real. de **Dino Risi**

ODEON
Telefone 326283
A's 15.15 e 18.15 e 21.30
O PÚBLICO APLAUDIU!
EM 2.ª SEMANA
A deslumbrante e famosa zarzuela
A VERBENA DE LA PALOMA
com **Conchita e Velasco e Vicente Parra**
Canções, duetos, amores e ciumes, num delicioso ambiente de boémia
Eastmancolor Som estereofónico
(M. 17 anos)

POLITEAMA
Telef. 326305
A's 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de rara grandiosidade espectacular
A FERRO E FOGO
com **Gordon Mitchell, John Drew Barrymore e Jeanne Crain**
A história de dois guerreiros a quem o ciume arrasta para uma revolta sanguinária.
Scope — col. (M. 12 anos)

MONUMENTAL
Telefone 55131
A's 15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
O melhor filme do ano de 1964
em 8.ª SEMANA
MY FAIR LADY
com **Audrey Hepburn, Rex Harrison e Stanley Holloway**
Atenção! O filme «My Fair Lady» começa a ser exibido impreterivelmente ás 15.10 e 21.40 horas.

ROMA
Plateia 727778
Balcão 729192
A's 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Um extraordinário drama policial!
MORTE DE UM ASSASSINO
ROBERT HOSSEIN — MARIE FRANCE PISIER

AVIS
Telefone 47163
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Acção intensa em ambiente de mistério!
CARGA BRANCA PARA HONG-KONG
com **Brad Harris e Horst Frank**
ULTRASCOPE — EASTMANCOLOR

EDEN
Telefone 320768
A's 15.30 e 21.30
(M. 17 anos)
O filme emocionante de **Elia Kazan**
AMÉRICA, AMÉRICA
com **Stathis Giallelis**
Devido á longa metragem deste filme, não se efectua o espectáculo das 18.30.

ROYAL
Telefone 865037
A's 21 horas
(M. 12 anos)
A comédia musical do ano
DANÇANDO AO SOL NA PISTA DO ALFINETE NOVO

CINEMA IDEAL
Telefone 324194
A's 21 horas
(M. 12 anos)
O CERCO DE SIRACUSA
UM NOIVO DA AMÉRICA

ALVALADE
Telefone 763080
A's 15.15, 18.15 e 21.45
(M. 17 anos)
SUA EX.ª O MORDOMO
Uma comédia deliciosa
com **Jean Gabin e Liselotte Pulver**

TERRASSE
Telef. 320917
A's 15 e 21 horas
(M. 17 anos)
MOMENTO DE VINGANÇA
ATLÂNTIDA

RESTELO
Telefone 510375
A's 21.15
(Adultos)
Um filme verdadeiramente excepcional
CLEÓPATRA
com **Elizabeth Taylor e Richard Burton**

CASINO ESTORIL
A's 21.30
(M. 17 anos)
LABIRINTO DE PAIXÕES
com **Rock Hudson e Burl Ives**

A VOZ DO OPERÁRIO
T. 862155
A's 21 horas
(Adultos)
AMOR SEM BARREIRAS
ASAS DA MORTE
5.ª-Feira, 28 — OS 300 ESPARTANOS
(12 anos)

LIZ
Telefone 48560
A's 21 horas
(Adultos)
Um filme excepcional
CLEÓPATRA
com **Elizabeth Taylor e Richard Burton**

HOJE NO CHICOTE

(Restaurante Turístico Regional)

Sensacional Jantar — Espectáculo

Grande êxito da vedeta-sol do «music-hall» português

MARIA ALICE FERREIRA

em extraordinárias interpretações de uma gama de lindas canções internacionais que a tornam mais vibrátil e mais temperamental. Ouvi-la é viver no Presente as horas mais belas do Passado. Novas melodias pela mais expressiva artista do seu género que, só por si, é um espectáculo.

Presentes, também, neste «show» os artistas privativos do **CHICOTE** — CANTARES DE PORTUGAL — TRIO GUADIANA e o famoso mago Prof. KARMA e a sua medium BETT nos seus fenomenais trabalhos de alta telepatia. Locutor RUI CASTELAR.

Triunfo total do rei do «Twist», KAREL KOVACH

Todos os dias refeições com ementas regionais à mesa redonda ao preço de 25$00. Marcação de mesas para os jantares-espectáculo pelo Telef. 72 06 72. (Maiores de 12 anos).

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na LOUSÃ, na CASA HAVANEZA.

O encontro de Rambouillet

constituiu um êxito para o chanceler Erhard

Correspondência de Paris

PARIS, 22 — Acontece com o conúbio franco-alemão o que acontece com muitos outros. Tem as suas zangas e as suas reconciliações, que não são definitivas nem umas nem outras. Até ao presente, no entanto, a vontade de continuarem unidas tem predominado, e o resultado do encontro de Rambouillet não serviu senão a confirmá-lo. Foi, com efeito, tão cordial e construtivo como o de Bonn, que o havia precedido, há seis meses, fora desagradável e negativo.

Ninguém contestará que esse encontro constituiu um êxito para o sr. Erhard, que tinha bastante necessidade dele. Ainda não há quarenta e oito horas, era duvidoso que o chefe do Estado consentisse numa reunião de seis ministros dos Negócios Estrangeiros, para um novo exame da Europa política, sem uma abjuração formal por Bonn do multilateralismo nuclear. Pois acaba de aceitar o princípio de uma reunião de alto nível, sem ter pedido ao seu interlocutor que renunciasse categòricamente a projectos acerca dos tegòricamente a projectos a que o general se mantém sempre hostil.

Aconteceu o mesmo a propósito da reunificação alemã. E' certo que, desde que o problema se pôs, o Governo francês, tanto sob a IV como sob a V República, nunca se afastou da sua posição inicial, aliás de harmonia com o Direito das gentes e os ideais democráticos que defende: a saber que a unidade alemã não pode resultar senão de eleições livres ou, como se diz agora, da aplicação do princípio da autodeterminação. Que o general o repita nas circunstâncias presentes, numa altura em que muitas vozes de Leste fazem pressão para que tome partido pela divisão da Alemanha reconhecendo a R. D. A., não deixa de constituir para o chanceler apreciável satisfação. E parece mesmo que o presidente da República foi mais longe, fazendo figurar a reunificação da Alemanha entre os principais objectivos de uma unidade política europeia. No fundo, seria, aliás, muito mais construtivo para as potências ocidentais examinar entre elas em que bases razoáveis se poderia fundar uma esperança de reunificação, tendo èm conta, nomeadamente, a diferença dos sistemas económicos e sociais que existe entre as duas Alemanhas, do que empreender na direcção do Kremlin uma diligência certamente inofensiva, mas acerca de cuja eficácia ninguém teria ilusões.

Sendo estes os resultados, é lícito perguntar o que levou o chefe do Estado a receber tão bem um homem que, no passado, ele tratou com tanta dureza e que, por um momento, pensou tratar com mais dureza ainda. Responde-se geralmente a esta pergunta mencionando o sacrifício feito por Bonn à causa europeia na altura da negociação sobre os preços agrícolas e a situação difícil em que se encontra o Governo Federal, constrangido pelos aliados americanos a meter-se a fundo na aventura da M. L. F., e que se sente hoje privado do seu apoio. No primeiro destes acontecimentos vê-se a prova de uma vontade europeia, de que se chegou a duvidar, e no segundo um factor de natureza a persuadir os dirigentes de além-Reno da necessidade de não entregarem completamente a Washington a orientação da sua política.

A estas considerações abertamente expressas seria preciso, talvez, acrescentar uma outra: o recejo de que um cheque diplomático do sr. Erhard não leve ao Poder em Bonn uma oposição que não se prive de apoiar totalmente a linha americana. Devemos dizer, sejam quais forem as razões profundas a considerar, que todos aqueles que acreditam na necessidade da Europa não podem deixar de se mostrar satisfeitos com a nova perspectiva que se lhes oferece. Isso prova que a ideia já fez demasiado caminho nos espíritos para que se possa, sèriamente, renunciar a ela.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Situação crítica no Vietnam do Sul

— reconhece William Bundy

WASHINGTON, 24 — (F. P.) — «A situação política no Vietnam do Sul é hoje crítica» — declarou ontem William Bundy, secretário de Estado adjunto para os assuntos do Extremo Oriente, num discurso pronunciado na Camara de Comércio de Washington (Missouri). Bundy acrescentou que a solução da crise política era essencial para travar o curso actual da guerra e restaurar a independência e a segurança do Vietnam do Sul. Evocando as fórmulas para se resolver o problema vietnamiano, o adjunto de Dean Rusk declarou:

—«Enquanto o Vietnam do Sul estiver preparado para continuar a luta, uma retirada americana é impensável».

—«Não se vê bem de que forma as Nações Unidas, que não foram capazes de manter os seus compromissos no Congo, estariam á altura de agir eficazmente nessa situação ainda mais difícil».

—«Uma negociação poderia dificilmente ser prometedora», na medida em que deixaria o Vietnam do Sul e outros países daquela região sob a ameaça comunista.

—«Não procuramos um prolongamento da guerra e não devemos crer que há soluções fáceis e rápidas».

William Bundy concluiu, repetindo que a chave do problema era o próprio Vietnam do Sul, e que os Estados Unidos deviam prosseguir o seu esforço de assistência com «calma e paciência».

FUMA CHARUTO

UM MANEQUIM CUBANO

QUE PASSARÁ MODELOS PARISIENSES

PARIS, 24. — (R.) — A colecção da Primavera do costureiro parisiense Yorn será apresentada, na próxima semana, por um modelo que fuma charuto e faz parte das milícias comunistas de Fidel Castro.

Nathalie Norka, de 26 anos, actriz de cinema cubano, manequim e voluntária das milícias femininas, foi contratada por Yorn para a sua próxima passagem de modelos.

Norka é loira natural, tem olhos verdes e uma figura esbelta, tendo tomado parte em três filmes cubanos. Depois de terminar o seu actual contrato, regressará a Havana, onde deixou o marido e dois filhos pequenos.

Norka passou por Paris, de regresso de uma longa viagem pela China, União Soviética, Mongólia e Alemanha Oriental e tenciona demorar-se aqui um mês.

Em Cuba, Norka treina-se todos os fins de semana nas montanhas com a sua unidade de milícia e é uma atiradora de primeira, tanto com espingarda como com metralhadora.

«Cuba é tão pequena e fica tão perto dos Estados Unidos que temos de nos manter constantemente vigilantes contra qualquer agressão» — explica Norka.

Protesto francês junto da O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS, 24 — (R.) — A França protestou, por intermédio do seu embaixador na O. N. U., contra a inclusão do seu nome numa lista oficial publicada há dias com os países que estão em dívida.

Roger Seydoux, o embaixador francês, salienta, numa carta dirigida a U Thant, que o Governo francês rejeita categòricamente a interpretação segundo a qual as despesas da O. N. U. no Congo são de pagamento obrigatório por todos os países membros.

Diz ter ficado surpreendido com a inclusão da França nessa lista, pois a França tem pago devidamente o que lhe é devido nos termos da carta da O. N. U.

A União Soviética também já protestou contra a inclusão do seu nome na lista dos países em dívida e acusou U Thant de tomar partido na questão a favor do ponto de vista norte-americano.

ARTES PLÁSTICAS

Rui Santos expõe em Évora

ÉVORA, 24. — No salão principal da Sociedade Harmonia Eborense, foi aberta uma exposição de pintura do jovem artista alentejano Rui Santos.

A exposição é constituída por um nucleo de trabalhos de estilos diferentes.

A retrospectiva de Julio no Museu Regional de Évora

ÉVORA, 24. — No Museu Regional desta cidade continua aberta ao publico a exposição retrospectiva do artista Julio, constituindo como que a síntese de 40 anos da sua actividade como pintor e ceramista.

João Reis vai expor no Porto

O pintor João Reis que encerra hoje a sua exposição na S. N. B. A. onde obteve assinalado êxito, vai expor os seus trabalhos no Porto.

A exposição abre na capital do Norte, em 6 de Fevereiro.

ADAM RAPACKI PARTE AMANHÃ DE ROMA PARA TEHERÃO

ROMA, 24 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, Adam Rapacki continua hoje a sua visita a Roma, depois de ter conferenciado, ontem, com o primeiro-ministro Aldo Moro e com o presidente Saragat.

Amanhã, Rapacki parte para Teherão.

Nova incursão dos rebeldes congoleses

LEOPOLDVILLE, 24 — (R.) — Cerca de 20 brancos, na sua maioria missionários protestantes, preparam-se para fugir de Bolobo, a 290 quilómetros ao norte desta capital ,pois os rebeldes congoleses apoderaram-se da povoação de Nkolo, a 30 quilómetros mais ao norte e marcham para o sul.

As informações recebidas nesta cidade são escassas, mas aparentemente trata-se de um grupo de rebeldes que atravessou a fronteira vindo do Congo de Brazzaville.

Desconhece-se a sorte dos 55 000 habitantes de uma ilha sacudida por violento sismo

HONOLULU, 24 — (A. N. I.) — Um violento abalo de terra sacudiu esta madrugada a ilha indonésia de Halmahera, no Pacífico, entre as Filipinas e a Nova Guiné, desconhecendo-se o que teria sucedido aos seus 55 000 habitantes.

Os sismólogos em Honolulu e na Califórnia anunciam que o violento sismo atingiu a magnitude de 7,5 na escala de Richter e predizem que o abalo de terra deve ter causado muitas vítimas e vastas destruições, de toda a ordem.

A força do sismo atingiu tal violência que destruiu os mecanismos de registo nas Universidades da Califórnia e de Caltech, em Pasadena.

ARGOTONE

GOTAS E NEBULIZADOR

Anti-séptico poderoso e antiflogístico eficaz na prevenção e tratamento das afecções rino-faringeas

ARGOTONE é agora também apresentado numa nova embalagem constituída por um frasco nebulizador de matéria plástica o qual, por compressão, produz uma finíssima névoa que reveste a mucosa da nasofaringe de uma maneira uniforme

ARGOTONE é o medicamento de eleição no tratamento da rinite aguda ou crónica, asma dos fenos, sinusites e na profilaxia das epidemias gripais

ARGOTONE é também apresentado em GOTAS NASAIS

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

O CAFÉ QUE SABE A CAFÉ...

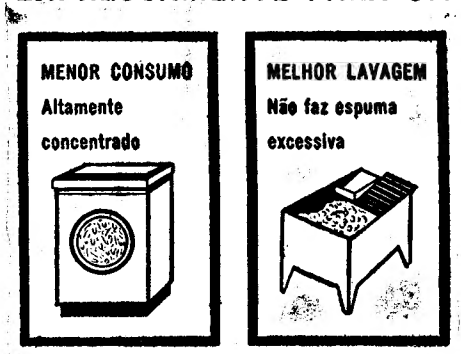
VILARINHO & SOBRINHO, L.DA

JANELAS VERDES

LISBOA

SUPERFIL

O ÚNICO SABÃO EM FIOS EXPRESSAMENTE PARA SI!



Amacia as suas mãos. Lava e perfuma a roupa.

ROUPA BRANCA ENTRE MIL SÓ COM SUPERFIL

A Junta do Vinho
esclarece (uma vez mais) a mecânica da cobrança do diferencial ao comércio

A propósito do esclarecimento da Junta Nacional do Vinho sobre a cobrança do diferencial de $40 por litro ao comércio, publicado no «Diário de Lisboa», na edição do dia 15, recebemos do sr. Fernando Ribeiro Couto, de Lisboa, uma carta, que reproduzimos na parte essencial:

«*Porque me parece estar este esclarecimento em desacordo com os art. 4.º, 5.º, alínea c) e 11.º da portaria 21 006, agradecia a V. que, por intermédio do «Diário de Lisboa», me informasse sobre esta duvida. O produtor vende á J. N. V., esta cobra, segundo o art. 11.º, no acto de pagamento ao lavrador, $40 por litro. Se a J. N. V. vender este vinho a um comerciante, cobrará deste também o diferencial? Não o fazendo, como pode o comerciante arranjar as guias de transito? Mas, se a Junta cobra ao lavrador, este é que paga, o que está em desacordo com o esclarecimento.*

Muito mais poderia acrescentar sobre o grave problema que a lavoura atravessa, mas, de momento, gostaria de ver explicado este esclarecimento que, com o devido respeito, veio lançar mais confusão no assunto, de que, provàvelmente, se aproveitarão os comerciantes «espertalhões» para subirem o preço de venda.»

Novo esclarecimento da J. N. V.

Devido á duvida que nos apresentou o leitor, solicitámos do referido organismo coordenador um novo esclarecimento sobre a discutida questão, tendo o «Diário de Lisboa» sido atendido pelo sr. D. Luís José Braancamp Cardoso de Meneses (Margaride), vice-presidente da J. N. V., que nos informou:

«Conforme o «Diário de Lisboa» já referiu, em 15 do corrente, o vinicultor é responsável pela taxa, desde que deixa sair da sua adega, sem guias, o vinho que vender ao comércio. Mas. a cobrança é efectuada a este, quando adquire o vinho ao produtor, através da guia que tem de ser emitida para retirar o vinho.

Não se pode concluir outra coisa do disposto nos n.os 4.º e 5.º da portaria n.º 21 006. A alínea c) do artigo 5.º contempla o caso em que não intervém o comércio, por o produtor se lhe substituir, ou seja, quando vende directamente ao consumo, caso em que tem de responder pela taxa que incide sobre toda a produção.

O artigo 11.º, conjugado com a alínea acima indicada, determina que, nos vinhos vendidos pelo produtor á Junta, o diferencial ou taxa de $40 é pago por dedução no preço. Consequentemente, quando a Junta vende vinho a um comerciante não cobra qualquer diferencial, visto tê-lo já deduzido quando adquiriu á produção e estar incorporado no preço de venda.

Para a circulação deste vinho são passadas, portanto, guias de transito gratuitas, tal como sucede quando os comerciantes transportam vinho entre os seus armazéns.»

Os acessos da margem sul á ponte sobre o Tejo encontram-se numa fase de grande adiantamento. A gravura proporciona já uma boa perspectiva desses importantes trabalhos de engenharia

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do director do Centro de Estudos de Estatística Económica, recebemos um ofício, agradecendo ao «Diário de Lisboa» a desenvolvida referência que o nosso jornal fez ao recente trabalho, por ele publicado, «Evolução da Estrutura Escolar Portuguesa (Metrópole) — Previsão para 1975».

Abastecimento de água
a várias localidades do País

As Camaras Municipais do País, com a comparticipação do Estado, continuam a beneficiar as populações com abastecimentos de água, que muito contribuem para o desenvolvimento das respectivas localidades.

Terminaram ontem em Santa Margarida da Coutada e Portela, do cencelho de Constancia, as obras de abastecimento de água; está prestes a ser concluída a empreitada da substituição da velha conduta de ferro do abastecimento de água á Praia da Rocha por outra em lusalite; e vão começar os trabalhos de assentamento das novas condutas de reforço á Figueira da Foz e a Figueiró dos Vinhos. Também tiveram já começo os trabalhos de assentamento de tubagem lusalite para reforço do abastecimento de água a Caneças, a Serra Moreira e outras localidades do concelho de Loures.

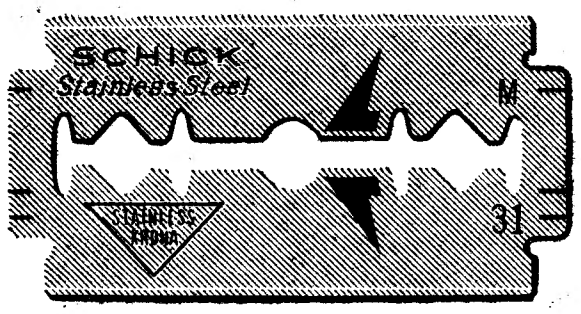
XANEL
MODAS
SALDA
MALHAS | nacionais, estrangeiras e confecções
RUA DO CARMO, 74

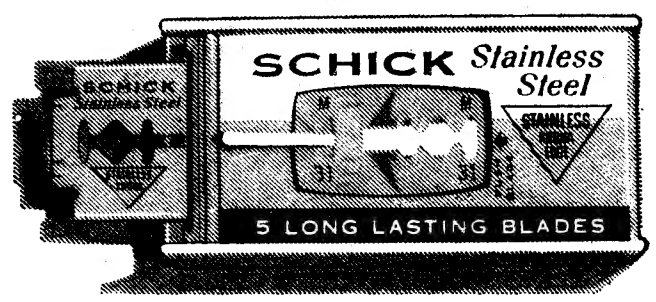
Dactilografia
ESTENOGRAFIA
Cursos rápidos e normais. N. B. Esta Escola está equipada com moderno sistema electrónico, que dá aos alunos a possibilidade de adquirirem grande velocidade de escrita, R. do Arsenal, 100, 1.º, T. 325652.

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA E' SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Gravataria
RUA AUREA, 172
ESTÁ LIQUIDA
Restos das suas
COLECÇÕES DE INVER
Homem e Senhora
Sobretudos
Gabardinas
MALHAS

Uma única lâmina barbeou estes 15 barbeiros...





...e eles s
é INCRÍVEL
SCHICK S
alia a per
à permane
Em distribuid

SCHICK

DISTRIBUIDORES:
João Machado da Conceição & C.ª Lda.
LISBOA — PORTO

CARTAS DO BRASIL

(Continuação da 1.ª página)

Raimundo era temido pela sua pena de jornalista de combate, gostando da luta e da polémica. Adorava o ataque. Não o imaginem, porém, uma espécie de mosqueteiro, de capa ao vento, alto, elegante, dominador. Não. Raimundo é um sujeito baixote, atarracado, com voz de vidros quebrados rangendo dentro de um saco. Paulo de Magalhães, que era, nesse tempo, seu implacável adversário falava dele assim:

«— Quando o Raimundo estava em Nova York, dois americanos, ao vê-lo na rua, imaginaram que era um robot. E como ele estivesse falando com outros brasileiros, os americanos, surpresos, ficaram gritando: «— Ele até fala! Ele até fala!»

Exagero, é claro, de uma vítima, que se considerava o autor mais representado do Brasil, e que Raimundo castigava severamente nas suas crónicas de teatro. A mim, também, não sei já a propósito de quê, botou pelas ruas da amargura. Nossas relações têm sido sempre dominadas por uma pitoresca série de altos e baixos. Mais baixos do que altos. Quando eu estava á frente de uma empresa teatral, tive nas mãos uma comédia que ele gentilmente me enviou. Sugeri-lhe modificações que Raimundo achou impertinentes. Quando trabalhava em cinema (mal, reconheço) podia ter escolhido para assunto de um filme certa obra de sua autoria que me foi aconselhada. Também, não sei porquê razões obscuras, votei contra. E quando, por fim, fui encarregado de montar, em Brasília, num palco improvisado no alto do palácio do Congresso, o espectáculo comemorativo da inauguração da nova capital, expliquei a Josué Montelo que o óptimo texto que Raimundo escrevera na base de figuras individuais não estava certo com um palco de oitenta metros de boca de cena — e onde o que devia dominar eram os movimentos de massas, os grandes conjuntos simbólicos. Foram, por isso, sacrificados em grande parte, repito, os óptimos textos de Raimundo Magalhães. Estes desencontros de opinião não viraram, no entanto, como eu temia (num temperamento exaltado como o do vibrante polemista) nem fel, nem vinagre. É certo que, hoje em dia, raras vezes nos falamos ou nos encontramos. Mas eu continuo a ter por ele, e pelo seu animo quixotesco de continuar escrevendo com bombas de arraza-quarteirão, o respeito que sempre me mereceu o seu admirável inconformismo.

Vem isto a propósito da tempestade que Raimundo desencadeou agora no Brasil com um recente livro em que faz passar tratos de polé á figura até hoje intocável do grande Rui Barbosa. De todo o lado surgem protestos indignados. Os jornais andam cheios de recriminações. Levi Carneiro, condestável da memória de Rui, afirma que falta a R. M. J. sentimento de historiador e a necessária cultura jurídica. Raimundo é hoje membro da Academia Brasileira de Letras. Mas todos os académicos estão contra ele. Ferozmente. E por ser dos mais brandos aqui fica o depoimento de Josué Montelo, também académico, e um dos poucos em que o autor não é condenado ás fogueiras que merecem os ímpios:

«Se R. Magalhães Junior tivesse a mais longinqua desconfiança de que seu livro poderia contribuir para empobrecer o património democrático do Brasil, solapando o pedestal de uma das suas mais altas glórias, estou certo de que, antes de levar adiante o seu libelo, tomaria a iniciativa de deixá-lo no tinteiro.

«Ele sabia perfeitamente, pelo conhecimento do outro lado da personalidade de Rui Barbosa, que as duras críticas a que ia submeter os seus erros, na codificação polémica de um livro, não tirariam de seu nicho o velho ídolo liberal, mas constituiriam uma lição oportuna para proveito das severidades excessivas, inclinadas a inquéritos, sindicancias e punições: a de que até mesmo o grave Conselheiro, tão alto na dignidade de sua glória, poderia ser levado a sentar no banco dos acusados, se abstraíssemos o lado positivo de sua individualidade».

O SAMBA É NOSSO!

Contei recentemente que Luiz da Camara Carcudo afirma que o fado é brasileiro, e que só se tornou conhecido em Portugal depois da volta ao reino do senhor Dom João VI. Aqui está agora o professor Claudio Bardy, dando aos portugueses uma generosa compensação. Diz ele que as Escolas de Samba, as famosas Escolas de Samba do Carnaval carioca, surgiram em Angola há 470 anos. Quer dizer: o samba veio da Africa Portuguesa, onde já existia de longa data. Quase há cinco séculos! Mas ouçamos o professor:

«— A raiz do samba está ligada ao descobrimento de Angola pelos portugueses. A História regista que Portugal teve muitos problemas para anexar Angola, como sua possessão, pois o povo era pagão, e como o Papa não reconhece os países não-católicos, os portugueses fizeram encenacões, com trajes de rei e de toda a Corte, para iludi-lo.

Disse que os negros ficaram entusiasmados com as fantasias e desde então disputavam, com lutas, o direito de ser o Rei do Congo».

— Mas em tudo isso onde está o samba?

— Um momento! «Quando vieram escravos para o Rio quiseram restaurar a Corte do Rei do Congo. Tal facto constituia mais uma tradição, qual seja a de se fantasiarem com cores berrantes e roupas exóticas.

«Como não dispusessem de meios para organizar, como em sua terra natal, uma Corte do Rei do Congo, procuraram as Irmandades de São Elesbão e Santa Efigenia e da Lampadosa, e a elas competia nomear o rei e a rainha que sairiam em desfile na Congada do Rosário.

«Em 1820 tais desfiles foram proibidos porque «os capoeiras fechavam o tempo e assim, a Corte do Rei do Congo saia juntamente com o desfile dos Ranchos portugueses na época do Natal, para festejar os Reis Magos.

Com a inclusão dos crioulos acabou-se o Rancho dos Reis e começou o desfile de Ranchos de Carnaval. Em 1897 Chiquinha Gonzaga escreveu a marcha *Abre Alas*, que logo tomou conta do povo e ficou assim como o ritmo oficial dos ranchos. Com isso o samba ficou relegado aos ritos dos terreiros de macumba, e como os crioulos não se contentassem em perder a oportunidade de se fantasiarem como reis e rainhas, começaram a sair no Carnaval organizados em escolas de samba. Hoje, o Rei é o mestre-sala e a rainha é a porta-estandarte».

De facto, como já disse em cartas anteriores, não há enredo de Escola de Samba que não seja na base dos desfiles de reis e rainhas. É uma coisa que lhes está no sangue. Que importa se levam o ano inteiro carregando pedra (simbòlicamente, é claro) — se numa noite de Carnaval se redimem de todo o sofrimento, carregando manto e coroa!

MELANCOLIA DO 4.º CENTENÁRIO

Todo o mundo pergunta:

— Afinal quando começam os festejos do 4.º Centenário?

De positivo parece que Portugal traz um pavilhão e oferece ao Rio de Janeiro uma estátua de D. João VI. O mais é tudo conversa fiada. A possibilidade turistica que o 4.º Centenário poderia criar não mereceu o menor interesse oficial. O que se impõe, o que interessa, o que domina é a ambição ocasional e politica. De aí a interrogação inútil: — Quando começam os festejos do 4.º Centenário?

Falemos com franqueza. Não há festejos. Há palavras. Tudo agora, por exemplo, é quatrocentão. *Sabonetes, cigarros, cachaça. Não há festejos, há frases. E, como quem depõe flores sobre a pedra fria de um mausoléu, aqui ficam algumas, em que gente de todo o Mundo exaltou em quatro séculos esta cidade maravilhosa.*

Do padre Anchieta: *É a mais airosa e amena baia que há em todo o Brasil.*

Do padre Nóbrega: *Esta terra é nossa empresa.*

Do padre Fernão Cardim: *Dentro da barra tem uma baia que parece que a pintou o Supremo Pintor.*

De Bougainville: *A vista desta cidade causará sempre o mais vivo prazer aos viajantes.*

Do capitão Cook: *O clima é bom, e eu nunca vi, como aqui, tanta variedade de peixes, para cuja pesca o sitio é muito apropriado.*

De Jacques Arago: *A esplêndida baia do Rio de Janeiro recorda tudo que a imaginação dos poetas e dos pintores tem sonhado de mais belo.*

De Saint-Hilaire: *A baia do Rio de Janeiro, na frase de um dos nossos mais instruídos almirantes, pode conter todos os portos da Europa.*

De Maximiliano de Reuwied: *O porto é o mais belo e o mais seguro do Novo Mundo.*

De Vaillant: *É o privilégio das grandes forças da natureza, porque no esplendor harmonioso que as caracteriza, há algo de imponente que penetra a alma.*

De Ribeyrolles: *Todos quantos, artistas, viajantes, historiadores, aqui passaram, teceram seus hinos sobre a sua beleza, sobre as praias indolentes e encantadas, sobre as magnificas profundezas desta cidade.*

De Debret: *O Rio é o principal entreposto do comércio do Brasil.*

De Spix e Martins: *Todos se deleitavam na contemplação do Rio, cuja doçura, cuja variedade, e cujo esplendor superam o que há de mais belo na natureza, e como jamais havíamos visto.*

Pois é. Mas estamos em 1965. De que valeu tanta frase bonita?

C. de G.

...e eles são unânimes: da 1.ª à 15.ª barba a *SCHICK Stainless*
é INCRÍVELMENTE MAIS SUAVE E MAIS EFICAZ!
SCHICK Stainless, a primeira lâmina de longa duração em Portugal,
alia a permanente suavidade de fio tratado Krona
à permanente eficácia de corte do seu aço inoxidável especial!
Em distribuidores de 5 lâminas: 14$50, ou caixas de 3 lâminas: 8$70.

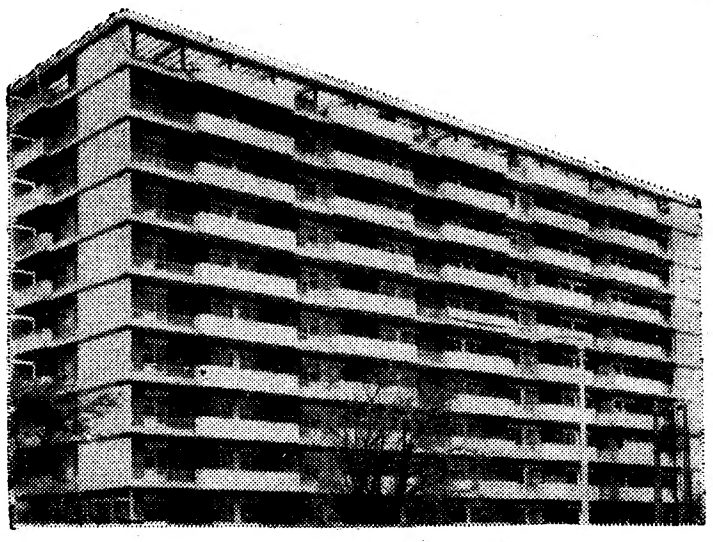
CK *Stainless* STAINLESS KRONA EDGE

EXPORTAÇÃO DE GLUCOSE DE PRODUÇÃO NACIONAL

Ainda há bem pouco tempo demos conta do movimento exportador de amidos e féculas produzidos pela indústria amideira nacional e já agora temos conhecimento de um importante embarque de Glucose, outro dos muitos produtos que esta indústria produz.

O carregamento de 150 toneladas ora efectuado, destinado ao mercado do Médio Oriente, para onde aliás outras partidas idênticas se efectuarão, em ritmo mensal, denotam bem a tendência expansional da indústria amideira procurando colocar, em mercados externos, a gama dos produtos que fabrica.

MOSCAVIDE



VENDA DOS POUCOS ANDARES QUE RESTAM!

2 e 3 assoalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, hall, roupeiros, varandas c/ vista magnífica para o Tejo

* Azulejos e louças de cor
* Madeiras exóticas
* 2 elevadores de conceituada marca

180, 260 e 285 CONTOS

VENDAS A PRONTO
OU COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ATÉ 25 ANOS

Para cada caso uma solução

ADMINISTRAÇÃO, EXPOSIÇÃO E VENDAS:
R. D. Ant. de Almada, 5, 2.º, Dt.º
Tel. 32 00 63 e 32 00 47

ORGANIZAÇÃO BRANCA LUCAS
de
ANTÓNIO RODRIGUES DA BRANCA LUCAS

CONSTRUÇÃO CIVIL:
CALÇADA DA MOURARIA, 1, 1.º
TELEFS. 86 88 53 - 87 13 72

LIBERTE-SE DA RENDA DA CASA

VENDA DE ANDARES

3 DIVISÕES ASSOALHADAS, COZINHA, CASA DE BANHO, DESPENSA, HALL, MARQUISE * ÓPTIMOS ACABAMENTOS

90 e 110 contos

ESCRITURAS EM 24 HORAS

PAGAMENTO: A PRONTO, OU COM FACILIDADES ATÉ 25 ANOS

ORGANIZAÇÃO BRANCA LUCAS
de
ANTÓNIO RODRIGUES DA BRANCA LUCAS

RUA DOM ANTÃO VAZ DE ALMADA, 5, 2.º, DT.º – LISBOA

TEL. 320063 * 320047

SENSACIONAL!

A firma A. SANTOS SILVA, Rua Passos Manuel, 4-A vê-se forçada com a chegada de novas remessas e absoluta falta de espaço a vender por preços excepcionais:

TELEVISORES
ESQUENTADORES
FRIGORÍFICOS
MAQ. DE LAVAR, FOGÕES, ETC.

NÃO PERCA V. EX.ª A OPORTUNIDADE QUE AGORA LHE OFERECE A CASA:

A. SANTOS SILVA

R. Passos Manuel, 4 - A — Telefones 736598 - 537957

Carrier AR CONDICIONADO
INDÚSTRIAS TÉRMICAS
NUNES CORREIA S. A. R. L.
LISBOA — R. DO ALECRIM, 29 — TELF. 30901/6
PORTO — R. DA FIRMEZA, 483 — TELF. 28014

o FORTIFICANTE DIGESTIVO E DIGESTÓNICO
VITACOLA

Mobílias tipográficas
Antiga casa Soares & Coelho
Os que mais barato fabricam
R. do Norte, 61 (ao Camões)
Telef. 326550

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

RATO

OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES, DENTADURAS
PREÇOS DE POLICLÍNICA — CONSULTAS DAS 9 À MEIA-NOITE
Aos sábados das 9 ás 19 horas — aos domingos das 10 ás 13 horas
CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO) TELEF. 684191

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se á venda na TABACARIA CAMPINAS, R. Joaquim Sabino Faria, 18-A.

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.
LISBOA - TELEFS. 68 41 41 / 2 / 3

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56-1.º, Esq.º — Telef. 736380

Winston Churchill

(Continuação da 1.ª página)

um estrangeiro, como eu, está no direito de prestar homenagem á memória de Churchill como uma personalidade extraordinária que, além de interpretar as virtudes da Grã-Bretanha através de tudo foi intérprete de um sistema politico que, sob muitos aspectos, continua a ser uma lição permanente para o mundo. A este reconhecimento é legítimo juntar o sentimento de solidariedade que associou a Grã-Bretanha á França, perante as ameaças temerosas do hitlerismo para não falar dos momentos de fraqueza que foi o primeiro a verberar quando assumiu a direcção da causa comum que ligou os dois povos.

Há ainda hoje franceses que vêem em Winston Churchill o «gentleman», satisfeito e jovial, apaixonadamente nacionalista e um pouco excêntrico, bebedor de «whisky» e fumador de charutos, cujas qualidades de lutador emérito se revelaram apenas ao ser encarregado de dar um desfecho condigno ao drama hitleriano. Não lhe desagradava que o encarassem como um representante da truculência e liberdade de espírito de Falstaff. Mas nunca, quando isso acontecia, se olvidava de que Shakespeare pôs nessa personagem o significado de uma humanidade profunda, complementar e não oposta á razão política.

No período que precedeu, de perto, a ultima guerra, quando Hitler caminhava, de sucesso em sucesso, marcando todos os dias pontos perante a nossa irresolução, Churchill portava-se como um perturbador que suscitava problemas distantes, inquietava os correligionários e obstinadamente se recusava a inclinar-se perante as exigências da política interna e a necessidade de lisonjear a opinião publica que outros exploravam para justificar as suas fraquezas. Os factos não tardaram a mostrar que tinha razão contra o oportunismo que vivia o seu dia-a-dia.

Era já então um gigante que se obstinava só ou quase só, a dar provas de homem de Estado lucido, que se não contentava com as habilidades e as manobras e tinha o mérito de ver com clareza, de separar o essencial do acessório, a este sujeitando as outras preocupações e, sobretudo, de proclamar a verdade por muito dolorosa que fosse. Ele que, nas piores horas da guerra, nunca deixou de perder dez segundos na sesta, foi nas descuidadas horas da paz, entre 1935 e 1939, como simples parlamentar, sem responsabilidades de governo, que deu a medida da sua tenacidade, não dormindo, sobretudo quando tinha notícia de qualquer nova prova de cegueira dos dirigentes do seu país e do meu. Mostrou então a sua coragem, pois tinha de ser desagradável e irritante, impopular e vagamente ridículo, ao denunciar um perigo que os outros não consideravam imediato nem certo, esbarrando no optimismo dos dirigentes e na incompreensão da opinião, esforçando-se por despertar as atenções que preferiam distrair-se com os pequenos dados do problema que impediam de ver os grandes.

Dos dois lados da Mancha representava-se a mesma tragédia, praticavam-se os mesmos erros, encaminhava-nos a mesma fatalidade. Dia a dia, Churchill não escondia a sua angustia. As suas intervenções repetiam-se, com o mesmo tema — a identidade de interesses franco-britanicos, a semelhança de ideias da França e da Grã-Bretanha perante a ameaça comum e, portanto, a necessidade permanente de uma estreita colaboração dos dois povos. Quando em 1940 a França foi esmagada, Churchill, que acabava de ser nomeado primeiro-ministro, não nos fez a mais leve censura ou recriminação. Não deu a sua aprovação ao armistício que assinámos, mas não atirou pedras ao Governo francês que o aceitou, subjugado pela derrota. Para nos desligar dos compromissos que assumíramos com o seu país, pôs uma unica condição — que a esquadra francesa não caísse em poder do inimigo. Se o Governo francês prevenido por ele, tivesse mandado sair das bases essa esquadra, nunca se teria dado o drama de Mers-el-Kebir. Darlan prometera, em 15 de Junho de 1940, mandá-la para o Canadá. Ainda hoje não sabemos porque o não fez.

Se a França quisesse prosseguir na guerra, oferecia-nos a união imediata dos dois países que passariam a constituir um Estado unico, fundindo-se os Governos, os parlamentos e as nacionalidades. Em circunstancias trágicas, a sua audácia e visão levaram-no á extremidade de uma solução sobre a qual é impossível hoje dizer que consequências nos traria se fosse aceite, mas que exprimia, de maneira impressionante e solene, a importancia da solidariedade franco-britanica ilimitada, para o melhor e para o pior.

O general De Gaulle, que colaborou na redacção desse projecto de união, associou-se a ele, com entusiasmo e decisão, e fez tudo para que o Governo britanico o adoptasse. Como ele procederam Jean Monnet e Paul Reynaud. Outros franceses, porém, receberam a notícia com cepticismo, ironia e desconfiança. A mais acatada autoridade militar do nosso país (referência ao general Weygand) proclamava que «em três semanas os alemães torceriam o pescoço da Grã-Bretanha como se fosse um frango». Outra eminente personalidade dizia que «juntarmo-nos á Grã-Bretanha era casar com um morto». Era na verdade trágica a situação da Grã-Bretanha. Perdera parte das suas reduzidas forças e do seu equipamento militar no continente. Tinha de enfrentar, sózinha, a gigantesca máquina de guerra do inimigo. Foi a altura de mostrar a disciplina e o heroísmo de uma grande nação, grande entre as grandes. Churchill mostrou quem era movendo-se á vontade através de perigos sem precedentes, «campeão — como escreveu de Gaulle — de um empreendimento a quem cabia a tarefa mais árdua que realizaria de maneira incomparável».

É impossível separar a sua acção do comportamento do seu povo, do valor das suas forças, do mérito das suas instituições. A concentração de poderes nas mãos do gabinete de guerra, a disciplina rápidamente instaurada, a qual indistintamente abrangia chefes militares, dirigentes politicos e sindicais, camponeses aos quais foi entregue a defesa do território, e operários das fábricas de material de guerra, o mérito da obra levada a bom termo deve ser atribuído a todos. Churchill não pediu poderes especiais, não exigiu que fossem suspensas as liberdades publicas ou que o parlamento interrompesse as suas sessões. Como Clemenceau, trinta anos antes, «fez a guerra» e levou o seu país á vitória sem pôr de parte ou enfraquecer as instituições democráticas, ameaçadas do exterior mas intactas graças á vontade do povo inglês e daqueles que escolheu para o dirigir, encaminhar na acção e o comandar no combate.

(Conclui amanhã)

PIERRE MENDÈS FRANCE

ESQUENTADORES
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

MAPLES
Os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Cbelho
Tel. 326550
Rua do Norte, 61 (Ao Camões)

CONSTERNAÇÃO NO MUNDO

LONDRES, 24 — (R.) — Expressões de homenagem a «sir» Winston Churchill, de grandes figuras e pessoas humildes, chegam a Londres desde o momento em que a notícia da sua morte foi transmitida, velozmente, a todo o Mundo.

BRUXELAS—Paul Henry-Spaak. ministro dos Negócios Estrangeiros belga disse: «O seu destino foi, na verdade, glorioso — ser o porta-voz de todo um povo na época mais crucial da sua História, e ainda mais, o principal actor da gigantesca luta em que esteve em jogo a nossa civilização...

No momento do desaparecimento deste defensor da democracia e liberdade, do mais ilustre estadista da nossa época, deste homem tão profundamente humano — com as suas paixões, iras, generosidade e teimosia — a nossa emoção e pesar são expressos de melhor maneira por meio de silenciosa meditação».

NOVA YORK — Adlai Stevenson, duas vezes candidato democrático á presidência e, presentemente, o principal delegado norte-americano nas Nações Unidas, disse: «Ele, com Franklin Roosevelt, deram-nos a nossa mais bela hora. Não receava o sangue, o suor ou as lágrimas — ou qualquer coisa desse género. Agora tudo o que temos deles é a inspiração do seu indomável espírito — mas esse é o maior legado que ele nos podia deixar.

PARIS — Paul Reynaud, primeiro-ministro da França na altura da invasão alemã em 1940, disse: «Churchill morreu. O maior homem da nossa época e de toda a História da Inglaterra acaba de falecer, depois de manifestar numa luta desigual com a morte, a mesma coragem que mostrou na presença do inimigo».

HELSÍNQUIA — O presidente Urho Kekkonen enviou o seguinte telegrama a «lady» Churchill: «Permita-me que lhe envie as mais sinceras manifestações de pesar por ocasião da sua grande perda».

SANTIAGO DO CHILE — O ministro dos Negócios Estrangeiros chileno, Gabriel Valdes, afirmou que «sir» Winston foi, durante muito tempo, um símbolo dos mais nobres sentimentos da alma humana.

OTTAWA — O primeiro-ministro do Canadá, Lester Pearson, considerou «sir» Winston Churchill como «a suprema encarnação do espírito humano». Afirmou que a vida de «sir» Winston tocara todas as vitais actividades humanas e dominara a maior parte delas. Ele não era um semideus, alheado no Olimpo, mas um dos mais calorosos seres humanos.

NOVA DELHI — O primeiro-ministro Lal Bahadur Sastri disse aos jornalistas: «Estou profundamente chocado. Parece que ele travou a sua ultima batalha». Sastri disse que «sir» Winston viveu para a paz e democracia em todo o Mundo. «Desejaria transmitir as minhas condolências a «lady» Churchill e á nação britanica», acrescentou.

TÓQUIO — O antigo primeiro-ministro liberal japonês Shigeru Yoshida, disse que «sir» Winston foi um grande homem. «Tive um grande respeito por ele. Sinto profundo pesar, juntamente com o povo britanico, pela perda do maior homem deste século».

Quando «sir» Winston Churchill faleceu, esta manhã, o primeiro comentário soviético foi feito por Ivan Maisky, embaixador da Russia em Londres, durante a guerra. «Apenas posso manifestar o meu pesar», disse o reformado diplomata.

Nenhum dos actuais dirigentes soviéticos principais conheceu intimamente «sir» Winston. Quando ele veio á Russia durante a guerra, eles encontravam-se ainda em recuado plano político. A unica excepção é a do presidente Anastas Mikoyan, que o conheceu no Kremlin, no gabinete de Estaline.

«A LIBERDADE PERDEU UM GRANDE CAMPEÃO»

NOVA YORK, 24 — (R.) — O povo dos Estados Unidos junta-se ao da Grã-Bretanha e de todo o Mundo no sentimento pelo falecimento de Winston Churchill.

Nenhum homem, neste século, desfrutou de tal amor e estima por parte dos americanos. Ele foi, simplesmente, um «grande homem» excedendo todos os outros grandes homens. Mesmo o presidente Franklin Roosevelt não conquistou nunca tal afecto e respeito.

O vice-presidente, Hubert Humphrey, afirmou que a «liberdade perdeu um grande campeão. O exemplo de coragem e de força de alma, de estadista e de dedicação ao dever, viverá sempre no coração dos homens livres», afirmou.

A INGLATERRA DE LUTO

LONDRES, 24. — (F. P.). — Em toda a Inglaterra as bandeiras dos edificios publicos foram colocadas a meia haste ao ser anunciada a morte de «Sir» Winston Churchill.

Numerosas embaixadas estrangeiras em Londres fizeram já o mesmo.

Na Fleet Street, vêem-se, igualmente, bandeiras a meia haste em todos os edificios dos grandes jornais.

A Camara dos Lordes foi convocada para amanhã, á tarde, a fim de prestar homenagem á memória de «Sir» Winston Churchill.

DOUGLAS-HOME: «TODOS LHE DEVEMOS CONTINUARMOS VIVOS E LIVRES»

O antigo primeiro-ministro conservador, «Sir» Alec Douglas-Home, declarou: «A morte de «Sir» Winston provoca em cada um de nós, neste país, um sentimento de profundo desgosto a que se vem juntar a mais viva gratidão, pois todos lhe devemos, no sentido próprio destas palavras, continuarmos vivos e livres».

O MARINHEIRO NEO-ZELANDÊS SOLUÇOU SOB A CHUVA

Foi pela rádio dos seus carros que os jornalistas aglomerados á entrada de Hyde Park Gate foram informados do falecimento de «Sir» Winston Churchill.

O marinheiro neo-zelandês que não abandonara o local desde que fora anunciada no ultimo dia 15, a doença do antigo primeiro-ministro, rompeu em soluços apoiado a uma árvore, sob a chuva.

Defronte do numero 28, Edmond Murray, o «guarda-costas» de «Sir» Winston Churchill vai e vem, vulto solitário de rosto transtornado.

DE GAULLE deve deslocar-se a Londres

PARIS, 24 — (F. P.) — Embora não haja ainda alguma declaração oficial, os círculos bem informados têm como certa a ida do general de Gaulle a Londres, para assistir aos funerais de «sir» Winston Churchill.

Churchill terá funerais nacionais com todas as honras reservadas à realeza

LONDRES, 24 — (R.) — «Sir» Winston Churchill, que recusou as mais altas honras no decurso da sua longa vida, vai receber o mais alto testemunho do respeito da nação após a sua morte — funerais nacionais, geralmente reservados á realeza.

A própria rainha Isabel pediu que esta honra fosse concedida ao velho estadista e ela será aprovada numa curta reunião do Parlamento quando os dirigentes dos partidos testemunharem as suas homenagens a «sir» Winston Churchill.

A rainha chefiará o que se espera venha a ser uma vasta reunião de dignitários mundiais numa pompa solene de cerimónias fúnebres.

Apenas dois outros antigos primeiros-ministros foram honrados desta maneira, ambos no século XIX.

O primeiro, em 1852, foi o duque de Wellington — um grande estadista guerreiro, tal como «sir» Winston, o outro foi em 1898, no funeral de William Ewart Gladstone, veterano dirigente do partido liberal.

O duque de Wellington está sepultado na catedral de S. Paulo e Gladstone na abadia de Westemister. Porém, a sepultura de «sir» Winston Churchill, no pequeno cemitério da igreja de S. Martin, na aldeia de Bladon, nas proximidades do palácio de Blenheim, significa um regresso á sua terra natal e á residência ancestral dos Marlboroughs, de cuja família ele descende.

A cerimónia religiosa será na catedral de S. Paulo, no próximo sábado, 30 de Janeiro, segundo comunicou o primeiro-ministro Harold Wilson.

Antes dos funerais nacionais, o corpo de «sir» Winston Churchill será levado para Westminster Hall, a unica porção que resta do Palácio de Westminster, construído no século XI, onde ficará, em câmara-ardente, durante dois ou três dias.

Este foi o «hall onde o Parlamento de Simon de Montfort—o primeiro Parlamento da Grã-Bretanha que incluiu representação popular — reuniu, há precisamente 700 anos, completados este mês.

Espera-se que o dia dos funerais seja declarado dia de luto nacional, de modo que o maior numero de pessoas possam prestar homenagem ao homem que conduziu o povo na segunda guerra mundial.

Depois, serão feitos planos, mais tarde, para um monumento nacional permanente.

UM LUTADOR

(Continuação da 1.ª página)

Em momentos culminantes assumiu a responsabilidade de decisões de extraordinário alcance, das quais dependeu a sorte da paz e da guerra. A hora mais bela da sua carreira e da história da Grã-Bretanha foi aquela em que, só e sem recursos, levantou a voz de ressonancia heróica, no meio do pavor geral para anunciar que a alvorada sucederia à noite que ensombrava o Mundo. A sua intuição e a sua experiência juntaram-se a um temperamento impetuoso para decidir da segunda guerra mundial.

Os reveses não lhe entibiaram a alma nem enfraqueceram a vontade. Derrotado, quando pela primeira vez se apresentou como candidato a deputado, contrariado nos seus planos para a construção da grande esquadra que conservou ancorados nas bases os navios de guerra alemães, responsabilizado pelo desastre dos Dardanelos, afastado do Poder pela política de apaziguamento, partidário de Eduardo VIII, quando este concitou a hostilidade dos dirigentes e do povo da Grã-Bretanha, vendo expulsos os ingleses da Europa, desde a Noruega à Grécia, batidos na África e na Ásia, com o Terceiro Reich a dominar o continente europeu do Cabo Norte a Atenas, nunca se deixou vencer pelo desanimo ou pela fatalidade. Entre 1939 e 1945 quando tudo à sua volta duvidava acreditou no triunfo e perenidade dos mais duradouros e representativos valores humanos.

O desaparecimento deste proeminente vulto da politica e da História contemporanea da Grã-Bretanha, derradeiro representante de uma era de poderio e irradiação, sobrevivente glorioso da grandeza vitoriana e de tudo o que esta representou, é uma perda irreparável para os seus compatriotas e para a Humanidade de que foi alto expoente e símbolo representativo. Dele pode dizer-se, com justiça e fundamento, que deixa recordação que se prolongará pelo tempo fora no reconhecimento de quantos têm consciência de que com ele contraíram uma divida de gratidão eterna.

Homenagem do Cinema à memória de «Sir Winston Churchill»

A Rank Filmes de Portugal informa que, a partir de hoje, é exibido nos cinemas: Império, Politeama, São Jorge e Tivoli, de Lisboa; Águia de Ouro e São João, do Porto, e ainda, Avis e Miramar, de Luanda, um histórico documentário sobre a vida de «Sir» Winston Churchill.

Trata-se de «O Campeão da Liberdade» — «Champion of Freedom» — notável biografia cinematizada, onde se registaram para a posteridade todos os acontecimentos históricos ligados á vida do grande estadista inglês.

Ao longo de uma vida muito intensa de movimentada actividade

Na história agitada deste século, nenhum nome ficará gravado com tanto relevo como o de Winston Churchill. A sua figura, agigantada por uma acção notável, que se traduziu nas multiplas facetas de uma carreira caracterizada pelas mais diversas tarefas, tem bem a marca de um génio que só raramente surge num país, para glória da terra onde nasceu e para prestígio da própria espécie humana. Chamado um dia a conduzir os destinos da sua pátria, coube-lhe, em certo momento decisivo e dramático, a pesada responsabilidade de orientar também os destinos do mundo inteiro. A' sua visão clara, á sua determinação firme e enérgica, á sua indomável força de vontade, se ficou a dever, sem duvida nenhuma, uma viragem completa da história do nosso tempo. Sem essa atitude ímpar, a Humanidade teria, por certo, mergulhado numa longa e sombria noite, de prolongada angustia, de que só passadas muitas gerações viria a ter ocasião de emergir. Por isso, no momento doloroso da sua morte, toda a Humanidade, consciente dos seus destinos, se curva respeitosamente perante os despojos gloriosos do grande estadista.

O cadete de Sandhurst

O tenente de Lanceiros de Bengala

O combatente do Sudão

● O aristocrata que se identifica com a causa do povo

Por um destes estranhos caprichos da sorte, que ás vezes se compraz em criar os mais insólitos paradoxos, o homem que havia de se tornar num dos mais firmes representantes do povo britanico, acompanhando-o nas suas mais graves vicissitudes, pertencia a uma família da melhor aristocracia — os duques de Marlborough. Filho mais velho de lorde Randolph Churchill, cujo pai era terceiro filho do sétimo duque, Winston Leonard Spencer Churchill foi, sobretudo, influenciado pelo carácter de sua mãe, a sr.ª Jennie Jerome, americana de nascimento, cujo pai pertencera ao serviço consular dos Estados Unidos e exercera funções directivas no «New York Times». Jennie era dotada de grande beleza e, além de possuir raros encantos no convívio social, também dispunha de apreciáveis dotes literários, qualidades que, efectivamente, parecem ter-se reflectido, com acentuada firmeza, na personalidade de Winston Churchill, embora tudo parecesse indicar que seria o carácter marcial da família paterna que havia de determinar o seu destino.

O futuro primeiro-ministro da Grã-Bretanha nasceu no Palácio de Blenheim, a histórica residência dos Marlborough, no Oxfordshire, a 30 de Novembro de 1874, e logo houve quem visse no novo descendente dos famosos duques um predestinado para a carreira militar. Não estava o próprio local do nascimento ligado á vitória de John Churchill, primeiro duque de Marlborough, sobre os franceses e os bávaros, no ano de 1704?

Não seria, na realidade, apenas o aspecto militar que havia de avultar na sua complexa e movimentada biografia, mas há que reconhecer que, se, por um lado, o brilho da inteligência materna havia de iluminar todo o espírito do notável homem publico, a determinação fria do guerreiro que fez do longínquo antepassado um autêntico herói, também o marcaria profundamente, para o guiar não só nos primeiros passos de uma episódica carreira de soldado, mas, sobretudo, nos passos mais decisivos da sua vida, em que teve de travar luta titanica para levar á vitória a sua pátria e as outras nações que se lhe juntaram, na defesa dos princípios sagrados do povo livre.

Acorrendo corajosamente aos pontos mais atingidos pela aviação alemã, durante a Batalha de Londres, Churchill era visto com frequência entre as ruínas da cidade, como nesta ocasião em que contempla os destroços da Câmara dos Comuns

● Estudante pouco aplicado e soldado irrequieto

O talento brilhante, de características, sem duvida, originais do jovem Winston não se coadunava muito com as exigências de um ensino vazado em moldes rígidos. Nas suas memórias, traçadas com um admirável sentido literário, ficou bem expressa a sua aversão pelos programas disciplinados, com que queriam fazer dele um jurista, no propósito deliberado de que ingressasse na política, como membro do Partido Conservador.

Nas suas brincadeiras, em que ás vezes participava o irmão Jack, revelavam-se preferências em que podiam adivinhar-se já as qualidades excepcionais de futuro condutor de homens.

Posta de parte a ideia de o conseguir interessar pelo estudo das leis, Winston Churchill foi então orientado para a vida militar.

Passada a fase, para ele fastidiosa, do ensino preparatório, Churchill entrou para a escola de cadetes de Sandhurst, donde saiu para ingressar no regimento n.º 4 de hussares, com o posto de alferes. Não era, porém, a vida tranquila do quartel que se ajustava ao carácter impulsivo e irrequieto do jovem oficial.

Atraiam-no as perspectivas de combates emocionantes, que pudessem satisfazer o seu espírito irrequieto e aventuroso, alimentado por uma firmeza de indomável decisão e por uma imaginação brilhante. Foi assim que cedo acorreu aos locais de combate mais variados, numa acção que ele próprio havia de descrever eloquentemente, nas páginas mais sugestivas das suas evocações da juventude.

A guerra de Cuba atraía, então, as atenções do Mundo, e Churchill logo viu ali a primeira oportunidade de satisfazer os seus desejos. Obtida a licença do seu regimento, embarcou para Havana, para combater ao lado dos espanhóis contra os americanos, acompanhando aqueles até á derrota, numa atitude simultaneamente de generosidade e de coragem.

Regressado a Inglaterra, seguiu pouco depois para a India, como tenente dos Lanceiros de Bengala, incorporado na expedição organizada para punir os indígenas na região de Malakand. Ao mesmo tempo que participara nas acções militares, Winston Churchill revelava acentuado interesse pelas leituras clássicas e ia apurando os sentimentos humanos que haviam de o tornar defensor das grandes causas. Não se acomodando fácilmente ao espírito dos superiores, resolveu deixar a India e procurar outro cenário para a sua acção militar.

Escreveu, então, um relatório sobre a campanha de Malakand, que foi objecto de uma conversa com lorde Salisbury, que se encontrava na chefia do Governo britanico e que o felicitou, tanto pelos méritos de escritor que revelava no referido documento, como pela bravura que demonstrara na sua actuação militar.

Sempre irrequieto, incapaz de permanecer muito tempo na inacção da vida metropolitana, Winston Churchill conseguiu, pouco depois, não sem algumas dificuldades, ser enviado para a campanha do Sudão, onde Kitchner procurava dominar uma insurreição de indígenas.

Partiu no Verão de 1898 e chegou a tempo de, pela terceira vez, na sua curta carreira de oficial, tomar parte em violentos combates. Deixou-nos, da movimentada carga de cavalaria em que se viu envolvido, uma admirável e sugestiva descrição. Ferido num braço, largou o sabre e bateu-se á pistola. Mas, o calor da refrega e o sabor da vitória não apagaram no homem, de mais amplas preocupações e de visão rara, o sentido perfeito das realidades. Logo se verificaram intransponíveis divergências entre o jovem oficial e Kitchner. O Sirdar não queria prisioneiros, mas a Churchill repugnavam tais métodos de guerra.

Dessas divergências com Kitchner, que só por ocasião da primeira guerra mundial se haviam de dissipar, resultaram Churchill pedir a demissão do exército e, porventura, o novo rumo que havia de dar á sua vida, aliás não muito rectilíneo, tão variadas foram, por muitos anos, as suas tendências de homem de acção.

● As primeiras manifestações de firme carácter político

Com o extraordinário capital da exeriência adquirida em circunstancias tão especiais, Winston Churchill parecia possuir condições para entrar na vida política. Os chefes do Partido Conservador não quiseram, porém, nesse perturbado fim de século, apresentar o seu nome ás eleições, embora logo nas primeiras reuniões em que tomou parte se tivesse evidenciado como orador de excepcionais recursos. Um jornalista dessa época, G. W. Steevens, escreveu então, em palavras proféticas, que, «em 1930 o Parlamento britanico seria para o jovem Churchill um cenário demasiado acanhado e em 1940 a Europa não bastaria para enquadrar o seu talento».

Apesar da oposição dos chefes conservadores, Churchill apresentou, entretanto, a sua candidatura pelo círculo de Oldham. Batido, por ligeira margem pelo liberal Runciman, datam dessa época alguns debates violentos em que aparece mesmo, associado a uma crítica ao jovem candidato derrotado, o nome de Balfour, categorizado chefe conservador.

Entre as duas guerras, o casal Churchill com Leon Blum

Churchill confirmara, ao mesmo tempo, as qualidades literárias que deixara perceber no seu relatório da India e, na sequência dessas qualidades, principiara uma vida de jornalista, que registara logo alguns êxitos reveladores. Contratado pelo «Morning Post», partiu para a Africa do Sul, com a incumbência de fazer a reportagem da campanha que ali começara.

Num episódio movimentado da guerra dos «boers», Churchill, que seguia num comboio com tropas, teve ocasião de mostrar mais uma vez o seu extraordinário poder de decisão, alimentando o animo das

(Continua na página seguinte)

Churchill revelou raras qualidades de inteligência e de energia

(Continuação da página anterior)

forças cercadas por um grupo de aguerridos atacantes. De nada lhe serviu, porém, a experiência, a coragem e a determinação, pois acabou por ser feito prisioneiro. «Não temos todos os dias a satisfação de prender o filho de um lorde inglês» — comentou então o famoso general Botha, com quem, aliás, Churchill havia de ter mais tarde excelentes relações.

Numa atrevida fuga, cheia de peripécias emocionantes, chegou ao território de Moçambique, donde pôde regressar a Inglaterra.

● A vitória fácil com que entrou na carreira política

Recebido numa aura de caloroso entusiasmo, como herói de famosas aventuras, conquistou por fim o prestígio necessário para tentar de novo o acesso á política.

Foi de novo Oldham o círculo escolhido para a apresentação da sua candidatura, em 1900, e outra vez era Runciman o seu opositor. Mas desta vez a vitória foi fácil para o jornalista recem-chegado do ultramar.

Depois da vitória, o novo deputado visitou os Estados Unidos e o Canadá, onde fez conferências, que lhe deram fama e alguns proventos.

Com Montgomery, em Alamein, durante a batalha do deserto

Não ficou a sua entrada na Camara dos Comuns assinalada por um interesse muito expressivo, mas no segundo ano do seu mandato já o nome de Churchill se afirmara como o de um político rebelde e extremamente activo. O seu ataque ao orçamento, apresentado pelo Governo conservador mereceu-lhe ásperas censuras do partido. Assumindo uma posição de franco-atirador no Parlamento, desenvolveu então uma acção que lhe granjeou grande fama. Num dos notáveis discursos que então proferiu previu com raro poder de previsão o que seria o futuro do Império britanico e quais seriam as consequências de uma guerra europeia, cujas perspectivas começavam a avolumar-se.

Campeão do fortalecimento da Marinha de Guerra, atacou violentamente o Governo conservador, do qual acabou por afastar-se, em 1903, quando Balfour, ao recompor o gabinete, o não convidou para nele tomar parte.

Após um curto período em que actuou como conservador progressista independente, entrou para o Partido Liberal, pelo qual se candidatou, pelo círculo de Manchester, em 1905.

Tinha já completado trinta anos, quando se lhe deparou a primeira possibilidade de tomar parte num Governo. «Sir» Henry Campbell Bannermann constituí um governo liberal, de cujo elenco faziam parte algumas notáveis personalidades, como Asquith, Edward Gray, Lloyd George e John Morley. Churchill ocupou o cargo pouco representativo de secretário parlamentar para as Colónias. Como o titular da pasta era lorde Elgin, que não tinha entrada nos Comuns, o jovem secretário teve oportunidade de fazer algumas notáveis intervenções, que nem sempre mereceram a aprovação do ministro.

Quando Asquith formou governo, por morte de Bannermann, surgiram para a carreira de Churchill novas oportunidades. Com 34 anos sobraçava pela primeira vez uma pasta de ministro — a do Comércio. Sucedia a Lloyd George, com quem firmou sólida amizade.

Data dessa época o seu casamento com «miss» Clementina Hozier, descendente do conde de Airlil. «O meu casamento foi, e de longe, o acontecimento mais auspicioso e benfazejo de toda a minha vida» — havia de afirmar Churchill ao referir-se a esse facto decisivo da sua existência, celebrado como um grande acontecimento mundano, e á mulher que havia de ser a sua admirável companheira de uma carreira tão extremamente movimentada.

● A crescente influência do jovem ministro liberal

O ano de 1910 corresponde a uma época de certa expectativa na vida política britanica, mas Churchill ocupava já então uma posição de incontestável relevo. Membro do governo liberal, principalmente ligado a John Morley e a Lloyd George, exercia um papel de grande destaque político. Os conservadores detestavam-no, mas os correligionários temiam-no, pela sua audácia e a sua irreverência. Nesse ano transitou da pasta do Comércio para a do Interior, cuja gerência era nessa altura particularmente dificultada pela questão da Irlanda e pelas greves que grassavam por todo o país.

Pugnando por um programa de reformas sociais, opôs resistência, nessa ocasião, ao reforço da esquadra britanica, defendido pelo Almirantado, perante a ameaça do poderio naval alemão.

Vários episódios dessa época agitada documentam a acção do ministro do Interior, nomeadamente quando de uma operação policial contra um bando de terroristas.

O episódio de Agadir e a intervenção germanica na crise marroquina, com o envio da canhoneira «Panther» para aquele porto, fizeram acordar em Winston Churchill a verdadeira consciência da gravidade da situação internacional. Compreendendo, finalmente, que, se a guerra rebentasse, a Grã-Bretanha não estava preparada para desempenhar o seu papel, Churchill acedeu ao convite de Asquith para dirigir o Almirantado.

Foi em 1911 que se deu esse facto capital na carreira do estadista. Com uma energia que constituia a marca do seu trabalho e um perfeito sentido das responsabilidades que lhe haviam sido cometidas, Churchill realizou, entre Outubro de 1911 e Agosto de 1914, uma obra que se traduziu na célebre frase com que a Grã-Bretanha entrou na luta: «A Marinha está preparada».

Nas vésperas da guerra de 1914, Churchill, partidário de uma política enérgica com a Alemanha, decidiu substituir as habituais manobras da Home Fleet por um exercício de mobilização. Quando se agravou a crise internacional, após o atentado de Serajevo, a esquadra britanica encontrava-se concentrada na baía de Spithead, o que foi tomado em Berlim por um acto de provocação, cuja responsabilidade se atribuia ao primeiro lorde do Almirantado.

Indiferente ás hesitações dalguns colegas do Gabinete, corajosamente disposto a assumir as responsabilidades que o momento exigia, Churchill foi realmente o homem que soube estar á altura dos acontecimentos. Por sua iniciativa pessoal, e contra o parecer do Conselho de Ministros, a Home Fleet recebeu ordem para estar preparada para todas as eventualidades. Foi ainda sob a sua responsabilidade que, na hora decisiva do começo das hostilidades, partiu a fatídica ordem do Almirantado: «Comecem imediatamente as hostilidades contra a Alemanha».

A acção desenvolvida por Churchill, em cerca de três anos, á frente do Almirantado, permitiu, com efeito á Armada britanica cumprir eficientemente o seu papel.

A auréola de prestigio do primeiro lorde do Almirantado sofreu um terrível abalo com a desastrosa campanha de Gallipoli, que o levou a demitir-se.

Num gabinete de coligação constituído nesse momento crítico, Churchill ficou de fora. Reservaram-lhe, então, a função honorífica de chanceler do ducado de Lencastre. Mas o estadista preferiu ir combater, incorporado no exército como coronel, na frente de batalha de França.

A Grã-Bretanha atravessa então mais uma crise grave. O Governo de Asquith foi substituído por outro de Lloyd George e Churchill, embora não ingressasse logo no elenco ministerial, foi chamado em 1917 para a pasta das Munições, onde teve ocasião de completar a obra ali iniciada pelo então chefe do Governo.

● Uma revolução no domínio do material de combate

Homem de prodigiosa imaginação, dotado de espirito aberto ás mais arrojadas concepções, Churchill entregou-se com entusiasmo á tarefa de dotar o exército de uma nova arma revolucionária: o tanque. As primeiras experiências com a nova arma constituiram retumbante êxito, que encorajou o desenvolvimento da sua produção.

Beneficiando já do prestigio que o facto lhe granjeara, Churchill assumiu, em 1918, o cargo de ministro da Guerra e da Aviação. Nestas funções se conservou até 1921, ocupando-se especialmente dos ultimos esforços militares e das consequências da necessária desmobilização.

Mas a violenta hostilidade de Churchill contra a Russia revolucionária começou a inquietar Lloyd George, que ainda passou o seu amigo para a pasta das Colónias, para não se privar inteiramente da sua colaboração.

Entretanto, desfazia-se, por se ter na verdade tornado injustificável, na evolução da política britanica, o governo de coligação. Em 1922,

Na campanha eleitoral de 1924, Churchill, regressado ao Partido Conservador, era o mesmo orador caloroso que sabia despertar o interesse dos seus auditórios, significativamente recrutados entre as classes mais populares

acusando o Partido Liberal de fraqueza perante o socialismo, Churchill deixou não só o gabinete como os seus próprios partidários, reingressando, em 1924, no Partido Conservador, no qual foi acolhido por muitos dos seus componentes representativos com significativa frieza.

Em 1924, foi eleito como deputado conservador por Epping e quando Baldwin constituiu o seu governo, confiou-lhe a pasta do Tesouro, em que se conservou até 1929.

Não era, evidentemente, um técnico de Finanças, mas coube-lhe, na gerência, tomar uma importante decisão — o regresso ao estalão-ouro — que lhe foi aconselhado pelos financeiros de Londres.

A crise de 1929 colocou-o numa posição de isolamento, que determinou a sua saída do Governo e o levou a dedicar-se mais á literatura. Foi então que começou a escrever o seu livro «A crise mundial».

Mantendo-se vigorosamente adversário do trabalhismo, mostrou-se também desiludido do Partido Conservador, que voltou a abandonar em 1931. Perdendo a confiança em Baldwin, criticou-o severamente quando da crise da coroa britanica, que terminou com a abdicação de Eduardo VIII, em 1936.

Entretanto, o seu espirito de irrequietude manifestava-se em algumas atitudes espectaculares. Os seus contínuos apelos contra uma política de concessões aos regimes totalitários suscitaram a desconfiança de muitos dos seus concidadãos, que lhe atribuiam propósitos ambiciosos, mas revelavam mais uma vez a clarividência dos seus juízos.

● A guerra de 1939 revela novas facetas do estadista

A guerra de 1939 rebentava na sequência das advertências de Churchill, a quem os acontecimentos davam inteira razão. Chamado outra vez para o Almirantado, o novo primeiro lorde teve ocasião de voltar a impor á sua notável personalidade, reafirmando logo as notáveis qualidades de energia e de decisão que haviam caracterizado a sua acção noutros momentos graves.

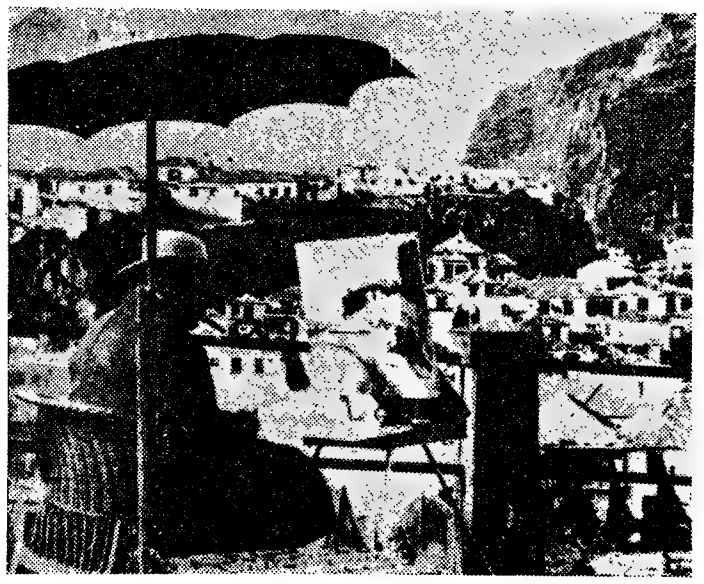
Os acontecimentos encaminhavam-se de modo a justificar a entrega do poder ao fogoso estadista, que substituia, em Maio de 1940, Neville Chamberlain no cargo de primeiro-ministro.

Ficou célebre o seu primeiro discurso, pronunciado em tom dramático, num momento de extrema dificuldade e em que afirmava que não podia, então, prometer ao povo britanico «senão sangue, suor e

(Continua na página seguinte)

CHURCHILL E PORTUGAL

Na sua longa e acidentada carreira, Churchill esteve por duas vezes em território português: da primeira em Moçambique quando, como jornalista, acompanhava a guerra anglo-boer e foi aprisionado, vendo-se obrigado a refugiar-se naquela nossa província ultramarina; da segunda, já aureolado pela fama e pela glória, depois da segunda conflagração, quando passou algum tempo na Madeira a convalescer de uma grave enfermidade. À margem dessa presença, as suas provas de simpatia e deferência pelo nosso País tiveram ocasião de se exteriorizar durante as duas conflagrações mundiais, na primeira das quais interviemos, conservando na segunda uma situação de neutralidade que não impediu, na sua ultima fase, a prestação de serviços á Grã-Bretanha e aos seus aliados. A presença de soldados portugueses na frente aliada, em 1917 e 1918, e em 1943 a cedência de bases portuguesas nos Açores, foram contribuições valiosas para a vitória final do seu país e esse facto não podia deixá-lo insensível, tanto mais que, de perto e em funções de direcção política e responsabilidade militar, acompanhou o nosso esforço na primeira e a nossa compreensão na segunda guerra.



Durante as suas férias na Ilha da Madeira, Churchill entregou-se á sua distracção favorita: a pintura. Aqui vemos o estadista a pintar na Camara de Lobos

A vida de Churchill

Com de Gaulle, em Paris, quando da libertação da capital francesa

(Continuação da página anterior)

lágrimas». Quanto aos seus objectivos de guerra, enunciava simplesmente: «A vitória a todo o preço».

Para poder levar por diante a difícil missão que se impunha aos Aliados, Churchill contava essencialmente com o apoio dos Estados Unidos. Em excelentes relações com Roosevelt, pôde concretizar essa política na Carta do Atlantico, que os dois estadistas assinaram em 12 de Agosto de 1941, e depois da qual a Grã-Bretanha recebeu substancial ajuda norte-americana, mesmo antes da América entrar na guerra.

Em momento particularmente doloroso para os franceses, deu um passo sem precedentes na História, oferecendo á França um solene acto de União com a Grã-Bretanha.

Com a sua visão ampla do futuro, o grande estadista britanico considerava inevitável um conflito germano-russo e este, ao rebentar em Junho de 1941, permitiu, efectivamente salvar o Reino Unido da invasão. Com o seu perfeito sentido da oportunidade, Churchill apressou-se a propor ao Governo soviético uma estreita cooperação militar. No seu ódio ao nazismo, na sua determinação de salvar o povo britanico do domínio hitleriano, o antigo ministro de Lloyd George, nessa época irredutível adversário da revolução russa, não hesitava em se ligar aos dirigentes de Moscovo para esmagar os homens de Berlim.

Entretanto, em Dezembro de 1941 os Estados Unidos entravam na guerra, mas, no período crucial que decorreu até ao Outono de 1942, enquanto a situação dos Aliados lhes impunha uma política defensiva, Churchill procurava animar e coordenar, pelo exemplo e pelo ímpeto de uma grande força de vontade, o esforço de guerra britanico.

Graças a esta firme e inteligente orientação, os exército aliados podiam, em fins de 1942, tomar a ofensiva em todas as frentes. Para aliviar a Russia, que sofrera tão pesado embate, os Aliados admitiram a necessidade de abrir uma segunda frente e, efectivamente, em 1943, com a derrocada italiana, abriu-se no Mediterrano um novo campo de acção. Entretanto, Churchill deslocara-se ao Cairo, como preludio da sua viagem a Moscovo, para se encontrar com Estaline e Harriman, enviado especial de Roosevelt.

Partidário de uma estratégia mediterranica e balcanica, Churchill, que não deixara de manter com o chefe russo o melhor espírito de cooperação, opunha-se-lhe, todavia, nos seus projectos em que temia um demasiado desejo de expansão.

As suas preocupações determinaram uma intensa acção política, a par da acção militar que se desenrolava cada vez com maior energia. No ano de 1943 sucederam-se as conferências e as deslocações: Casablanca, para se encontrar com Roosevelt, com quem se avistou de novo em Maio, em Washington; Cairo, com Roosevelt e Chang-Kai-Chek; Teerão, com Rooseveltt e Estaline.

● Grande obreiro da resistência e arquitecto da vitória

Grande obreiro da resistência aliada, Churchill desenvolvia uma actividade suprema para arquitectar a vitória. As suas deslocações frequentes exigiam dele um esforço de que o seu arcaboiço invulgar parecia não se ressentir. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha não descurava as suas obrigações perante a nação e perante o mundo, mas o ministro da Defesa também não abrandava a prodigiosa acção que o colocava, práticamente, á frente de todo o esforço da guerra.

E depois dos tremendos sacrifícios que duramente exigia do povo que governava, a política que teimosamente preconizava começava a dar os seus resultados espectaculares. Em 8 de Novembro de 1942, os Aliados desembarcaram no Norte de África, e já em Janeiro do ano seguinte Churchill se reunia em Casablanca com Roosevelt, para fazerem ambos a famosa declaração de que a rendição incondicional seria dirigida ás potências do Eixo.

Churchill teve, pouco depois, o primeiro aviso de que a sua resistência não era ilimitada. Uma pneumonia colocou em perigo a sua vida, mas, de novo, com rara força de vontade, venceu a crise, prosseguindo na sua acção, cada vez com mais vigor, para chegar ao fim da árdua caminhada em que se propusera conduzir os Aliados á vitória.

Todo o ano de 1943 foi de incrível movimento, e Churchill multiplicou-se em iniciativas que exigiam dele cada vez mais energia e combatividade, a que o curso dos acontecimentos ia, todavia, dando a justa recompensa. Depois de meses de febril agitação, a rendição incondicional da Itália constituia um primeiro resultado compensador.

O físico do grande lutador acusava, entretanto, os efeitos da luta, e, após um ano de esforço, nova pneumonia surpreendeu o estadista ainda no Norte de África, quando regressava do Médio Oriente. Foi, então, que um medicamento milagroso, resultado da actividade científica britanica, permitiu salvar o primeiro-ministro: a penicilina.

Em Yalta, com Roosevelt, pouco antes da morte do Presidente americano — o ultimo encontro dos dois estadistas

Longe de estar completamente curado, Churchill insistiu em prosseguir no seu decisivo labor. Ainda em convalescença, teve importantes conferências com de Gaulle, e, com ardor demoníaco, entregava-se aos preparativos para a invasão da França ocupada.

Em 6 de Junho de 1944, chegou, finalmente, o «Dia D», com o gigantesco desembarque aliado nas costas da Normandia. Seis dias depois, o impetuoso estadista estava nas praias francesas. O entusiasmo por ver o fruto vitorioso do seu grande esforço levou-o, depois, sucessivas vezes, á nova frente continental, sem, contudo, afrouxar o esforço que se impunha agora cada vez mais para apressar o fim da hecatombe. O Dia do Armistício, celebrado já em Paris, em Novembro de 1944, junto do general de Gaulle, foi, sem duvida, um dos grandes momentos da vida estenuante deste homem sem par.

Fevereiro do ano seguinte, no ultimo encontro dos Três Grandes, em Yalta, marca o derradeiro contacto de dois amigos das horas difíceis da guerra: Churchill não voltou depois a ver Roosevelt, que faleceu a 12 de Abril, a poucas semanas da vitória final. O homem de nervos de aço, experimentado pelas vicissitudes mais díspares, sofreu, então, um rude e ingrato golpe. Perdera o companheiro fiel que o ajudara, decisivamente, na tarefa ingente e unica de erguer a vitória gloriosa dos aliados do meio do montão informe de ruínas.

● Após a vitória militar total, inesperada derrota política

Churchill demonstrara, durante os anos decorridos do seu contínuo Governo de guerra, uma energia a toda a prova e uma coragem incomparável. Não era apenas o seu desprezo pela vida, tantas vezes revelado, quer nos dias cruciais da Batalha de Londres, em que se expunha aos perigos dos ataques aéreos, quer nas deslocações frequentes aos pontos de reunião mais vulneráveis ou ás frentes de batalha mais agitadas. Era, sim, a audácia com que arquitectava as soluções mais inesperadas e a determinação com que as punha em prática.

Mas esse esforço titânico para alcançar o objectivo essencial fê-lo descurar a posição política que ocupava no seu país, comprometendo a própria posição do partido a que pertencia.

Foi assim que, nas primeiras eleições que se efectuaram após a vitória, ao cabo de um largo período de gerência total dos negócios publicos, Churchill viu, com amarga surpresa, o povo britanico escolher um governo trabalhista.

Antes de passar para a oposição, ainda com as responsabilidades governativas, deu os ultimos retoques na sua tarefa de organização da paz, a que quis associar, fazer-se acompanhar de Attlee a Potsdam, os adversários vitoriosos.

Seguiu-se um período assinalado por uma série de acontecimentos contraditórios, em que Churchill, nas fileiras da oposição, era alvo das maiores homenagens como obreiro da vitória, ao mesmo tempo que, vigorosamente, atacava a política do novo governo trabalhista. Recusando as maiores honrarias, como a concessão de um ducado, não pôde, ao mesmo tempo, coibir-se de atitudes ferozes contra os novos dirigentes ingleses.

Reunindo de novo as melhores energias, comprometeu-se em 1950 a levar outra vez ao Poder o seu partido e, de facto, nas eleições de Outubro de 1951, embora sem grande maioria, Churchill voltava a ocupar o cargo de primeiro-ministro — então, e pela primeira vez, por vontade expressa do eleitorado e não por simples designação determinada por circunstancias dramáticas como aquelas em que assumira tais funções, em plena conflagração.

Seguiu-se um período de intensa actividade diplomática e política, em que se reflectiam as preocupações do homem que conseguira mais fácilmente obter a vitória militar do que organizar a desejada paz. A situação económica e financeira da Grã-Bretanha contituia uma preocupação a que não podia dedicar-se inteiramente, tais eram, no mundo desorganizado, os assuntos que exigiam a sua atenção. Durante o seu governo, o Atlântico constituiu, por várias vezes, o caminho das soluções que buscava, numa aproximação prolongada com os Estados Unidos. Estava reservado, para o seu novo período de governo, um novo e profundo desgosto: a morte do rei Jorge VI, que ele anunciou num discurso, que é considerado uma das mais belas peças oratórias que pronunciou.

Tendo-se demitido em 1955, passou a chefia do Governo e a direcção do Partido Conservador a Anthony Eden, continuando, todavia, até 27 de Julho de 1960, na Câmara dos Comuns, onde lhe prestaram, no dia seguinte, uma homenagem traduzida numa moção única nos anais parlamentares britânicos.

Terminada, assim, a carreira política deste homem público de envergadura excepcional, o Mundo não esqueceu nunca a figura histórica a quem deve o mais notável exemplo de energia e de vontade, posto ao serviço de uma causa nobre.

Winston Churchill não ficou, porém, apenas, na História, como um grande homem de Estado. O escritor que se relevou na sua juventude, com páginas admiráveis de incisiva observação, permanecerá como um dos mais fecundos e brilhantes da língua inglesa. As suas obras, principalmente de carácter histórico e memorialístico, justificam, aliás, a atribuição do Prémio Nobel de Literatura de 1953.

As múltiplas facetas do raro talento de Churchill manifestaram-se, também, no domínio das artes plásticas. O estadista revelou um particular gosto pela pintura, aproveitando essa tendência como um derivativo agradável para preencher muitas horas de forçada despreocupação, durante as suas viagens ou nas férias que, por vezes, se impôs a si próprio. Essa actividade fica documentada por uma larga colecção de quadros.

Com a morte deste homem extraordinário é um capítulo da História do nosso tempo que se encerra — um capítulo movimentado, caracterizado pelos acontecimentos mais dramáticos de que, porventura, o nosso planeta foi teatro, mas, também, sem duvida, ilustrado pela mais bela e eloquente demonstração da capacidade criadora e realizadora do homem do nosso tempo.

Já no declínio da vida, mas sempre ao lado de sua dedicada esposa — que foi uma das mais formosas mulheres da Inglaterra — Churchill ainda apreciava assomar á janela do seu quarto, quantas vezes para agradecer manifestações de muitos dos seus incondicionais admiradores

A DESCENDÊNCIA DO ESTADISTA

LONDRES, 24 — (F. P.) — «Sir» Winston e «Lady» Churchill tiveram quatro filhos (três dos quais ainda são vivos), dez netos e dois bisnetos.

A filha mais velha do casal, Diana Churchill, que nasceu em 1909, casou-se com Duncan Sandys, ex-ministro conservador das Colónias e das Relações com a «Commonwealth» e de quem se divorciou em 1960, isto é, vinte e cinco anos após o casamento. Suicidou-se três anos mais tarde.

Diana Churchill e Duncan Sandys tiveram três filhos: Julian Sandys, advogado, que actualmente conta 27 anos; Edwina, hoje com 25 anos, que em 1961 se casou com Piers Dixon, filho de «sir» Pierson Dixon até há pouco embaixador da Grã-Bretanha em Paris, e de quem teve dois filhos; e Celia Sandys, de 20 anos.

Randolph Churchill, unico filho varão de «sir» Winston, nasceu em 1911 e é jornalista. Casou-se duas vezes, a primeira com «lady» Pamela Digby, de quem teve um filho, Winston Churchill Junior. Este, que têm hoje 24 anos, é escritor e colabora na B. B. C. desde Novembro passado. Casou-se, por sua vez, em 1963 com Minnie D'Erlanger. O jovem casal anunciou recentemente que espera um bebé. Da segunda mulher, June Osborne, Randolph Churchill tem uma filha, Arabella, de 15 anos.

Sarah Churchill, que nasceu em 1914 e é actriz, casou-se três vezes. O ultimo marido foi lorde Audley, com quem se consorciou em 1962 e de quem enviuvou no ano seguinte. Não tem filhos.

Quanto a Mary Churchill, que nasceu em 1923, está casada com o antigo ministro conservador da Agricultura Christopher Soames, de quem tem cinco filhos, respectivamente de 16, 15, 12, 9 e 5 anos.

Boletim do dia

RADIO

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — Às 16: Futebol: Portugal-Turquia, entre selecções A, no Estádio Nacional, a contar para a eliminatória do Campeonato do Mundo de Futebol, com comentários; 17 e 30: Rosa-dos-Ventos; 18: Noticiário — Domingo desportivo; 18 e 15: Musica de dança; 19: Noticiário regional; 19 e 10: A nossa terra; 19 e 25: De tudo um pouco; 20: Orquestras ligeiras; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Rádio Desporto; 21 e 10: Raul Nery e o seu conjunto de guitarras; 21 e 25: Geografia musical; 22: Bailarico; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Sol e touros; 23: Programa da noite; 0 e 45: Noticiário; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Onda musical; 17 e 45: Musica de camara contemporanea: «Concerto grosso em ré menor» (Stravinsky); 18: Concerto de domingo — 1.ª parte: «Homenagem» (Manuel Falla); «Homenagem a César Franck» (Jean Register); 18 e 45: «Seis canções, segundo poemas de Heine» (Brahms); 19: Concerto de domingo — 2.ª parte: «Suite n.º 1, em dó maior, BWV 1066» (João Sebastião Bach); «Concerto n.º 3, em ré maior, op. 30» (Rachmaninoff); 20: Recital pelo cantor Francisco Loureiro Dinis, com a colaboração da pianista Maria Antónia Saldanha de Azevedo; obras de Roger Quilter e de Gerald Finzi; 20 e 30: Diário Sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Separador; 21: «A Tragédia de Catão», programa da série: «Teatro do Século XVIII»; 22: A Voz do Ocidente; 0 e 15: Fecho.

3.º programa—Modulação de frequência-2 — Às 16: Musica sinfónica: «Adágio e fuga, em dó menor, W 546» (Mozart), e «Sinfonia n.º 5, em dó sustenido menor» (Gustav Mahler); 17 e 15: Musica de piano; «Romance, op. 28» (Schumann) e «Papillons, op. 2» (Schumann); 17 e 45: Junção; 22: Musica portuguesa: «O Poema Sinfónico», na produção dos compositores portugueses (Antero de Quental), de Luís de Freitas Branco: «Mogu» (António da Costa Ferreira; «Paraísos Artificiais» (Luís de Freitas Branco), e «A Lenda dos Bailarins» (Frederico de Freitas); 23: Musica vocal: «Fiançailles pour Rire» (Poulenc), pelo soprano Glória Davy, e «Chansons Madecasses» (Ravel), pelo barítono Fischer-Dieskau; 23 e 32: Musica de piano: «Sonatina em sol» (Beethoven), e «Sonata em si bemol maior, Köhnel 333» (Mozart); 0: Antologia Sonora: primeiro programa de uma série dedicada á obra de Heinrich Schutz; 0 e 45: Noticiário; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — Às 16: tarde desportiva; 17: Domingo musical; 17 e 30: Escape livre; 18: Musica pelo caminho; 18 e 45: Banda de som; 19 e 1: Era uma vez...; 19 e 15: Conjuntos vocais; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: O comentador desportivo; 20 e 30: Sucessos: 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Apenas musica; 21 e 45: Ele e ela; 22: Domingo ás dez; 22 e 30: Leitura, de Fernando Curado Ribeiro; 23: Estudio A; 23 e 30: Um piano na noite; 23 e 45: Noticiário; 23 e 53: Um solista; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 3: Sintonia-63; 6: Boletim Meteorológico.

Modulação de frequência — Às 16: Estudio A; 17 e 37: Estrelas em FM; 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário; 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Ritmo-64; 22 e 15: Clube FM; 23 e 45: Noticiário; 0 e 2: Boa noite e bons sonhos; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — Às 16: Tarde desportiva, de Prod. Lança Moreira; 17: De norte a sul; 17 e 45: Noticiário; 18: Imagens de Portugal; 18 e 30: Musica e Desporto; 18 e 45: Voz do Litoral; 19: Cançonetas; 19 e 15: Boletim Desportivo; 19 e 45: Noticiário; 20: Campeão Português; 20 e 15: Intermédio Musical; 20 e 30: Orquestras e vocalistas; 21: Noticiário; 21 e 15: Rádio Placard; 21 e 30: Zarzuela; 21 e 45: Artistas portugueses; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0 e 1: Programa Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Às 16: Transmissão desportiva; 17: Musica ao volante; 18: Magazine desportivo; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa da basílica dos Mártires; 19 e 50: Boletim do S. C. R.; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Uma hora ao domingo; 22: Suplemento especial; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Às 16: Voz de Lisboa; 17: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30: Rádio Graça; 22: Rádio Peninsular; 1: Clube Radiofónico de Portugal.

para os vossos tranquilos...

DIALUX

a filha de confiança!

TELEVISÃO

Hoje—Às 17 e 30, Abertura; 17 e 32, Telejornal e Informação Desportiva; 17 e 45, «Passatempo Infantil»; 18 e 30, Desenhos animados (Bugs Bunny Show); 18 e 55, Documentário; 19 e 20, Stingray; 19 e 45, TV Rural; 20 e 10, Terras de Portugal — «Vila Nova de Ourém»; 21, Telejornal; 21 e 25, Boletim meteorológico; 21 e 30, TV 7; 22, «Suspense» — 3.º episódio; 23, «Hora das Guitarras» — fados por Lidia Ribeiro e Manuel Dias; 23 e 15, Domingo Desportivo; 23 e 40, Telejornal; 23 e 45, Meditação e fecho.

Amanhã—Às 18 e 45, Abertura; 18 e 47, Telejornal; 19, «Curso de Adultos»; 19 e 25, «Física Moderna»; 19 e 50, «Inglês»; 20 e 20, Momento Desportivo; 21, Telejornal; 21 e 25, Boletim meteorológico; 21 e 40, TV Motor; 22 e 10, «Selecção Policial»; 23 e 10, «Cinema 65»; 23 e 35, Telejornal; 23 e 40, Meditação e fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CIRCO

COLISEU — Nova Companhia de Circo.

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

IMPÉRIO — «Flying Cliper».
MONUMENTAL — «My Fair Lady».
POLITEAMA — «A ferro e fogo».
OLIMPIA — «O barco dos piratas».
AVIS — «Carga branca para Hong-Kong».
ROYAL — «Dançando ao Sol».
ARCO-ÍRIS — «Jerry — 1.º turista do espaço».
CINE-MOSCAVIDE — «Só contra o Mundo».
CAMPOLIDE — «Capitão Sindbad».
IDEAL — «O cerco de Siracusa».
CINE ORIENTE — «O milagre de Anna Sullivan».
SALÃO LISBOA — «Jívaro».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 horas: «Paris Hotel».
VASCO SANTANA — Às 21 e 30: «Joana da Lorena».
VILLARET — Às 20 e 45 e ás 23 horas: «O impostor geral».
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A rapariga do apartamento».
TRINDADE — Às 21 e 30: «O jogo das trapaças».
ABC — Às 20 e 45 e ás 23 horas: «Ai, venham vê-las».

CINEMAS

IMPÉRIO — *Estudio* — «Harakiri».
S. LUIZ — «Sua excelência o mordomo».
ODEON — «A verbena de La Paloma».
ALVALADE — «Sua excelência o mordomo».
S. JORGE — «007 ordem para matar».
EDEN — «América, América».
CONDES — «A ultrapassagem».
TIVOLI — «Ela e os seus maridos».
ROMA — «Morte de um assassino».
PARIS — «Rio Conchos».
LIZ — «Cleópatra».
RESTELO — «Cleópatra».
PROMOTORA — «O prémio».
S. L. BENFICA — «Julgamento á porta fechada».
CHIADO TERRASSE — «Momento de vingança».
VOZ DO OPERÁRIO — «Amor sem barreiras».
JARDIM — «Quando brilha o Sol».

CASAMENTOS-LANCHES

52$50 — 57$50 e 62$50 incluindo vinhos
Salas próprias. Toda a garantia
PASTELARIA LISBOA
Av. Almirante Reis, 42-A — Tel. 40076

FARMÁCIAS

TURNO G

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Moura, Tr. da Memória 55 (630944) ✲ **Biotificar,** R. D. João de Castro, 27-B (638824).
ALCÂNTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil., Av. da Igreja, 9-D (711780) ✲ **Roma,** Av. de Roma 85-B (772466) ✲ **Celta,** R. Moura Girão, 3-B (710621).
AMOREIRAS — Britânica, Tr. da Lé gua da Póvoa, 5-B (689250).
ANJOS — Renascença — R Damasceno Monteiro, 104, A-B (831504).
AREEIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) ✲ **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av da Republica, 74-A (771379) ✲ **Vale.** Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ **Dalva,** Av. Duque de Ávila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião** Largo de S. Sebastião da Pedreira 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira R. J., lote 48 (388172).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José 187 (26476) ✲ **Azevedo, Filho,** Pr de D. Pedro IV, 31 (27473).
BENFICA — União, Est. de Benfica 592-594 (700092) ✲ **Alegria,** Est. de Benfica, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (663961).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R de Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ **União,** R. Saraiva de Carvalho, 110 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B., n 75-A-B, Bairro da Liberdade (683894) ✲ **Pinto,** R. de Campolide, 53-B (682610).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).
CONDE REDONDO — Sousa Martins R. Sousa Martins, 25 (53468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, lote 4, loja B (666971).
ESTEFÂNIA — Pancada, Lda., Suc. R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54-56 (862835).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro,** Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
MADRAGOA — Eduardo A. César, R das Trinas, 102 (662631).
MOURARIA — J. Ribeiro, Ld.ª, Largo das Olarias, 33 (864643).
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) ✲ **Vitalis,** R. Morais Soares, 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (26750).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Correia de Azevedo R. Luís de Camões, 48-50 (638625).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11-13 (381136) ✲ **Banha,** Est. de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Frazão,** R. da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulâncias
Telef. PPC 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 766144

Câmara de Comércio Belga

Efectua-se no dia 10 do próximo mês o jantar anual da Camara de Comércio Belga, estabelecida em Portugal em 1918.

Esta reunião será no restaurante-«dancing» do Casino Estoril, e assistirão, como habitualmente, numerosas entidades ligadas ao intercambio comercial belgo-português.

Neste jantar serão sorteados dois bilhetes de ida e volta a Bruxelas, que serão efectuadas nos aviões da Sabena «Linhas Aéreas Belgas», companhia de navegação aérea que muito tem contribuído para o estreitamento das relações luso-belgas.

FILATELIA

A 1.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA NACIONAL DA TEMÁTICA DA PROPRIEDADE URBANA — 1

O desenvolvimento e o prestígio, crescentes, da Filatelia, revelam-se, em todo o Mundo, por acontecimentos e factos os mais diversos, constantes e eloquentes, que já hoje não deixam duvida sobre a sua validade e importancia.

Alguns desses factos são as exposições filatélicas, cada vez mais frequentes.

E nós, que nos três ou quatro domingos anteriores aqui nos referimos largamente ás recentes «2.ª Exposição Filatélica do Funchal» e «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática de Escritores e Jornalistas» —, já hoje vimos anunciar a próxima «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática da Propriedade Urbana», a inaugurar, em 1 de Fevereiro, no palacete da Rua de D. Pedro V, n.º 82, sede da velha e notável Associação Lisbonense de Proprietários.

Circunstancia muito de salientar, como prova daqueles desenvolvimento e prestígio da Filatelia, é que, do mesmo modo que a «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática de Escritores e Jornalistas» nos foi solicitada, muito honrosamente, para nós, pelo anterior e distinto presidente da direcção da Casa da Imprensa, dr. César Afonso — esta «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática da Propriedade Urbana» foi-nos sugerida pelo presidente da direcção da Associação Lisbonense de Proprietários, dr. João Afonso Côrte-Real, ilustre escritor e nosso querido amigo, do mesmo modo que duas ou três outras exposições, já aqui anunciadas, nos foram solicitadas pelo maior organizador português de congressos, o também nosso querido amigo dr. Santos Matos, e agora uma outra, igualmente temática, de musicos e instrumentos musicais, que nos foi sugerida pelo eng. Monteiro de Almeida, nosso colega na direcção do Clube Filatélico de Portugal.

Quanto a estas três ou quatro ultimas, seja-nos permitido chamar a atenção dos temáticos portugueses, a fim de que atempadamente avancem, ou mesmo iniciem, as suas participações nestas temáticas pouco vulgares, portanto, com o aliciante da originalidade, valorizador da respectiva classificação.

É claro que ninguém esperará que esta «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática da Propriedade Urbana», a primeira no seu género, e da qual se não conhecia nenhuma colecção —, tenha muitos expositores, e muito bons. Mas terá quatro ou cinco, suficientes para mostrarem como se começa, e o alto interesse desta temática, desdobrável numa infinidade de capítulos, desde as habitações pré-históricas, até aos edifícios mais modernos e monumentais, passando por castelos, igrejas, palácios, edifícios de correios, congressos e exposições, etc.

Mas, repetimos e acentuamos, será, sobretudo, o início de uma nova temática, do maior interesse documental e filatélico, a qual no futuro, ano após ano, se repetirá, aumentará e valorizará.

Atentas estas e as demais, já aqui referidas circunstancias, esta «1.ª Exposição Filatélica Nacional da Temática da Propriedade Urbana» será acompanhada por um «Salão Filatélico», não competitivo, com coleccionadores á maneira clássica, dos maiores do nosso País, e participações totalmente diferentes da exposição anterior. Salão, digamos, de honra, com participações do mais alto nível, que muito deverão contribuir, também, para os referidos desenvolvimento e prestigio da Filatelia portuguesa, e muito publico deverão fazer afluir aos sumptuosos salões nobres da prestigiosa Associação Lisbonense de Proprietários. — V. C.

AINDA A «2.ª EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DO FUNCHAL»

O nosso prezado colega «Diário de Notícias», do Funchal, tomou a iniciativa de publicar na íntegra a conferência que, sobre «Motivos, vantagens e finalidades da Filatelia», o presidente do «Clube Filatélico de Portugal» e autor desta secção proferiu durante a inauguração da recente «2.ª Exposição Filatélica do Funchal», que no próximo ano se repetirá, em escala mais larga, em ordem a uma ambicionada exposição filatélica nacional, em 1967.

O autor desta secção proferindo, no Funchal, a sua conferência, vendo-se a seu lado o sr. comandante Camacho de Freitas, ilustre governador do Distrito Autónomo, e o sr. coronel Fernando Homem da Costa, presidente da Junta Geral do Distrito

MUNDO DOS SELOS

Encontra-se novamente em Lisboa, felizmente com longa demora, o sr. embaixador Georges Argyropoulos, antigo ministro da Grécia em Portugal, ilustre filatelista e nosso querido amigo, um dos mais distintos colaboradores do «Boletim do Clube Filatélico de Portugal», que nos deu a honra e o grande prazer da sua visita.

✲ O orçamento da próxima «2.ª Exposição Filatélica Internacional Portuguesa», programada para 1966, foi cuidadosamente estudado e elaborado pelos srs. prof. doutor Carlos Trincão, presidente da Federação Portuguesa de Filatelia; dr. A. J. Vasconcelos Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal, e José Gonzalez Garcia, filatelista eminente, como o primeiro, e já entregue ás entidades competentes.

✲ Tem estado em Lisboa, devendo regressar amanhã ou depois a Valença do Minho, aquele eminente José Gonzalez Garcia, que nos deu o prazer das suas visitas.

✲ E nós tivemos o grato prazer de visitar aquele José Gonzalez Garcia, no seu novo, grande e artístico estabelecimento da Rua do Conde Redondo, n.ºs 41 e 41-A, oito amplas e belas montras com toda a gama de artigos de borracha e plásticos, cuja visita, mesmo apenas exterior, recomendamos a todos os nossos leitores.

✲ Recebemos o n.º 16, ano IX, Dezembro de 1964, de «Gabriel», excelente revista, órgão da «União Portuguesa de Filatelia Cristã S. Gabriel», director padre Henrique Pinto Rema, editor Artur Santa Bárbara, Estrada de Benfica, 795, 3.º, Lisboa-4.

✲ Dos T. A. P., assinado pelo director dos seus Serviços Comerciais, recebemos longo e penhorante ofício sobre os sobrescritos com carimbos comemorativos da inauguração do aeroporto do Funchal, ao qual, por absoluta falta de espaço, no próximo domingo faremos mais larga e merecida referência.

Náufragos portugueses

recolhidos no mar Báltico

(Continuação da 1.ª página

— Caía muita neve e chovia terrivelmente. O mar estava bravio. Não se via quase nada. Perdemos rumo e não pudemos evitar que o barco encalhasse. Com grande rombo na proa, lutámos até onde foi possível, para que a água não entrasse. Mas a meio da noite já o barco estava práticamente cheio de água. Vivemos horas aflitivas e não cessámos de pedir socorro pela rádio. A's 10 e 30, finalmente, fomos salvos.

António Monteiro Silva, 28 anos, maquinista, que nos fez esta impressionante descrição, deu-nos também a identificação dos seus três compatriotas e companheiros: Gualdino Malaquias Santos, da mesma idade, marinheiro; Domingos Leite Monteiro, de 27, cozinheiro; e Luís Domingos Fortes, de 55, marinheiro. São todos solteiros e naturais de Cabo Verde, sendo os três primeiros, de Santão Antão e o ultimo da ilha do meio. Os restantes elementos da tripulação do «Heige», inscrito no porto de Haren-Ems, são o capitão, G. Mecklenborg, e o imediato, Adolf Esders, ambos alemães.

O Monteiro Silva entrou para a vida marítima apenas há cinco meses e meio. O Domingos Fortes é o mais antigo. «Conhece o mar». O Malaquias Santos e o Leite Monteiro navegam há quase dois anos, sempre no mesmo barco. Todos partiram de Cabo Verde, da sua terra que recordam com saudade e onde têm família, para a Holanda, onde conseguiram trabalho. «Vida interessante, mas arriscada, ás vezes».

«OS PORTUGUESES PORTARAM-SE CORAJOSAMENTE» —AFIRMOU-NOS O CAPITÃO

O «Heige», pequeno navio a motor, de 450 toneladas, seguia completamente carregado de madeira, embarcada em Stugsund com destino a portos alemães. Há já 25 anos que o capitão Mecklenborg opera nesta rota, mesmo antes de comandar o «Heige». Conhece o rumo perfeitamente.

— A falta de visibilidade, temporal cerrado e a ondulação, que chegava a mergulhar parte do barco, foram os motivos do acidente — disse-nos, acrescentando com entusiasmo:

— Se não fosse a resistência dos portugueses, o seu estoicismo, não sei se estaríamos agora aqui todos salvos. Os rapazes portaram-se corajosamente. Dez horas entregues á nossa sorte, sem a mínima orientação, sem se ver nada, de noite, debaixo de tempestade de neve, batidos pelas vagas e completamente enregelados — é quase um milagre estarmos ainda vivos.

O temporal e a falta de visibilidade dificultaram o salvamento, que, acentue-se, foi possível também mercê da extraordinária decisão e coragem da tripulação do barco de socorro sueco «K. A. Wallenberg».

O posto de rádio de Oregrund recebeu o primeiro S. O. S. ás 3 e 15. Meia hora depois, o salva-vidas, com 3 homens, meteu-se ao Mar alteroso.

A localização dada pelo «Heige» era errada, pelo que ás 7 horas, quando chegou ao ponto indicado, não havia sinais do navio alemão. Só cerca das 10 horas, depois de intensas buscas, e ao lançar o seu ultimo foguete luminoso, conseguiu vislumbrar a embarcação em perigo, já com uma inclinação de 20 graus e a casa das máquinas completamente inundada.

O SALVAMENTO REALIZADO COM GRANDE RISCO

O «Heige» encalhara nas rochas aguçadas, quase no mesmo ponto onde, no princípio deste mês, estivera também em dificuldades; por iguais causas. O salva-vidas, ao pretender aproximar-se, também ficou preso nas rochas, apenas a 25 metros do navio. A violência do mar não permitiu o uso da lancha de socorro do «Heige», pelo que a sua tripulação acabou por ser salva mediante quatro idas-e-voltas entre os dois navios do barco a remos do «K. A. Wallenberg». A operação demorou cerca de três horas e foi realizada no meio dos maiores perigos para os nove homens.

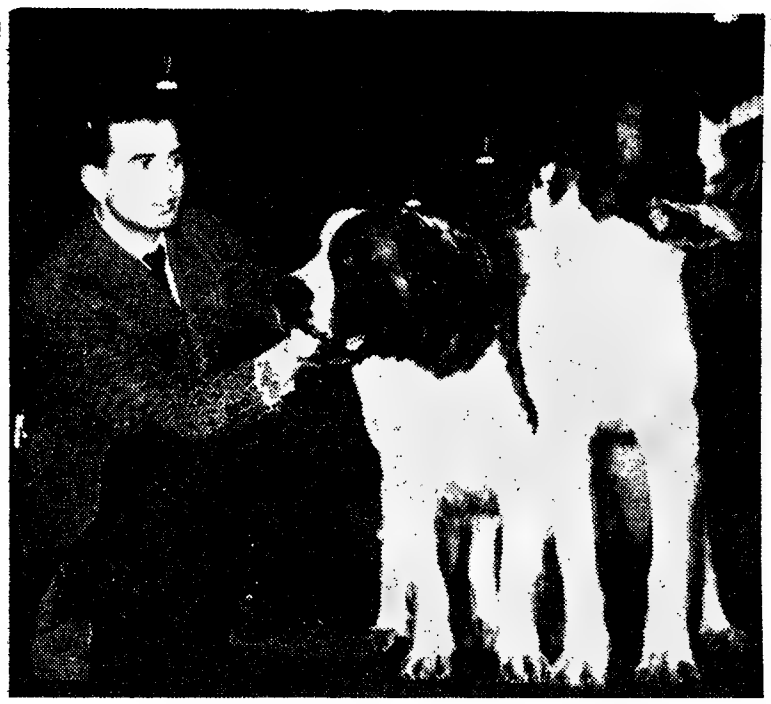
Por fim, conseguiu-se desencalhar o salva-vidas, que trouxe os náufragos para Oregrund, em cujo hotel municipal foram instalados. Fizeram-se diversas tentativas para salvar o «Heige», com o auxílio de um rebocador de Estocolmo, mas foi de todo impossível realizar o intento.

A população local recebeu os portugueses com grande carinho, não lhes faltando conforto, nem convívio. Nós próprios lhes fornecemos jornais de Lisboa. Já escreveram para suas famílias e aguardam instruções da empresa armadora sobre a maneira de regressar a Roterdão, onde habitam quando não andam no mar.

— Passámos um mau bocado, mas nunca tivemos medo. A excitação não nos deixou sentir isso. Ficámos todo o tempo dentro do barco.

Os nossos homens disseram, ainda:

— Continuaremos no mar. A nossa sorte é a de marinheiro.



Os mais possantes exemplares que concorrem à 43.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, a efectuar na F. I. L. (à Junqueira), nos dias 6 e 7 de Fevereiro, são, sem dúvida, os cães de São Bernardo. Na gravura, podem ver-se dois desses magníficos animais, seguros à trela, por um expositor. O certame deste ano, promovido pelo Clube Português de Canicultura, tem o habitual patrocínio do «Diário de Lisboa»

Navios estrangeiros no Tejo

«Springfield»

O cruzador de mísseis teleguiados «Springfield», que traz a bordo o vice-almirante William E. Ellis, comandante da 6.ª Esquadra dos Estados Unidos, e está atracado, como noticiámos, á muralha de Alcântara, esteve hoje patente ao publico, das 14 ás 16 horas, tendo sido apreciado por muitas centenas de pessoas que já muito antes da hora marcada se juntaram em frente da poderosa unidade.

«John R. Pierce»

O escoltador da Armada dos Estados Unidos «John R. Pierce» continua no Tejo, donde largará depois de amanhã. A oficialidade e a tripulação espalharam-se pela cidade, tendo alguns grupos visitado os Estoris, Cascais e Sintra.

«Independência»

Um oficial instrutor e quarenta e cinco cadetes do navio-escola da Armada do Peru «Independência», acompanhados por dois cadetes, visitaram hoje de manhã o Museu de Marinha.

O embaixador do Peru, sr. D. Gonzalo Fernández Puyó, ofereceu, na Embaixada, um almoço em honra do capitão-de-mar-e-guerra D. Oscar Iturrino Falco, comandante do barco, ao qual assistiram outros oficiais do «Independência» e alguns portugueses.

O navio-escola peruano larga do Tejo amanhã, ás 17 horas.

500 famílias contempladas no bodo anual

da Casa de Trás-os-Montes

Na sede da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, a mais antiga agremiação regionalista da capital, procedeu-se, hoje, á distribuição do tradicional bodo aos trasmontanos necessitados, que este ano contemplou 500 famílias e um total de cerca de 2 mil pessoas.

O bodo, em géneros e agasalhos, sobretudo cobertores, foi possível graças aos auxílios angariados pela comissão de beneficência da colectividade. Entre os principais benfeitores, a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro contou a Caritas, Fundo de Socorro Social, Instituto de Assistência á Família, Fundação Calouste Gulbenkian, trasmontanos do Brasil e sr. Joaquim José Delgado, director-geral do Tribunal de Contas.

A distribuição começou ás 9 horas e prolongou-se até ao princípio da tarde. Procedeu á entrega do bodo uma comissão constituída pelas senhoras D. Beatriz Cavaleiro Ferreira, D. Benvinda Santos, D. Ana Maria Sarmento Rodrigues de Cavaleiro Ferreira e D. Maria de Lourdes Figueiredo Lopes.

VII CENTENÁRIO DE DANTE

Amanhã, ás 19 horas, no Instituto Italiano de Cultura, na Rua do Salitre, 146, incluído na série de comemorações do VII centenário de Dante, a professora dr.ª Gabriella A. Serra fará o comentário do V Canto da «Divina Comédia», focando o tema: «Dante e a sua primeira criação feminina: Francesca». A entrada é livre.

O PORTO pelo telefone

PRESO POR FURTO de uma motocicleta

PORTO, 24. — Na Rua de S. João, foi preso pela P. S. P., esta madrugada o empregado de escritório sr. Jorge Manuel da Silva Alves, residente na R. das Flores, 151, 2.º, que seguia numa motocicleta, que momentos antes furtara, junto da residência do seu proprietário, sr. Daniel Horta Fontes, morador na Travessa de Regeneração, 242.

Escola de Teatro

Recomeçaram as aulas da escola de teatro do T. E. P. que funcionam temporáriamente na sala de espectáculos do círculo de cultura teatral, agora sob a direcção do actor-encenador João Guedes. A direcção daquele agrupamento artístico está a envidar todos os esforços para obter outra sala onde possam começar os ensaios da peça escolhida para a referida escola: «O Avançado Centro Morreu ao Amanhacer», de Agustín Cuzzani.

Teatro infantil

Na sequência da iniciativa efectuda no ano findo, o Teatro Experimental do Porto, oferecerá, este ano, igualmente, aos seus associados e ao publico em geral, um novo espectáculo de teatro infantil, a apresentar no decorrer da presente época.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — A's 21 e 45: «A carta perdida» (17 anos).
RIVOLI — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os pássaros» (17 anos).
COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Lancelote e a sua dama» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 15: «Ao sul de Argel» e «Horizontes desconhecidos» (12 anos).
TRINDADE — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «A ultrapassagem» (17 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «O caso da cobra maldita» (12 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Uma lágrima no rosto» (12 anos).
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Nick Carter» (12 anos).
BATALHA — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Um homem de confiança» (17 anos).
VALE FORMOSO — A's 21 e 30: «Uma noite por acaso» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45: «Mary Mary» (17 anos).
JULIO DINIS — Ás 21 e 30: «A grande evasão» (12 anos).

candeeiros

MODERNOS E CLÁSSICOS
300 MODELOS DIFERENTES

A PRONTO OU COM FACILIDADES É SEMPRE MAIS ECONÓMICO NO
FAROL
Av. Almirante Reis, 124-B
Telef. 49053

CAFÉ CHAVE D'OURO
MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO
SERVE-SE À CHÁVENA E VENDE-SE A PESO EM TODO O PAÍS
Vilarinho & Sobrinho, L.da
Janelas Verdes — LISBOA

HOTEL ESTORIL-SOL

Na casa «Objectiva» na Rua Nova do Almada, e na tabacaria do Casino Estoril estão em exposição completas reportagens fotográficas de todas as cerimónias do Hotel Estoril-Sol e aceitam encomendas.

Em ALENQUER é nosso agente distribuidor a SR.ª D. ODETE GRANADA.

CARROS E CADEIRAS
PARA BEBÉ

Para renovação de «stok's», vendemos, durante o corrente mês, a PREÇOS INFERIORES AOS DA FÁBRICA, toda a existência
PINÓQUIO
Praça dos Restauradores, 79-80

SAPATARIA
ORION
LIQUIDA TODOS OS MODELOS RESTANTES DAS SUAS COLECÇÕES
AOS PREÇOS DE
100 E 150 ESCUDOS
RUA GARRET, 42 — LISBOA

Ourivesaria Portugal
Compra jóias e pratas cobrindo todos os preços
ROSSIO 121-122

YOGHURT

Adquirindo V. Ex.ª a estufa Jopal, pode fabricar económicamente, em sua casa, este precioso alimento. Casa Lemos, R Gomes Freire, 44-48, Lisboa. Telef. 555652.

SOCRICHILA

chinchila

O HÓSPEDE QUE DÁ DINHEIRO

CRIE DINHEIRO CRIANDO chinchila

Sociedade Portuguesa Criadora de Chinchila, L.da

Peça informações á SOCRICHILA, para a Rua Gonçalves Crespo, 33, 3.º, Dt./Fr. — Lisboa. Telefones: 735944/44787/44704.

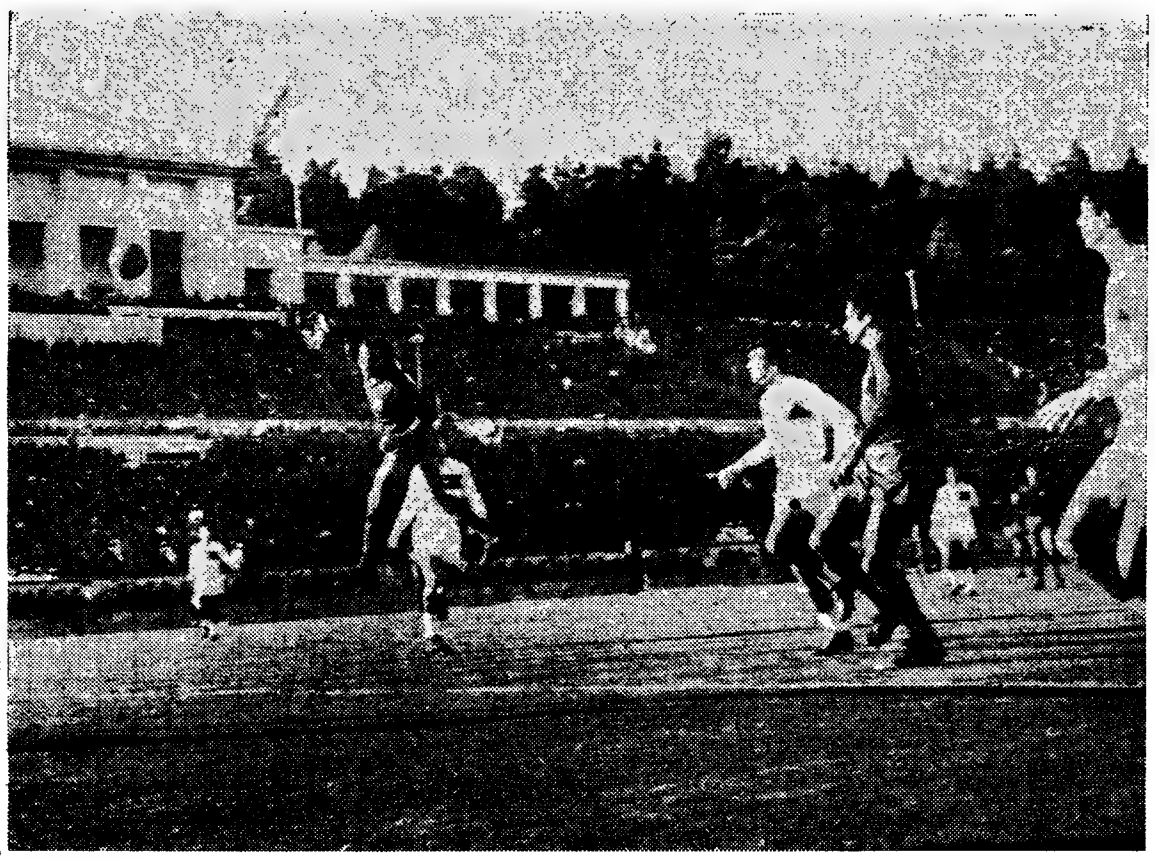
Ouça, ás quintas-feiras, pelas 17.45 h. em Rádio Graça, de Lisboa, e ás terças, pelas 18 horas em Ideal Rádio, no Porto, os programas radiofónicos que a SOCRICHILA lhe oferece.

Diario de Lisbôa

DOMINGO
24 DE JANEIRO DE 1965

2.ª Sprint edição

DESPORTO * ÚLTIMAS NOTÍCIAS



Coluna, com um espectacular golpe de cabeça, vai marcar o primeiro golo da selecção de Portugal

PROVAS DA A.F.L.

«Distritais» de juniores e principiantes

Prosseguiram, esta manhã, os «Distritais» da A. F. L. Na prova de juniores da 1.ª Divisão venceu-se a 19.ª jornada, que forneceu os seguintes resultados:

SÉRIE A

Belenenses-Sintrense	2-0
Tarujense-Sporting	1-10
Cascais-Palmense	1-2
Estoril-Casa Pia	0-6
Fut. Benfica-Algés	0-2
Atlético-Vitória	2-0

SÉRIE B

Olivais-Benfica	0-5
Loures-Desp. Olivais	2-3
Alhandra-Vilafranquense	3-1
Oriental-Sacavenense	2-2
Torriense-Fanhões	3-1
Malveira-Alverca	0-1

*

Na 9.ª jornada do «Distrital» de juniores da 2.ª Divisão, os resultados verificados foram os seguintes:

SÉRIE A

Bela Vista-Liberdade	1-1
Fut. Benfica-St.ª Catarina	2-1
Boa Hora-Arroios	8-0
Império (A)-S. Vicente	0-0

SÉRIE B

1.º Dezembro-Porto Salvo	1-2
Linda-a-Pastora-Linda-a-Velha	0-2
Estrela Amadora-Cacém	1-1
Pero Pinheiro-Águias	1-0

SÉRIE C

Camarate-Povoense	3-1
Império (B)-Lourinhense	3-1
Zambujalense-Castanheira	6-0
Odivelas-Caneças	3-1

*

O torneio de principiantes teve hoje, de manhã, a décima jornada.

Os resultados averbados foram:

SÉRIE A

Alverca-Povoense	2-0
Torriense-Sacavenense	2-2
Vilafranquense-St.ª Iria	1-2

SÉRIE B

Benfica-Algés	7-1
Estoril-Linda-a-Velha	3-2
Est. Amadora-Sintrense	2-0

SÉRIE C

Palmense-Belenenses (B)	1-0
Sporting (B)-Fut. Benfica	7-0
Boa Hora-Atlético	0-7

SÉRIE D

Sporting (B)-Desp. Olivais	2-1
Belenenses (A)-Império	5-1
S. Vicente Beira-Oriental	0-1

Portugal venceu a Turquia por 5 a 1

no primeiro jogo da eliminatória do «Mundial»

No Estádio do Vale do Jamor, que se apresentava emoldurado de numeroso publico (cerca de 40 000 pessoas), disputou-se, esta tarde, o encontro entre as selecções de Portugal e da Turquia, a contar para a primeira eliminatória do Campeonato do Mundo de futebol.

Na tribuna de honra, encontravam-se os ministros do Interior, da Educação Nacional, da Justiça, da Defesa Nacional, das Obras Publicas e da Economia; subsecretário de Estado da Juventude e Desporto; o embaixador da Turquia em Portugal; director-geral dos Desportos, membros da direcção da F. P. F. e outras individualidades.

Os jogadores entraram, simultaneamente, no rectangulo de jogo, precedidos da equipa de arbitragem, alinhando, a seguir, no círculo central, sendo então executados os hinos nacionais de ambos os países.

O jogo

Para o desafio as equipas formaram:

PORTUGAL—Costa Pereira; Festas, Arcanjo, José Carlos e Pedro Gomes; Jaime Graça e Coluna; José Augusto (cap.), Eusébio, Torres e Simões.

TURQUIA — Varol; Sükrü, Ercan, Sabahttin e Ismail; Yavuz e Seref; Ylmaz, Metin (cap.), Fevzi e Aydin.

Os portugueses vestem camisola «grenat», calção azul e meias azuis. Os turcos apresentam-se de camisola branca com uma lista encarnada, calções brancos e meias encarnadas.

ÁRBITRO — Juan Gardeazabal. Juizes de linha — José Segrellas e Narciso Barachea, todos espanhois.

Começado o encontro a equipa portuguesa lançou-se ao ataque e um passe de Coluna para Torres não foi concluído pelo ultimo.

Os turcos ripostaram e, através de Aydin, acercaram-se das balizas á guarda de Costa Pereira, entrando Festas no lance para anular a tentativa contrária.

Aos 3 minutos, Yavuz provocou falta, quando disputava o esférico com Simões. Eusébio apontou o castigo, saindo a bola rente á relva e ao poste. Pouco depois, novo remate de Eusébio, obrigou Varol a defender para «canto». Em sequência desta penalidade, o esférico rondou as balizas turcas e um golpe de cabeça de Torres, quando Varol se encontrava já batido, foi desviado por Ismail.

Portugal: 1-0 — golo de Coluna

Aos 8 minutos, Ilmaz criou perigo, num lance individual, que Costa Pereira anulou, atirando-se aos pés daquele jogador, acabando o esférico por sair pela linha de cabeceira.

O «onze» lusitano, prosseguindo na toada de ataque, obrigou os otemanos a cuidarem da sua defesa. Aos 13 minutos, Torres visou a baliza á guarda de Varol, que não conseguiu segurar o esférico. Coluna, oportuno, ocorreu ao lance, mas sem êxito devido a Varol ter ainda tempo de mergulhar e captar a bola.

Aos 16 minutos, entretanto, os portugueses abriram o activo. Os lusitanos beneficiaram de um «livre» que José Augusto apontou. Torres captou o esférico com a cabeça, endossando-o para Coluna, que surgiu, como uma flecha, batendo com um golpe de cabeça, o guarda-redes turco.

Portugal: 2-0 — tento de Eusébio

Sem perder o fio do jogo, os homens das «quinas» mantiveram o ascendente e, aos 21 minutos, José Augusto rematou, com força, batendo a bola no corpo de Varol, deixando este magoado. O esférico ressaltou para Eusébio, que fugiu a dois adversários em busca de angulo de tiro, e atirando ás balizas, que se encontravam desertas, aumentou a vantagem para 2-0.

O encontro, a seguir, foi interrompido para Varol se recuperar.

Aos 26 minutos, Ylmaz teve uma fuga anulada por Arcanjo.

Golo da Turquia — de Fevzi

Embora o ascendente dos portugueses fosse evidente, os turcos conseguiram, aos 33 minutos, reduzir a diferença. Um «livre», apontado por Ylmaz, foi á cabeça de Fevzi e, embora Costa Pereira houvesse saído para interceptar, não foi suficientemente hábil para de-

(Continua na página central)

3530 CONTOS DE PRÉMIOS NO TOTOBOLA

A interrupção dos campeonatos nacionais de futebol, por motivo do jogo de hoje, Portugal-Turquia verifica-se, precisamente, numa altura em que o interesse e o entusiasmo pelo desenrolar do Totobola estavam, pode dizer-se, ao rubro. A falta dos jogos destas competições, com toda a popularidade e extensão de que desfrutam, obrigou a organizar um calendário com desafios das provas regionais — largamente populares, mas de extensão mais limitada — e do Campeonato de Espanha — bastante conhecido e seguido entre nós, mas, naturalmente, ainda muito longe de interesse e de conhecimento de muito publico.

Natural, portanto, que se verificasse uma quebra.

Mas, o que não se poderia esperar era que essa quebra fosse tão diminuta, permitindo que os fiéis concorrentes tenham, ainda, ao seu dispor prémios verdadeiramente sensacionais, com numeros que são, não haja duvidas, ainda impressionantes!

Vejamos esses numeros: Matrizes, 888 315; Apostas, 5 117 500; Receita global, 7 676 250$00; Montante para prémios, 3 530 000$00; Valor de cada prémio, 1 765 000$00.

Estes numeros são provisórios, estando, portanto, sujeitos a pequenas alterações.

Ajudantes de farmácia reuniram-se num almoço para apreciar os problemas da classe

Ájudantes de farmácia de todo o País reuniram-se hoje, no restaurante da F. I. L., num almoço para apreciação do panorama geral da vida da classe e, também, de confraternidação. Presidido pelo sr. Candido Adelino Falcão Guia de Magalhães, presidente do respectivo sindicato, o repasto contou com a presença de cerca de 250 pessoas, e a ele assistiu, também, o presidente do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Porto, sr. Francisco Borges de Araujo.

Aos brindes, usaram da palavra os srs. Candido de Magalhães e José Pereira da Cruz Faria, membro da assembleia geral, que se referiram aos problemas da classe.

Terminado o repasto, foram enviados telegramas de agradecimento á Presidência da Republica, á Presidência do Conselho, ao presidente da Assembleia Nacional e ao director-geral da Corporação do Comércio.

JUDO

Terminou hoje o «Kangeiko» e os judocas participaram numa festa de confraternização

Terminou hoje o treino especial de Inverno, o «Kangeiko», organizado pelo Judo Clube de Portugal e cuja dureza já citámos, com as várias competições a começar ás 6 horas da manhã.

Os 60 judocas que nele se inscreveram reuniram-se hoje no «Kagani-Biraki» que significa a festa que sempre se organiza no Japão, em todos os clubes de judo, depois destes treinos.

É o caso de em todos os tojos nipónicos — salas onde se pratica o judo — haver um espelho que é limpo apenas uma vez por ano.

Os judocas japoneses consideram que limpando o espelho do tojo, limpam a sua alma para todo o ano e festejam o acontecimento.

Seguiu-se o almoço com 80 convivas, entre os quais o sr. embaixador do Japão e Edmundo Pires, um dos primeiros praticantes do judo em Portugal, e os dirigentes do Judo Clube de Portugal.

A PRÓXIMA JORNADA DOS «NACIONAIS» DE FUTEBOL

Os Campeonatos Nacionais de futebol, hoje interrompidos, por motivo da efectivação do III encontro Portugal-Turquia, desta vez a contar para a eliminatória do Campeonato do Mundo, retomarão o seu curso no próximo domingo, com os encontros correspondentes á 15.ª jornada, (2.ª da 2.ª volta). Eis o programa:

I DIVISÃO

Torriense-Académica (0-2), C. U. F.-Braga (1-2), Leixões-Belenenses (2-3), Sporting-Benfica (0-3), Lusitano-F. C. Porto (0-1), V. Guimarães-Varzim (1-1) e Seixal-Setubal (0-8).

II DIVISÃO

ZONA NORTE — Salgueiros-Espinho (1-2), Marinhense-Famalicão (0-0), Boavista-Lamas (2-1), Oliveirense-Sanjoanense (1-2), Feirense-Leça (2-5), Covilhã-Vila Real (2-0) e Beira Mar-Peniche (0-4).

ZONA SUL — Montijo-Desp. Beja (1-5), Oriental-Portimonense (0-1), Farense-Alhandra (1-5), Almada-Piedade (2-2), Atlético-Olhanense (2-4), Leões-Sintrense (0-1) e Barreirense-Luso (1-0).

PEQUENO MAGAZINE

EM EXPOSIÇÃO

na América do Norte os manuscritos do Mar Morto

Um acordo firmado pelos Governos dos Estados Unidos e da Jordania permite que sejam expostos em várias cidades norte-americanas os célebres manuscritos há anos descobertos e nos quais — dizem os peritos — se encontram os fundamentos do Velho Testamento, bem como de outros tesouros arqueológicos.

A exposição será patente, também, no Canadá.

PEQUENO MAGAZINE

VENENO DE COBRA

para a cura da trombose

O veneno da chamada «víbora da Malásia», poderá significar a salvação de milhares de vidas, anualmente, dos vários tipos de trombose, causada por coágulos que se formam nas veias e impedem o fluxo sanguíneo.

Segundo o médico cardiólogo brasileiro, dr. Aloísio Sales, a substancia encontrada nesse veneno deve ter muita semelhança a qualquer outra usada no tratamento de doenças, de origem vegetal.

OS HOTÉIS

que há em Espanha

Segundo as ultimas estatísticas oficiais, há actualmente, em Espanha, 5715 hotéis com um conjunto de 171 943 quartos e a capacidade para alojamento de 297 198 hóspedes.

São agrupados, consoante as categorias, deste modo: 86 de luxo; 318 de primeira A; 592 de primeira B; 641 de segunda, 1034 de terceira; pensões de luxo, 283; de primeira, 836, e de segunda, 1925.

Não houve aumento de preços em 30,01 por cento dos hotéis espanhóis.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 24 de Janeiro de 1935, publicava:

«Importa acentuar que a força da realeza, na Inglaterra, provém da sua capacidade para servir e não para embaraçar as inovações úteis.

«A Constituição merece-lhe o maior respeito. Rei que se lembrasse de sair para fora dela passaria um mau bocado. A Nação manifesta livremente a sua vontade e não há objecções a apresentar-lhe. All right.»

NÃO É A ELEGÂNCIA

atributo exclusivo da mulher

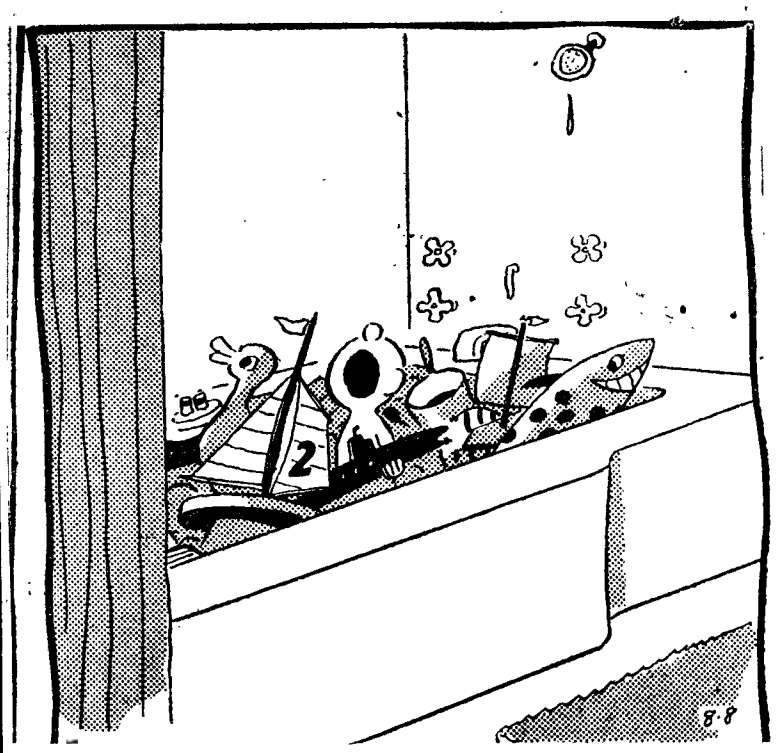
De 1 a 6 de Fevereiro próximo, celebra-se em Barcelona o I Congresso Internacional da Moda Masculina, sob o lema: «A Europa Veste».

Haverá desfiles, para apresentação de modelos, no Palácio das Nações; e o programa inclui: sessões de trabalho profissional (técnica de corte), exposição de novidades da indústria de tecidos e complementos do trajo masculino, projecção de filmes-documentários e conferências-colóquios — tudo para demonstrar «que a elegância não é atributo exclusivo da mulher».

UM ELEFANTE EM TROCA DE UM TOURO

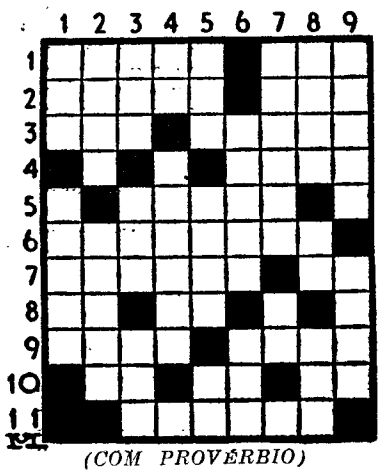
O governador de Bangkok, esteve de visita, durante o Verão passado, em Barcelona, que lhe proporcionou agradáveis recordações.

Como lembrança e sinal de reconhecimento, ofereceu um elefante á cidade catalã, a qual, por sua vez, mandou um touro com destino ao Jardim Zoológico da capital siamesa.



— Pronto, mamã, podes abrir a água.

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 3636

HORIZONTAIS: 1 — Merecimento. Chefe etíope. 2 — Entumecido. Prefixo que designa «sobre». 3 — Ribeira do distrito de Portalegre. Sagrada. 4 — O que. 5 — Título do imperador da Abissínia. 6 — Pelejar. 7 — Mania de dizer desacertos e proferir obscenidades. Seguir. 8 — Segundo. Artigo (pl.). 9 — Remedeia. Concedeis. 10 — Sadia. Poeira. Compaixão. 11 — Magoa.

VERTICAIS: 1 — Pronome pessoal. Apertais molhos. 2 — Depois. Ligavas. 3 — Casa. Prefixo que designa «novo». Advérbio de negação. 4 — Idem (abrev.). Desculpa. 5 — Preposição e artigo (pl.). Cinzento-azulado. Medida inglesa equivalente a cerca de 0,30 m. 6 — Aquosa. Rio da Russia. 7 — Rejeita. Parta. 8 — Irra! Escarnece. Caminhai. 9 — Siamês. Gracejo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3635

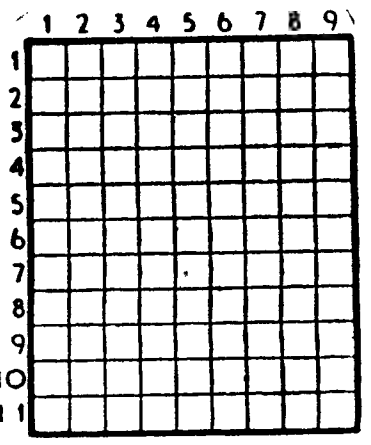
HORIZONTAIS: 1 — Desnatura. 2 — Exauriram. 3 — Sã. 4 — Gr. Caçará. 5 — Ralam. Mar. 6 — Ara. Lá. 7 — Canada. 8 — Ama. Atada. 9 — UMA. 10 — Freira. 11 — Soem. Asco.

VERTICAIS: 1 — DESGRAÇA. 2 — Exarar. Mofo. 3 — Sá. Laca. Ré. 4 — NUNCA. VEM. 5 — Ar. Amena. 6 — Ti. Atura. 7 — Urram. Damas. 8 — Rã. Ralada. 9 — Ampara. SÓ.

(PROVÉRBIO: UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÓ).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 7481



HORIZONTAIS: 1 — Tiro. Repetições de sons. 2 — Impulso. Cepo. 3 — Brandara. 4 — A mais velha das vestais. Víscera dupla. 5 — Escarnecera. Cidade de Itália. 6 — Preposição latina que designa movimento. 7 — Guarnecerias de asas. 8 — Símbolo químico do bismuto. Aflição. Pertences. 9 — Engano. Tenebrosa. 10 — Agora. Grande quantidade. Letra grega. 11 — Doença que dificulta a respiração. Mulheres de baixa estatura.

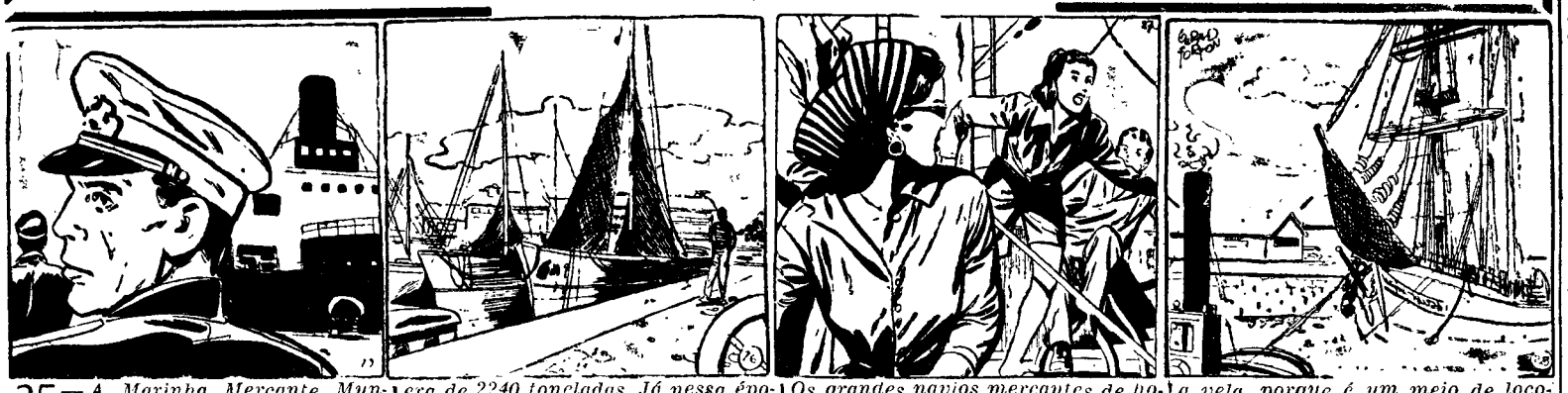
VERTICAIS: 1 — Apelido. Doutora. Cidade de Portugal. 2 — Levantai. Encolerizas. 3 — Freguesia do concelho de Sintra. 4 — Agora. Freguesia do concelho de Oeiras. 5 — Pronome pessoal. Letra grega. 6 — Letra grega. Hesitara. 7 — Correria. 8 — Verbais. Vila e concelho do distrito de Beja. 9 — Isolado. Doença. Vais para fora.

Solução do problema n.º 7480

HORIZONTAIS: 1 — Pragal. Cr. 2 — Idas. Soe. 3 — Animar. 4 — Rã. Am. 5 — Atraso. Co. 6 — Zoa. Ter. 7 — El. Anelar. 8 — Cpem. Ra. 9 — Rasgar. 10 — Pio. Aliá. 11 — Ró. Clamam.

VERTICAIS: 1 — Prazer. Pr. 2 — Ri. Atol. Rio. 3 — Ada. Ra. Cão. 4 — Gania. Aos. 5 — Asi. Senegal. 6 — Mão. Emala. 7 — Sam. Tl. Rim. 8 — Cor. Cear. Aa. 9 — Ré. Corram.

FACTOS REAIS — Da Arca de Noé aos navios atómicos



25 — *A Marinha Mercante Mundial — após os grandes progressos da meteorologia, através de novos métodos e de instrumentos de navegação mais aperfeiçoados, e mediante o aparecimento de dispositivos de segurança — sofreu um incremento notável. Os navios tornaram-se maiores e o seu numero aumentou consideràvelmente. O «material náutico» apresenta-se, actualmente, muito variado, pois vai do paquete, «grande senhor» dos mares, até aos pequenos rebocadores de porto, passando pelos cargueiros destinados a mercadorias de todos os géneros. Assim, existem navios-frigoríficos, petroleiros, transportes de carvão, etc. Por outro lado, surgem embarcações para determinadas tarefas específicas: colocadores de cabos submarinos, «ferry-boats», quebra-gelos e tantos outros.*

26 — *Em 1939, a capacidade média dos navios mercantes era de 2240 toneladas. Já nessa época, no entanto, existiam 6589 unidades com mais de 4000 toneladas e 32 ultrapassavam as 20 000, o que permitia carregamentos da ordem das 7000 toneladas, ou seja, o equivalente a catorze comboios constituídos, cada um deles, por 25 vagões de 20 toneladas. A frota mercante representa, hoje, um grande potencial de transporte. É preciso não esquecer, no entanto, os incontáveis barcos de pesca ancorados em todos os portos do Mundo e encarregados de arrancar, ás profundidades marinhas, os seus produtos. O seu trabalho é, também, essencial.*

27 — *Alguns navios, que desempenham o papel de estações meteorológicas, informam os pilotos dos aviões de carreira acerca do tempo nas zonas a percorrer. Se a meteorologia é uma ciência relativamente exacta, isto acontece pela utilização de embarcações especiais. Mas voltemos a falar nos paquetes. Os grandes navios mercantes de hoje são verdadeiras fábricas flutuantes. As suas turbinas, alimentadas por caldeiras a mazute, accionam quatro veios de hélices por intermédio de alternadores e de motores trifásicos de 6000 vóltios. Com capacidade para 58 passageiros em «apartamentos de luxo», 790 em primeira classe, 809 em classes intermédias e 315 em terceira, dispõem, geralmente, do seguinte pessoal: 35 oficiais, 311 tripulantes, 80 pessoas para serviços diversos, 960 cozinheiros, padeiros e outro pessoal. Hoje, sulca os mares o «France», ultima palavra da técnica. Por outro lado, o navio mercante movido a energia atómica tornou-se, com o «Savanah», uma realidade.*

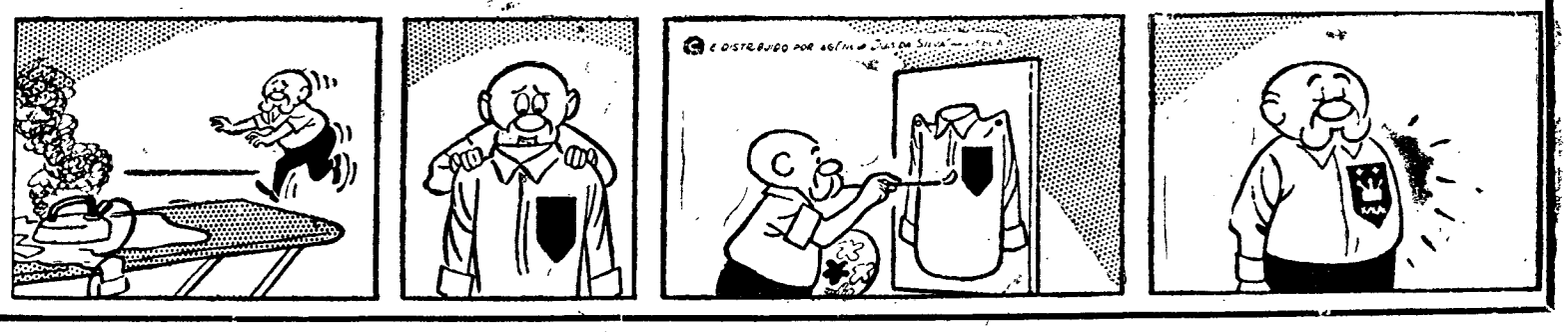
28 — *Que resta, pois, da navegação á vela? Subsistem, ainda, alguns «yatchs» de recreio ou de competição. E alguns barcos de pesca não renunciaram, por enquanto, ao vapor. Aqueles que mantêm a vela, porque é um meio de locomoção económico, adoptaram, no entanto, um pequeno motor auxiliar, Diesel, ou qualquer outro. O veleiro belga «Mercator» é um dos poucos que ainda podem proporcionar á sua equipagem, apesar de vivermos num século de velocidade, um pouco dos sonhos de outrora. Entretanto, com os progressos da navegação atómica, talvez dentro de poucos anos, a nostalgia que hoje sentimos perante os veleiros de outras eras, seja extensível aos navios a vapor ainda existentes.*

F I M

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. Tel. 771639.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O NOSSO VIZINHO DO LADO

Texto de MADALENA GOMES — **Illust. de CARLOS BOTELHO**

CRIANÇA e adolescente vivi naquela casa dando para o jardim José do Canto. Era grande, cheirando a tintas quando a fomos habitar e nunca chegou a ser uma verdadeira casa. Nunca teve toda a mobília que podia ter, todo o conforto com que tínhamos sonhado. O melhor era o quintal onde alternadamente o meu pai e a minha mãe imperavam. A mãe procurando tirar dele rendimento prático; o pai embelezando-o como artista.

Os muros negros, de basalto, vestiam de rosas (tinhamos 36 qualidades de roseiras) e ao fundo era o clássico caramanchão de glicínias. Na Primavera rosas e cachos roxos trepavam pelos troncos centenários das árvores do jardim José do Canto.

Um atalho, entre buxo, dividia o quintal em partes desiguais. A mais pequena era só jardim. Cresciam lá todas as flores da ilha e ainda algumas, exóticas, que o meu pai mandava vir de fora. Na outra, rente ao muro, bananeiras que davam bananas todo o ano, a horta, regada e tratada pela minha mãe, e hortensias, muitas hortênsias. Havia ainda «primaveras» e uma japoneira que dava camélias doentes.

Os quintais vizinhos eram quase tão belos como o nosso. Só o quintal do nosso vizinho do lado era árido e esquemático. Nele não cresciam flores, só coisas uteis. Era talvez por isso que o vizinho Raimundo gostava tanto de espreitar para o nosso quintal: queria saborear gratuitamente as flores dos outros — ou talvez fosse apenas curiosidade pela vida alheia...

Era afinador de pianos o nosso vizinho. Era um homem de cerca de cinquenta anos, feio, triste e visivelmente infeliz no matrimónio. Bastava olhar para a mulher que o dominava com a sua estatura, a sua beleza, o seu génio explosivo.

Que eles não viviam bem, todos sabiam. Rosa — a criada da casa — dizia mesmo que tinham quartos separados.

O que é facto é que nunca ninguém os via juntos e de noite ouviamos o vizinho tocar órgão como se chorasse. No Inverno essa musica, casando-se com o barulho ensurdecedor das árvores, impressionava como uma tragédia. Ao ouvi-la tremia toda como se pressentisse através dela sentimentos e dores desconhecidos — sentimentos e dores que um dia seriam «meus».

Sabiamos também que quando não estava a trabalhar ou a tocar órgão, o vizinho Raimundo se escondia, como um fantasma, no terraço. Através das espessas trepadeiras viamo-lo em atitude de quem espreita... Mas a tosse traindo-o, obrigava-o a recolher. Tinha uma bronquite asmática que o impedia de dormir — e de deixar dormir os outros. Dentro do seu peito acumulavam-se gatos, gatos roufenhos que de vez em quando se punham a miar ao mesmo tempo. Era por isso que ele e a mulher dormiam separados. A verdadeira razão, porém, era outra: a repugnância que a mulher sentia por ele.

Essa mulher que ele amava apesar de tudo, essa mulher que era a «sua», não podia suportar o seu contacto físico, a sua simples presença. Era esse o drama do vizinho Raimundo, o que o fazia tocar órgão a horas mortas...

Não se pense, por aqui, que D. Olinda não conhecesse os seus deveres conjugais e que os menosprezasse. Pelo contrário. Pertencia àquele grupo de pessoas que querem sempre estar de bem com a sua consciência que é como quem diz com o seu padre confessor. Se se afastara do marido fora depois de superiormente autorizada. Tanto o padre como o médico da família aprovaram a sua atitude. O doente precisava muito repouso, muita tranquilidade — pelo menos durante algum tempo. Mas semanas passaram, os meses também e o vizinho Raimundo continuava sòzinho no tálamo conjugal.

D. Olinda sentia-se, finalmente, liberta. Podia consagrar-se inteiramente ás práticas da sua religião, religião cujo espírito ela negava com os actos. Não perdia um ofício, uma novena, uma via-sacre. Era a sua forma de estar viva, a unica coisa que a fazia vibrar, a religião. No resto era nula. Uma espécie de insensibilidade fazia-a indiferente a tudo e a todos, ao marido mais que a ninguém. Mas com os outros era o mesmo. Nunca o seu coração batera por alguém, nem por um animal, nem por uma coisa.

As raras emoções que sentira devera-lhas a igreja, mas mesmo essas eram epidérmicas, não chegavam á sua desolação.

Mas então porque casara uma mulher dessas? Pergunta-se com certa lógica. E porque justamente se casara com um homem daqueles? Perguntas naturais. As respostas também o são, até certo ponto. A' primeira responderei que o casamento para ela fora sinónimo de evasão, autonomia. Filha de um pai demasiado tirano, casaria com quem quer que fosse só para se ver livre dele. A' segunda pergunta direi que o vizinho Raimundo tivera sobre os outros a vantagem de ser o primeiro que aparecera. Deve dizer-se também que nesse tempo não era tão «repelente». Tinha boa figura e uma carreira prometedora á sua frente.

O desentendimento, de resto, não viera no primeiro dia: fora-se instalando a pouco e pouco, como um estranho, entre os dois. Só tarde Raimundo percebeu o seu logro: de que nada, absolutamente nada podia esperar daquela mulher. O amor que ela lhe inspirava tornava ainda mais dolorosa a descoberta. Estava ligado de corpo e alma a uma pedra, que outra coisa não era a mulher com quem casara. Filhos, não tiveram. Ela não quis. Podia pôr em risco a sua preciosa vida — a unica coisa que ela, da facto, amava. Queria-lhe com um amor devoto, supersticioso, que a levava a temer doenças, contágios, desastres na via pública...

Foi por isso que quando o marido adoecera — falara-se ao princípio em tuberculose — ela separara «os corpos» — as almas, essas, já há muito estavam separadas.

Sem avisar o marido, começou a construir o seu ninho nos fundos da casa. Era quarto austero, quase freirático. O leito, de pau preto, era encimado por um enorme crucifixo. Na cómoda, numa redoma de cristal, santos e santinhos de todos os tamanhos. Um genuflexório forrado de veludo vermelho e a mesa de cabeceira completavam o mobiliário. Sobre a mesa de cabeceira acumulavam-se pagelas, as «novelas» que ela fazia diáriamente e as coisas mais dispares. Rosa, a criada, quando vinha limpar o pó, tinha ganas de deitar tudo fora. «São as piores», dizia entre dentes, «sempre a bater no peito e a tratar o marido assim». — Porque ela bem via a crueldade da D. Olinda. A boa mulher não era cega. Embora ignorante, não lhe escapava que o pobre sofria mais do moral que do físico e que a doença não era mais que um pretexto. Se ela pudesse fazer alguma coisa. Mas não podia, ela não podia fazer nada. Para aquele caso só a morte, só a morte...

Mas foi Rosa que morreu primeiro. Mais cedo do que contava, diga-se de passagem.

A vida, entretanto, continuou a mesma para os meus vizinhos. Uma criada nova veio substituir à que morrera e foi tudo.

O engraçado foi o lugar que Marta, a nova criada, breve tomou na casa. Percebendo que a patroa por nada se interessava, foi-se a a pouco e pouco assonhoreando do poder. E fê-lo tão bem ou tão mal que a própria D. Olinda, na sua indiferença, se preocupou.

Marta era, porém, tão boa criada, tão irrepreensível, que não havia pretexto para a despedir. Por fim, habituou-se àquela tutela. Ela que não quisera a do pai, submetia-se agora á da criada. Estranhas compensações as desta vida!

Quem ficou a ganhar foi o marido. Por uma dessas rivalidades frequentes entre as mulheres, Marta tomou abertamente o partido do amo. Eram para ele os melhores bocados, todas as atenções. Se os dois chamavam ao mesmo tempo não era nunca a mulher que ela atendia primeiro. E assim em todas coisas, em todos os momentos. Por fim, D. Olinda sentia-se tão mal na sua própria casa que passou a viver pràticamente na igreja.

Nela havia, de resto, grandes modificações. Com a idade fizera-se maníaca, obsessiva. Era frequente vê-la falar sòzinha, com grandes gestos, e tão alheia, que, se lhe falavam, não ouvia.

Tornara-se também muito distraída. Chegava a ir para a rua em chinelos de quarto e sem chapéu, o que nela era inadmissível. Outros sintomas, ainda, tais como passar dias sem comer e sem beber, mostravam o seu desarranjo. Até que um dia, quando voltava da missa, se deixou atropelar por uma carroça de leiteiro. Ainda a trouxeram com vida para casa, mas faleceu dias depois.

O final parece inventado, mas eu não tenho culpa. O que é facto é que dois anos passados o nosso vizinho se casava com a criada. E esta?...

FAMA
DINHEIRO
INDEPENDÊNCIA
CONSEGUIRA ESTUDANDO O
CURSO POPULAR DE RÁDIO
PHILIPS
POR CORRESPONDENCIA
PEÇA FOLHETO GRATUITO À
EURORÁDIO
AVENIDA MANUEL DA MAIA, N.º 32-1.º LISBOA-1
Telef. 43563

DINHEIRO S/ AUTOMÓVEIS
EM 2 HORAS. MÁXIMO SIGILO
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º C LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo, executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

MAU HUMOR... ...OU TALVEZ NÃO

AS MIL E UMA RUAS

Caro Bastos Guerra:

Estou melhor, muito obrigado. Cá recebi os teus bons votos e o pedido para te ajudar, mais uma vez, esta semana. Confias demasiado na minha «portentosa» imaginação que não é elásticas. De modo que só te posso amparar, por hoje, com um trabalho de simples cópia. Fui á estante e tirei um dos teus velhos livros, que em tempos tiveste a gentileza de me oferecer (eu seria incapaz de comprá-los). Estão esquecidos, estão há muito esgotados — para honra tua e vergonha dos editores, que, segundo o costume, esperam sadicamente o teu falecimento precoce para então publicarem, com grande pompa e pegando ás borlas, as «Obras Completas». Ora bem. Ocorreu-me que, Jorge Ramos a queimar o magnífico talento literário em escritos de circunstancia—tomou a iniciativa de propor que a uma rua de Lisboa fosse dado o nome do grande jornalista que foi Reinaldo Ferreira. Ideia generosa, ideia justa. E Reinaldo Ferreira vai ter, ou já tem, o nome perpetuado numa das esquinas da cidade. Mas onde? Onde terão ido encaixá-lo? Lembrei-me das tuas «Mil e Uma Ruas» e por isso te envio a cópia, para te salvar esta semana. Faz parte de um dos tais livros esgotados. Não leves a mal: começo a crer que o esgotado és tu. Ou não?!

Sempre ao teu dispor o

RAUL AZINHAGA

As ruas de Lisboa, como todas as ruas, são espaços pouco ou muito vastos entre as casas. Destinam-se a logradouro dos automóveis e, ocasionalmente, a serventia dos peões.

As ruas prestam altos serviços aos vendedores ambulantes e aos motoristas de táxi. Mas os cidadãos enchem-se de lixo e as vereações chamam-lhes nomes.

E que nomes!

Nomes exumados da poeira dos arquivos, logo substituida, em cada placa das esquinas, pela poeira negra do asfalto. Nomes de glórias de bairro, imiscuindo-se em bairros de glórias. Nomes de poetas, santos, mestres de obras, funcionários publicos, navegadores solitários ou acompanhados — num puzzle sem simetria nem harmonia nem possibilidade de ordenação.

Além dos nomes de homens, os nomes de estados de alma: Rua da Fé, Rua da Esperança. De aspirações: Rua da Paz, Avenida da Liberdade. De cidades: Avenida de Roma. De países: Praça do Chile. As datas: Avenida 24 de Julho. Os temperos: Campo das Cebolas. Os utopistas: São João dos Bencasados. As profissões: Rua dos Fanqueiros. Os metais: Rua da Prata. As dimensões: Travessa Larga, Campo Grande. A astronomia: Calçada da Estrela. O «lugar-onde»: Chafariz de Dentro. As árvores: Rua das Amoreiras. Os arbustos: Rua do Alecrim.

As Escadinhas da Saude podem ser um foco de doenças e de acidentes; o Chiado, sob a forma de estátua, acocorou-se na Rua Garrett; e a coluna vertebral do Bairro Camões chama-se Conde de Redondo.

Na Praça dos Restauradores não há nenhum restaurante pròpriamente dito; os Anjos acham-se na dependência do Almirante Reis; Ferreira Borges

(Continua na 22.ª página)

FALECEU NO PORTO

O HOMEM A QUEM FOI NEGADA A SORTE GRANDE DOS REIS

O caso ocorrido no Porto com a lotaria dos Reis — caso estranho e insólito, cujas circunstancias são bem conhecidas dos nossos leitores, pois a ele nos temos referido pormenorizadamente — atingiu, agora, aspecto mais dramático e, em certo aspecto, irremediável. Na verdade, faleceu naquela cidade, onde residia, nas Escadas do Roleto, 5, o sr. João Feliciano Dias Guimarães, barqueiro, de 68 anos, que durante quarenta anos, com invulgar persistência, adquiriu uma fracção do n.º 1324 da lotaria.

Na lotaria dos Reis, cuja extracção se efectuou a 8 do corrente, aquele numero foi bafejado pela sorte: 4000 contos correspondentes a 8 meios bilhetes. Deste modo, o sr. João Dias Guimarães, que há muito se encontrava gravemente enfermo, mas continuava a ser comprador certo de uma fracção daquele numero tem o direito a 500 contos.

Mas o estabelecimento onde adquiria regularmente o jogo, a Casa Soares, da Praça de Almeida Garrett, negou a fracção premiada, com o argumento de que não fora levantada antes da extracção e, por isso, a vendera.

Averiguou-se, depois, que 21 segundos após a proclamação da «taluda» pelo pregoeiro da Santa Casa, já essa fracção estava exposta na montra do referido estabelecimento... De resto, sabe-se que a Casa Soares guardava os numeros certos, mesmo depois de andar a roda, fazendo contas com os clientes, incluindo o sr. João Dias Guimarães.

A família deste, temendo um choque brutal, de graves consequências, nunca o pôs ao corrente do caso, pelo que o infeliz barqueiro foi surpreendido pela morte sem saber que a sua persistência havia sido recompensada pela sorte, mas contrariada pelo estranho comportamento da Casa Soares que desta vez (quando saiu a «grande») declarou não ter guardado o jogo de um cliente de há 40 anos!

O funeral do sr. João Guimarães efectuou-se esta tarde naquela cidade, com grande acompanhamento, da residência do extinto para o cemitério de Agramonte.

● A Casa Soares cobrou 6 meses depois lotaria não levantada por um freguês certo...

Além dos outros exemplos já referidos por nós, soubemos agora do seguinte caso, que comprova o facto da Casa Soares sempre ter respeitado os compromissos com os freguêses de numeros certos da lotaria, mesmo quando não levantados antes de andar a roda.

O sr. José Peres, sócio gerente do Café Universidade, contou-nos um facto ocorrido com um seu cunhado, que há cerca de quinze anos foi para o Brasil. Aconteceu que, passados seis meses de aquele ter embarcado, apareceu junto do sr. José Peres um empregado da Casa Soares, que lhe solicitou o pagamento de um débito de lotaria do seu cunhado, que antes de ir para o Brasil era cliente de um numero certo daquela casa. O sr. José Peres, depois de escrever ao cunhado, que lhe confirmou o facto, pagou cerca de 800 escudos, depois de descontadas algumas terminações de algumas das cautelas.

Não é preciso acrescentar que esse numero não fora, entretantao, premiado com a «taluda», como sucedeu agora com o 1324...

● A Casa Soares não é nem nunca foi cambista

Ainda a propósito deste caso, recebemos do Grémio Nacional das Casas de Câmbios, assinado pelo presidente da direcção, o seguinte esclarecimento:

«Por informação de um nosso sócio, chegou ao conhecimento da direcção deste organismo que o jornal tão distintamente dirigido por V. publicou em 12 do corrente mês, na sua página 24, uma larga reportagem sobre o lamentável acontecimento passado com a sorte grande da lotaria dos Reis. Lendo-a, notámos ter sido a Casa Soares, da cidade do Porto, o estabelecimento envolvido no caso.

«Mais adiante lemos o seguinte período: «Ficámos a pensar na situação daquele homem gravemente enfermo, que há cerca de 40 anos compra, regularmente, uma fracção do numero 1324. E que precisamente, na extracção dos Reis, quando «lhe sai a sorte grande», 500 contos, esta lhe é negada pelo cambista *onde «sempre» adquiriu aquele numero.*

«Estando no âmbito das suas funções a defesa do prestígio da classe a que pertence, esta direcção cumpre o dever de esclarecer V. de que a referida Casa Soares não é nem nunca foi cambista *(ou casa de câmbios), podendo unicamente ser classificada de vendedora de lotarias».*

EMBATE DE AUTOMÓVEIS NO ROSSIO

Esta manhã, cerca das 10 e 30, um táxi, que subia a Rua Augusta, ao entrar no Rossio, embateu num carro particular, que se dirigia á Praça da Figueira e que não obedeceu ao sinal do polícia sinaleiro. O segundo automóvel, conduzido pelo sr. João Simões Vaz, de 64 anos, casado, proprietário, morador na Estrada de Benfica, 512, rés-do-chão, dt.º, após o embate, ocorrido quando tentava desviar-se de um autocarro, galgou o passeio. O seu condutor nada sofreu O táxi era guiado pelo sr. António Gabriel Jacinto, residente na Avenida Frei Miguel Contreiras, 22, 3.º, que ficou ileso, e levava como passageiros a sr.ª D. Claudina Maria, de 59 anos, domiciliada em Santo Estêvão (Benavente); e uma sua irmã, sr.ª D. Piedade de Jesus Bual, de 52 anos, moradora na Rua Bernardo Lima, 53. Ambas sofreram contusões sem importancia, os dois automóveis tiveram danos ligeiros.

A P. S. P. tomou conta da ocorrência.

CLARAS – TRANSPORTES

S. A. R. L.

REAL MADRID - BENFICA

EM LUXUOSOS AUTO-PULMANS «CLARAS»

(COM AQUECIMENTO)

Partida de Lisboa: — 17 de Março às 6.00 horas
Regresso de Madrid: — 18 de Março às 12.00 horas

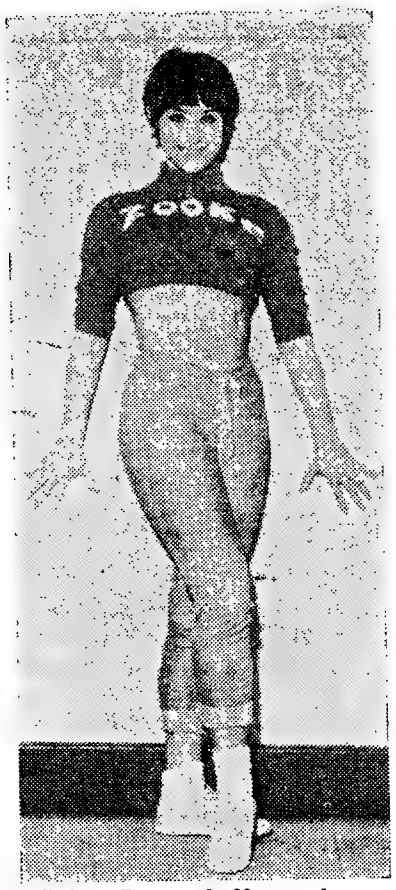
Preço: — Esc. 280$00

NOTA: — Haverá partidas de outros locais abaixo indicados.

VENDA DE BILHETES E INFORMAÇÕES

LISBOA: — Av. Fontes Pereira de Melo, 33 — Telef. 84 06 23

Abrantes	— Filial	«Claras»	— Telef.	36
Alcobaça	— »	»	— »	42221
Alcoentre	— »	»	— »	16
Bombarral	— »	»	— »	62233
Caldas da Rainha	— »	»	— »	22067
Chamusca	— »	»	— »	76273
Cova da Iria	— »	»	— »	47211
Lourinhã	— »	»	— »	104
Marinha Grande	— »	»	— »	98417
Nazaré	— »	»	— »	46172
Peniche	— »	»	— »	99133
Rio Maior	— »	»	— »	33
Torres Novas	— »	»	— »	22003
Vila N. Ourém	— »	»	— »	42132



Carlotta Barrow, de 22 anos, é uma inglesa que aparece num espectáculo de televisão da B. B. C., «The Beat Room». Para além dos interessantes olhos e da plástica da jovem Carlotta, há a curiosidade do vestuário, sem duvida original

A vitória dos portugueses no jogo desta

(Continuação da 17.ª página)

ter o remate do interior-esquerdo adversário.

Os visitantes «cresceram», mas os portugueses voltaram ao ataque, confundindo, por vezes, os defensores contrários.

Aos 38 minutos, Fevzi rematou, de longe, e Costa Pereira houve que atirar a bola para «canto», a fim de obstar que os intentos dos turcos se concretizassem.

Dois minutos depois, José Augusto desferiu um bom remate, fazendo o esférico sair a rasar o poste.

No fim da primeira parte: 2-1.

A segunda parte

A partida recomeçou com um ataque dos portugueses desfeito pelos turcos que responderam por Metin que, entre os defensores portugueses, não pôde dar sequência ao lance.

Os lusos beneficiaram depois de dois «cantos» consecutivos, o ultimo dos quais cabeceado por Torres, que fez subir o esférico.

Aos 4 minutos, Ercan cometeu falta sobre Eusébio, Coluna tocou o esférico para aquele jogador que, com um potente remate, fez sair a bola por cima da trave.

Terceiro golo de Portugal

Iam decorridos 7 miutos quando Jaime Graça marcou o terceiro golo dos portugueses. Um centro de Simões foi captado por aquele jogador que tocando uma vez o esférico e dando meia volta disparou um remate colocado, colando a bola ás malhas, embora Varol ainda lhe tivesse tocado.

Os lusitanos exibiram-se depois com mais velocidade e Coluna, aos 9 minutos, rematou rasteiro fazendo sair a bola rente ao poste.

Os turcos, tema recuado maz, situado mas o joga não pôde dar

Aos 12 mi linha de cab gusto e este entrando vig não deixou

BADMINTON

Novas vitórias do Benfica e do G. D. Direito no campeonato de Lisboa

Prosseguiu no ginásio da Escola Nuno Gonçalves o campeonato de Lisboa, por equipas, tendo-se realizado os encontros correspondentes á penultima jornada da competição.

O Benfica defrontou o Lisboa Ginásio e venceu por 5-1; o G. D. de Direito jogou contra o Clube de Badminton de Lisboa e triunfou por 6-0.

Tão expressivos resultados não deixam de corresponder ás previsões.

Hóquei em campo

Torneio de Abertura

Prosseguiu, esta manhã, o Torneio de Abertura de hóquei em campo, com a realização de dois encontros — o desafio entre o Hóquei e o Fut. Benfica foi adiado por falta de campo devendo disputar-se na próxima quarta-feira, á noite, em Francisco Lázaro — que forneceram os seguintes resultados:

Taça «Hóquei Clube de Portugal»

Atlético-Benfica	2-0
Palmense-Belenenses	2-1

Taça «Sport Futebol Palmense»

Atlético-Benfica	0-1
Palmense-Belenenses	0-1

ESGRIMA

Mário Mourão (C. N. E.) ganhou a taça «Rui Mayer»

Realizou-se mais uma prova, organizada pela Federação Portuguesa de Esgrima, para atribuição da Taça «Rui Mayer» instituída em homenagem ao antigo internacional olímpico da modalidade.

Inscreveram-se 14 concorrentes em representação do Centro Nacional de Esgrima (2) C. D. U. L. (11) e do Clube Shell (1).

Nas duas eliminatórias triunfaram Jesus Silva (C. D. M. L.) com 4-1 e Mário Mourão (C. N. E.) com 6-0.

A classificação final foi:

1.º. Mário Mourão (C. N. E.); 2.º, J. Gonçalves Gomes (C. N. E.); 3.º, Mendonça Garcia (C. D. U. L.) e 4.º, Quina Ribeiro (C. D. U. L.).

VEJA O BENFICA EM MADRID

perdendo apenas **1 dia e meio** utilizando o comboio especial.

PREÇO (Ida e volta)

2.ª classe	330$00
1.ª classe	465$00

HORÁRIO (provável)

Dia 16 de Março — Partida de Lisboa cerca das 21 h.

Dia 18 de Março — Partida de Madrid cerca das 2 h. com chegada a Lisboa cerca das 12 h.

Inscreva-se desde já ou adquira o seu bilhete na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica, nas Agências de Viagens autorizadas ou nos seguintes Despachos Centrais do Caminho de Ferro:

Avenida Praia da Vitória, 36-38
Travessa Cais do Tojo, 15
Rua Almeida e Sousa, 14-A
Avenida de Roma, 4-B
Rua Marquesa de Alorna, 22-A
Rua dos Anjos, 77-A.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

PROSSEGUIU O 3.º CAMPEONATO DE CORTA-MATO

Com a disputa da 2.ª prova, prosseguiu esta manhã, nos terrenos anexos do Estádio Nacional, o 3.º Campeonato Nacional (distrital de Lisboa) de corta-mato, da F. N. A. T., nas distâncias de 7000 e 5000 metros, tendo-se apurado as seguintes marcas:

1.ª categoria — 1.º, José Pedroso Paiva (Zêzere), 21 m 59 s; 2.º, José Alves (Hipólito), 22 m 0,6 s; 3.º, José Ferreira da Silva (Carris), 22 m 14 s; 4.º, Vasco Ferreira (Zêzere), 22 m 17 s; 5.º, Sabino da Costa (Hipólito), 22 m 30 s; 6.º, Francisco Filipe (Telefones), 22 m 38 s; 7.º, Pedro Ferreira (Hipólito), 23 m 0,1 s; 8.º, Dário Ginja (Guérin), 23 m 17 s; 9.º, Virgílio Fernandes (Carris), 23 m 30 s; 10.º, Mário Gil (Telefones), 23 m 51 s; 11.º, José Duarte (Telefones), 24 m 23 s; 12.º, Fernando Carvalho (Carris), 24 m 25 s.

2.ª categoria — 1.º, Joaquim Santos (Carris), 15 m 46,4 s; 2.º, Leovergildo Duarte (Carris), 16 m 30 s; 3.º, Miguel Santos (Telefones), 16 m 45 s; 4.º, Amílcar Torrinhas (Carris), 16 m 47 s; 5.º, Luís Teotónio (B. Rio), 16 m 48 s; 6.º, Mário Mota (Guérin), 16 m 53 s; 7.º, José Romão (Telefones), 17 m 10 s; 8.º, Artur Guia (Guérin), 17 m 15 s; 9.º, António Tarifa (Carris), 17 m 25 s; 10.º, Acácio Carvalho (Carris), 17 m 28 s; 11.º, Renato Águas (Carris), 17 m 29 s; 12.º, Fernando Rodrigues (Regina), 17 m 32 s.

Após esta jornada a classificação por equipas, está assim ordenada:

1.ª categoria — 1.º, Casa Hipólito, 30 pontos; 2.º, H. Zêzere, 45; 3.º, Telefones, 50; 4.º, Carris, 54.

Em 2.ª categoria, o comando da classificação continua a pertencer á Carris.

Prosseguiu o campeonato de futebol

Com grande interesse prosseguiu o campeonato nacional de futebol, tendo-se apurado os seguintes resultados:

1.ª categoria

Fima Lever-F. C. Regina	0-1
C. Telefones-Sacor	4-1

2.ª categoria

B. L. Açores-B. E. Santo	0-4
B. Totta-B. Burnay	0-5
Crédit-C. G. Depósitos	2-4
Standard-C. & Teixeira	1-2

Campeonato de basquetebol

No prosseguimento do campeonato de basquetebol apuraram-se mais os seguintes resultados da 1.ª categoria: Guérin v. Vaultier, 38-26; Regina v. Porto de Lisboa, 84-30; Ferroviário-B. Espírito Santo, 34-32.

As equipas da F. C. Regina e da S. C. Guérin, só com vitórias, estão á frente da classificação.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Campeonatos de futebol e basquetebol

Prosseguiram hoje os campeonatos universitários de futebol e basquetebol, cujos jogos tiveram os seguintes resultados:

FUTEBOL — Técnico-Ciências, v. f. c.; Económicas - Veterinária, 3-2; Academia Militar-Escola Naval, 1-1.

BASQUETEBOL — Direito-Agronomia, 30-20; Academia Militar-Ciências Sociais, 57-24; Medicina-Económicas, 22-18.

RÂGUEBI

Campeonatos Nacionais da 1.ª e 2.ª Divisão e de Reservas

Iniciaram-se hoje os campeonatos nacionais das 1.ª e 2.ª Divisões e campeonato de reservas de raguebi.

A contar para o campeonato da 1.ª Divisão, o Benfica venceu a Agronomia por 14-9 e o C. D. U. L. derrotou o G. D. Direito por 14-3.

Em reservas o C. D. U. L. bateu o G. D. Direito por 30-0.

Em Coimbra, o Belenenses defronta a Académica, e no Porto, o F. C. Porto, defronta a Escola de Regentes Agrícolas, de Coimbra.

HANDEBOL

Campeonatos de Lisboa

Na ultima jornada do campeonato de Lisboa de handebol, hoje realizada, os resultados foram os seguintes:

Águias-Sporting, 3-18; Alverca-Almada, 5-2; Oriental-Belenenses, 8-4; Boa Hora-Cova da Piedade, 8-8.

*

A contar para o «Regional» de juniores realizaram-se dois encontros, que forneceram os seguintes resultados:

Belenenses-Cova da Piedade, 13-0; Oriental-Sporting, 3-9.

CORTA-MATO

Coimbra venceu o «inter-regional» de principiantes

PORTO, 24, — Disputou-se, hoje, nesta cidade, o Campeonato Inter-Regional de Principiantes de Corta-Mato, nos terrenos de Currais.

A classificação apurada, por equipas, foi a seguinte:

1.º, Coimbra, 9 pontos; 2.º, Porto, 19; 3.º, Lisboa, 20; 4.º, Viseu, 30; 5.º, Faro, 42.

Individualmente, venceu Aires Costa Baptista (Coimbra), com 16 m 40,8 s, seguido de Vítor Nunes (Lisboa), 17 m 46,8 s; Manuel Simões Oliveira (Coimbra), 17 m 54,8 s; Ilídio Martins Silva (Porto), 17 m 57,4 s, e Aniceto Simões (Coimbra), 18 m 1,2 s.

Um caso palpitante no Benfica

«O Norte Desportivo» de hoje publica a momentosa e sensacional correspondência trocada entre José Ricardo Domingues Junior e o comendador Adolfo Vieira de Brito.

PROVAS

Campe

SETUBAL, hoje os camp de Futebol ceram os seg

JUNIORES tijo, 1-Almad so, 0; Cova 1; V. Setuba reirense, 2-S

Com este competição, o campeonat a C. U. F., e o Moitens

O Vitória declaração d desafio de h

PRINCIPI V. Setubal,

Os encont te e Palmel ram adiados

Série B — se, 0; C. U. Moitense, 1-

Série C — 1; Almada, Costa da Ca Vitória de ra da Piedade pectivas sér

JUNIORES rie A — Pal parica, 5; Gi e da Capari faria, 1-Seix

Série B — tense, 2.

A partida lense foi ad

Jogos

Peniche

Jogo no c por Rein PENICHE Medeiros; o; Correia (Mendon

BELENEN ues e Este Quaresma s, Palico e

Ao interv or 1-0, ten os 15 minu

No segun utos Cara gualdade e fixou o r el ao Belen

Sanjoa

Jogo no E a, dirigido Áveiro.

SANJOAN ho e Almei varo Alexan lando, More F. C. POR Atraca; Rol Jaime, Carl Romeu e Da

Ao interv

Na segund as marcara

No final, p Porto, 1.

Out

Chaves, 6- Seixal, 3-A Vitória de S. L. Saud

TÉNIS

Campe de e

Prosseguiu peonato de de equipas ram os segu

SÉRIE A:

Mirantens

SÉRIE B:

C. Católic Benfica-In Armadore

SÉRIE C:

C. Católic Amoreiras fantis de Lis seguintes re

ugueses sobre os turcos
desta tarde no Jamor

Os turcos, que adoptam um sistema recuado, tentaram servir Ylmaz, situado no centro do terreno, mas o jogador viistante sózinho não pôde dar sequência á jogada.

Aos 12 minutos, Coluna, junto á linha de cabeceira, serviu José Augusto e este Eusébio mas Sabattin, entrando vigorosamente ao lance, não deixou o dianteiro rematar.

Num contra-ataque dos turcos, Miguel Arcanjo cometeu falta sobre Ylmaz não trazendo, no entanto, perigo para as nossas balizas a sequência do lance.

Aos 16 minutos, Ylmaz fugiu pela direita e centrou. Arcanjo, de cabeça, devolveu a bola, e Metin disparou forte remate que Costa Pereira defendeu com dificuldade.

No minuto seguinte, Pedro Gomes, em lance individual, lutou com a defesa contrária e rematou á base do poste.

Segundo golo de Eusébio

Entretanto, o árbitro assinalou livre-indirecto á entrada da grande área. Coluna tocou a bola para Eusébio. Este não perdoou, obtendo o quarto tento da nossa selecção.

Torres, a seguir, infiltrou-se entre a defesa adversária, acabando por rematar frouxo, o que permitiu defesa tranquila de Varol.

Aos 24 minutos, Costa Pereira, em tarde pouco inspirada, deixou fugir um remate de Fevzi, passando a bola a rasar o poste.

Assistiu-se, a seguir, a um remate de Metin que roçou na trave e a tentativas dos atacantes portugueses, a ultima das quais de Eusébio que passou o guarda-redes contrário, mas Ismail, sobre a linha de golo, evitou o tento.

Nova situação difícil para os turcos, aos 31 minutos, que Sükrü, sobre a linha de golo, salvou.

5.º golo de Portugal

Quando Coluna, que havia recebido um passe de Torres, se encaminhava para as redes, foi derrubado por Sabattin. O livre marcado por Eusébio, em jeito, com um remate colocado, proporcionou o quinto golo da equipa lusitana.

Os portugueses sem nunca descurarem o ataque terminaram a partida com um resultado a reflectir a sua melhor capacidade técnica e territorial.

Eusébio autor de três dos cinco golos da equipa de Portugal

COMENTÁRIO

Exceptuando três contra-ataques dos turcos e o lance do golo, o primeiro tempo foi inteiramente do «onze» nacional, que desenvolveu, sem pressas, quiçá com demasiada serenidade, toada ofensiva para todos os paladares.

Disso resultou uma capacidade realizadora impressionante, que, todavia, só proporcionou dois golos, muito aquém do que poderia ter sido.

Dentro desta ordem de ideias, e diante de um panorama futebolístico muito repetido, isto é, com nítida superioridade táctica e técnica dos portugueses, só há a lamentar que alguns lances de muita categoria não tivessem redundado em golo.

Mas deverá considerar-se, além do infortunio de Eusébio, o homem em foco, o deliberado pendor defensivo dos turcos, que formaram na sua grande área uma verdadeira floresta humana.

Também a tendência para o lance rispido se fez sentir.

O 2-1 registado é lisonjeiro em relação ao que se apontou e ás escassas presenças dos visitantes junto de Costa Pereira.

Deverá, ainda, anotar-se que os avançados portugueses, excelentemente apoiados por Jaime Graça e Coluna, lançaram ondas de pânico á retaguarda dos turcos.

Não se modificou, no segundo tempo, a característica do período anterior. Portugal atacou e a Turquia defendeu, mas pensando mais no contra-ataque, intencional, a partir do 3-1.

Os consecutivos e persistentes ataques dos lusitanos afligiram amiude a retaguarda visitante e só é para admirar que o «bombardeio» não tenha proporcionado um resultado mais condizente com a insofismável supremacia do «onze» nacional.

Triunfo indiscutível, exibição satisfatória e actuações individuais de Jaime Graça e Mário Coluna em grande plano.

Mas os restantes não destoaram, muito embora Eusébio, pelas oportunidades que desfrutou, tenha ficado em débito.

O grupo adversário não será certamente aquilo que demonstrou esta tarde, mas a culpa pertence ao valor dos lusitanos.

A arbitragem, num jogo de bom tom desportivo, falhou no julgamento de lances na grande área, a favorecer os turcos.

F. S.

PROVAS DA A. F. S.

Campeonatos distritais

SETUBAL, 24. — Prosseguiram hoje os campeonatos da Associação de Futebol de Setubal, que forneceram os seguintes resultados:

JUNIORES — 1.ª Divisão — Montijo, 1-Almada, 0; C. U. F., 14-Luso, 0; Cova da Piedade, 3-Sesimbra, 1; V. Setubal, 1-Moitense, 3; Barreirense, 2-Sarilhense, 1.

Com estes desafios terminou a competição, ficando apurados para o campeonato nacional, o Montijo, a C. U. F., o Sesimbra, o Almada e o Moitense.

O Vitória de Setubal apresentou declaração de protesto referente ao desafio de hoje.

PRINCIPIANTES — Série A — V. Setubal, 8- C. Industria, 0.

Os encontros Sesimbra-Independente e Palmelense-Pinhalnovense foram adiados.

Série B — Montijo, 8-Alcochetense, 0; C. U. F., 2-Barreirense, 1; e Moitense, 1-Luso, 2.

Série C — Trafaria, 3-Paio Pires, 1; Almada, 1-Cova da Piedade, 3; Costa da Caparica, 2-Amora, 0.

Vitória de Setubal, Montijo e Cova da Piedade comandam as respectivas séries.

JUNIORES (2.ª Divisão) — Série A — Paio Pires, 0-Costa da Caparica, 5; Ginásio, 0-Amora, 0; Monte da Caparica, 1-Arrentela, 0; Trafaria, 1-Seixal, 1.

Série B — Palmelense, 2-Alcochetense, 2.

A partida Independente-Grandolense foi adiada.

Jogos particulares

Peniche, 1-Belenenses, 2

Jogo no campo do Baluarte, dirigido por Reinaldo Silva, de Leiria.

PENICHE: Tavares; Bernardino Medeiros; Ferreira, Varela e Lito; Correia Dias, Carapinha, Eduardo (Mendonça), Lino e Cunha Veio.

BELENENSES: Gomes; Rodrigues e Esteves; Cardoso, Caneira e Quaresma; Teodoro, Ribeiro, Lias, Palico e Godinho.

Ao intervalo o Belenenses vencia por 1-0, tento de Ribeiro, marcado aos 15 minutos.

No segundo tempo e aos 20 minutos Carapinha estabeleceu a igualdade e aos 40 minutos, Teodoro fixou o resultado em 2-1, favorável ao Belenenses.

Sanjoanense-F. C. Porto

Jogo no Estádio Conde Dias Garcia, dirigido por Porfírio Silva, de Aveiro.

SANJOANENSE — Pimenta; Coelho e Almeida, Jambau, Dino e Alvaro Alexandre; Vaner, Vasco, Orlando, Moreira e Macedo.

F. C. PORTO — Rui; Sucena e Atraca; Rolando, Almeida e Paula; Jaime, Carlos Manuel, Vasconcelos, Romeu e Daniel.

Ao intervalo, 0-0.

Na segunda parte, ambas as equipas marcaram um tento.

No final, portanto, Sanjoanense, 1-Porto, 1.

Outros resultados

Chaves, 6-Salgueiros, 2.
Seixal, 3-Almada, 0
Vitória de Setubal-Barreirense, 4-1
S. L. Saudade-Veter. do Vitória, 5-2

TÉNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa de equipas infantis

Prosseguiu esta manhã o campeonato de Lisboa de ténis de mesa de equipas infantis. Os jogos tiveram os seguintes resultados:

SÉRIE A:
Mirantense-Intendente V. F. C.

SÉRIE B:
C. Católico-Mirantense 2-5
Benfica-Intendente 5-0
Armadorense-Ateneu 5-4

SÉRIE C:
C. Católico-O. Progresso.... 5-1
Amoreiras-Operário 5-0

fantis de Lisboa. Verificaram-se os seguintes resultados:

O ILLIABUM CLUBE

tem novos corpos gerentes

Reuniu-se a assembleia geral ordinária do Illiabum Clube para aprovação do relatório e contas da gerência de 1964. Foram, aprovados por aclamação. Presidiu o prof. Guilhermino Ramalheira, e diversos oradores usaram da palavra. Os novos corpos gerentes para 1965, têm como presidentes, respectivamente, da assembleia geral, conselho fiscal e direcção, os srs. Joaquim Ferreira Jorge, prof. Eduardo Rogério Simões e dr. Alcino Couto.

A' frente das secções desportiva, cultural e recreativa ficaram, também, respectivamente, os srs. eng.º João Fonseca, eng.º Amadeu Pauseiro e António Ferreira Gordo.

Os atletas do clube e o seu treinador, José Ançã, foram vibrantemente saudados, tendo a reunião decorrido com grande elevação.

A «CHAVE» DO TOTOBOLA

Para que os nossos leitores possam, rápidamente, verificar o acerto, ou erro, dos seus prognósticos enviados ao Totobola, publicamos, a seguir, a «chave» referente ás apostas deste domingo:

Portugal-Turquia	**1**
Avintes-Freamunde	**X**
Progresso - Vilanovense	**2**
Tirsense-Amarante	**1**
Anadia - Alba	**1**
M. Soure-Marialvas	**1**
Caparica-Ginásio do Sul ..	**1**
A. Bilbau-Saragoça	(a)
Cordova-Las Palmas	**X**
Murcia - Barcelona	**2**
Corunha-A. Madrid	**2**
Levante - Bétis	**1**
Sevilha-Valencia	**X**

(*a*) O desafio A. Bilbau-Saragoça termina cerca das 19 e 15.

FRIGORÍFICOS
AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO
CASA M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48, 1.º andar
(Junto ao Largo)

EFECTUOU-SE HOJE NA CASA DO MINHO

o 3.º almoço bracarense

As excelências da cozinha minhota, tão do agrado dos portugueses e dos estrangeiros que nos visitam, voltaram, hoje, a ser evidenciadas na Casa do Minho, fiel ao seu louvável objectivo «Uma boa mesa para uma boa política regionalista». As intenções do 3.º almoço bracarense revestem-se, porém, de aspectos ainda mais significativos, se não esquecermos a sua influência turística, pois a expansão desta novel e prometedora industria há-de assentar, em grande parte, numa culinária baseada em pratos característicos e apetitosos, regados com os nossos bons vinhos, tudo isto a realçar melhor a beleza exuberante da paisagem, a comodidade dos hotéis e de outras instalações afins, a amenidade do clima...

Presidiu o sr. dr. Nuno Simões, como presidente da assembleia geral, estando presentes cerca de 200 convivas, entre os quais o sr. embaixador do Brasil e esposa; ministro conselheiro e esposa; ministro das Corporações e esposa; Cupertino de Miranda e esposa; eng. André Gonçalves, comandante Noronha, cónegos Avelino Gonçalves e Silva Rego, dr. Coelho da Rocha, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, deputado Santos da Cunha, dr. António Peres Rodrigues, Artur Maciel, futuro presidente da Casa do Minho, etc.

Entre os vários oradores, falou o sr. dr. Nuno Simões, para se congratular com o significado daquela reunião e saudou todos os amigos presentes.

floïd
HAUGROLIZADO

Entusiasmado, o público aplaude as fantásticas e quase inacreditáveis «figuras» desenhadas pelo magnífico ginasta.
As marcas do tremendo esforço realizado aparecem depois!
Por isso FLOID é a loção facial que ele usa depois de fazer a barba!
Com FLOID, o rosto readquire toda a virilidade do atleta perfeito!

LOÇÃO FACIAL PARA DEPOIS DA BARBA

O «NACIONAL» DO II DIVISÃO

Devido ao mau tempo foi adiado no passado domingo o encontro entre o Famalicão e o Boavista, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, que se efectuou esta tarde, completando-se assim a jornada que se encontrava incompleta.

Famalicão, 3-Boavista, 1

Jogo em Famalicão, dirigido por Henrique Graça, de Coimbra.

FAMALICÃO — Santana; Freitas e Sampaio; Filipe, Ferreira e Bruno; Sarmento, Pinho, José António, Rosseau e Fausto.

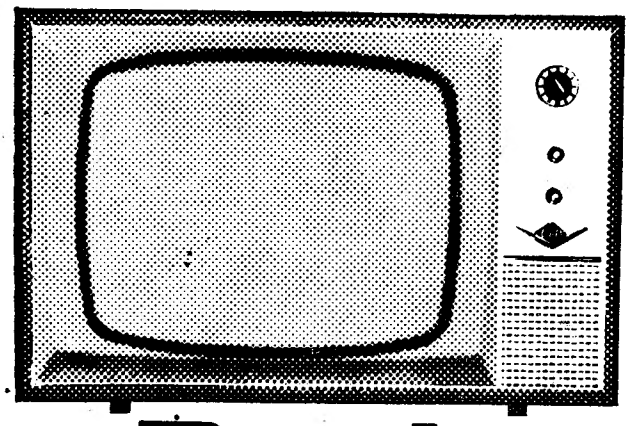
BOAVISTA — Vieira; Saul e Pacheco; João, Celestino e Ribeiro I; Germano, Rinchou, José Maria, Adérito e Fonseca.

Ao intervalo: 1-0, golo de João, nas próprias redes, aos 22 minutos.

Na segunda parte, José António, Rosseau e Perichon, respectivamente, aos 13, 14 e 40 minutos, fixaram o resultado em: Famalicão, 3-Boavista, 1.

AGORA PODE TER UM "TV"

pelo preço do café e do brandy



120$00 mensais
com antena normal incluida
SEM FIADOR
UM PRODUTO GARANTIDO PELA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

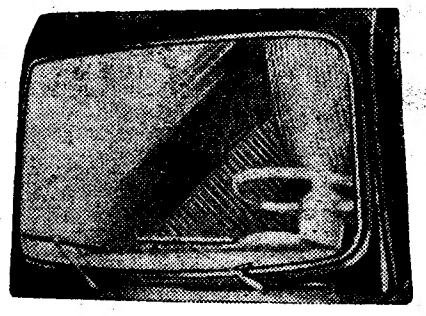
Bardo

Av. da Liberdade, 131 — R. de S. Bento, 53 a 57
Av. Almirante Reis, 124-B

Revendedores dos Televisores

TOP RANK

PARABRISAS — ÓCULOS — VIDROS DE PORTAS
REFLECTORES



Gama completa e stock permanente, aos melhores preços, para todas as marcas de automóveis
DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

USE S.E.V PARIS

DURA MAIS... CUSTA MENOS

Equipamentos completos de alimentação, ignição e limpa parabrisas para todas as marcas de automóveis

Representantes para o Continente, Ilhas e Ultramar:

GARAGEM CENTRAL, LDA.
Largo da Anunciada, 17 — Telefones 327634/368949
LISBOA 2

LINEAS MARÍTIMAS ARGENTINAS
E. L. M. A.
para:
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES
CARREGA EM 28 DO CORRENTE
o m.s. «YAPEYU»
OS AGENTES GERAIS:
Soc. Com. OREY, ANTUNES & Cia., Lda.
4, Praça Duque da Terceira — Lisboa
Telefs. 322271/2/3-33254/5-PPCA

BENFICA-REAL
EM
MADRID
Comboio Especial
PREÇO (Ida e volta)

2.ª	classe	330$00
1.ª	classe	465$00

HORÁRIO (provável)

Dia 16 de Março — Partida de Lisboa cerca das 21 h.

Dia 18 de Março — Partida de Madrid cerca das 2 h. com chegada a Lisboa cerca das 12 h.

Faculta-se aos Srs. Passageiros regressarem até 8 dias depois da realização do desafio.

Excursões complementares, alojamento em hotéis e refeições á escolha dos Srs. Passageiros.

Inscreva-se desde já ou adquira o seu bilhete na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica, nas Agências de Viagens autorizadas ou nos seguintes Despachos Centrais do Caminho de Ferro:

Avenida Praia da Vitória, 36-38
Travessa Cais do Tojo, 15
Rua Almeida e Sousa, 14-A
Avenida de Roma, 4-B
Rua Marquesa de Alorna, 22-A
Rua dos Anjos, 77-A

SPEEDRITE
A MÁQUINA DE PROTEGER CHEQUES E TODOS OS DEMAIS DOCUMENTOS DE VALOR CONTRA FALSIFICAÇÕES E ALTERAÇÕES INDEVIDAS!

SPEEDRITE
A MÁQUINA QUE DEFENDE A SUA CONTA BANCÁRIA E PORTANTO O SEU DINHEIRO

Peça uma demonstração no seu escritório sem qualquer compromisso

REPRESENTANTES:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
Rua da Prata 68, Telef. 361545-LISBOA
Rua de Santo António, 208-Telef. 25582-PORTO

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS — MAIORES PRAZOS
TODAS AS SÉRIES — MENORES ENCARGOS
ROBREL
RUA BARATA SALGUEIRO, 15, 3. — TEL 44602-736569

Mau humor... ...ou talvez não

(Continua na 19.ª página)

incorpora-se em Infantaria 16; a Travessa da Palha, contra todas as aparências, nunca se atreveu a desembocar no Largo da Abegoaria; no entanto Alexandre Herculano, sem se importar com as aparências, vai desaguar no Largo do Rato.

Fontes Pereira de Melo é cortado ao meio por Andrade Corvo e as Picoas acabam com ele, decapitando-o; São Paulo anda arredio do Beco dos Apóstolos e por completo isolado de São Pedro de Alcantara, que por sinal não é em Alcantara; entre o Largo da Graça e a Praça da Alegria medeia enorme distancia; a Rua das Pretas não pertence ao Bairro das Colónias; D. Pedro V — quem o diria! — empurra Luisa Todi para o Bairro Alto.

Ruas do Arco há várias. Uma é do Cego, para distinguir. Ruas de São Mamede há duas: uma é onde é, a outra é ao Caldas. O Bairro da Liberdade não tem nada que ver com a Avenida homónima. A Rua Jau e a Rua dos Lusíadas distam uma légua da Praça de Camões. O Parque Eduardo VII faz vida á-parte do Bairro de Inglaterra.

Dona Estefania cohabita com Pascoal de Melo. A Rua do Salitre anda de rixa com a Rua da Fábrica da Pólvora: pelo menos não convivem. Santa Bárbara é muito frequentada pelos guardas-republicanos do Cabeço de Bola. A Rua dos Remédios existe em Ceca — e em Meca a Rua da Sociedade Farmacêutica. A Rua Capelo é uma rua vulgar, com o vulgar pavimento alcatroado. A Rua do Capelão, naturalmente por se tratar do aumentativo, entrou no folclore e está juncada de rosmaninho e outros ornatos típicos.

Na nomenclatura das ruas lisboetas só se depara, salvo o devido respeito, com um pormenor acertado: o Duque da Terceira deixou-se ficar no Cais do Sodré e ali ficará para sempre, com razão, pois não lhe interessa deslocar-se de comboio ao Estoril nas unicas classes hoje existentes: a primeira e a segunda.

CENTRO PORTUGUÊS DE BAILADO

LISBOA

AVISO CONVOCATÓRIO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Em cumprimento do que determina o parágrafo 2.º do artigo 9.º dos Estatutos, tenho a honra de convocar os sócios do Centro Português de Bailado que se encontrem em gozo dos seus direitos, para o dia 5 de Fevereiro de 1965, ás 20.30 horas, na sede, á Rua Cristóvão de Figueiredo, 10-B, 12-A, em Lisboa, a fim de, em reunião da Assembleia Geral Extraordinária, deliberarem sobre a seguinte:

ORDEM DE TRABALHO

a) Tomar conhecimento dos resultados mencionados na ultima parte da moção aprovada na Assembleia Geral Extraordinária de 15/8/64;
b) Apresentação e discussão de uma proposta para desligar o Grupo Experimental de Ballet do Centro Português de Bailado;
c) Tomar conhecimento de um comunicado da Direcção eleita.

Se, á hora mencionada, não houver numero legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois, com a mesma ordem de trabalhos e qualquer numero de presenças, tal como determina o Parágrafo 3.º do Artigo 3.º dos Estatutos.

O Presidente da Assembleia Geral
Filipe de Sousa

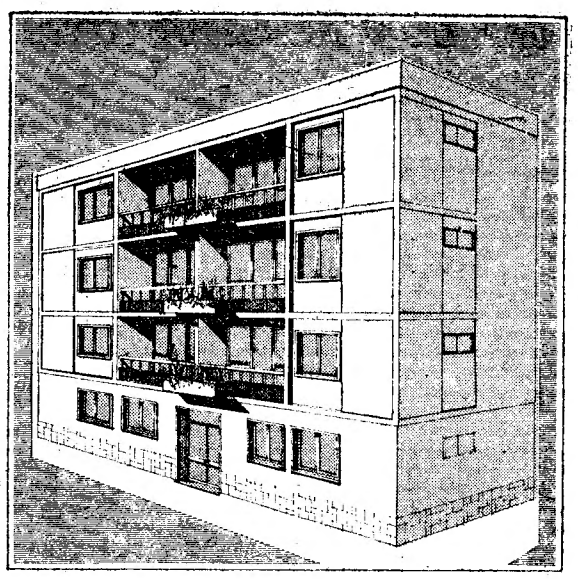
MAQ. LAVAR - FOGÕES
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

PROPRIEDADE HORIZONTAL

a 4 km do aeroporto
Areeiro
a 2,5 Sacavém
a 14 km do Rossio

CENTRO COMERCIAL
ESCOLA
PARQUE INFANTIL
com três e quatro assoalhadas nos arredores de Lisboa|Sacavém
UM BAIRRO
MODERNO
COM VIDA PRÓPRIA

BAIRRO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO



PARA INFORMAÇÕES DETALHADAS QUEIRA ENVIAR-NOS ESTE CUPON

IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ S.A.R.L.
NOME
MORADA

IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ S.A.R.L.
AVENIDA INFANTE SANTO, 56/A-B-D TELEF. 672953-661036 LISBOA

CONSULTE OS NOSSOS PLANOS DE FINANCIAMENTO

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria Gertrudes Sousa Dias Ribeiro de Carvalho

Faleceu no passado dia 18, em Lisboa, com 93 anos, a sr.ª D. Maria Gertrudes Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, viuva do major da Administração Militar, António Ribeiro de Carvalho, oficial que pela sua competência profissional e honestidade é saudosamente recordado. A falecida viveu largos anos em Chaves e pertencia a duas das mais distintas famílias daquela terra, onde sempre se tornou notada pelas suas excelentes qualidades. Esposa dedicada e mãe amantíssima, mereceu sempre o respeito e a consideração de todos que a conheciam e com ela privavam. Por isso, o seu falecimento causou grande consternação, especialmente em Chaves.

Era mãe da sr.ª D. Maria Amélia, viuva do professor publicista Gastão Sousa Dias, e dos srs. coronel de Infantaria, Filipe Ribeiro de Carvalho, casado com a sr.ª D. Laurinda Leonor Afonso Ribeiro de Carvalho; general António Ribeiro de Carvalho, director da Arma de Cavalaria; major Clotário Ribeiro da Fonseca, em serviço na província de Angola; Guilherme Ribeiro de Carvalho, funcionário do quadro administrativo de Angola, casado cam a sr.ª D. Fernanda do Amaral Espinho Ribeiro de Carvalho, e Heitor Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, funcionário dos Caminhos de Ferro em Moçambique; e tia do coronel António Germano Guedes Ribeiro de Carvalho, que foi ministro da Guerra no período anterior á actual situação política.

O corpo foi trasladado em autofunebre, em 19, para Chaves, onde ficou depositado no cemitério municipal em jazigo de família.

Naquela cidade, os restos mortais eram aguardados por grande numero de pessoas que o acompanharam até á sua ultima morada.

O falecimento não foi participado na devida altura por expressa determinação da família da extinta.

João Cândido da Silva Junior

Faleceu o sr. João Cândido da Silva Junior, de 54 anos, natural de Anunciada (Setubal), industrial, casado com o sr.ª D. Ana Martins de Brito da Silva.

O funeral a cargo da casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, sai amanhã, ás 10 e 30, da igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica.

José Maria Simeão

BARREIRO, 24 — Com 77 anos faleceu, esta manhã, o sr. José Maria Simeão, natural de Moura e morador na Rua Dr. Eusébio Leão, 24, nesta vila, casado com a sr.ª D. Maria Pereira Simeão e pai das sr.ªs D. Idalina Simeão Estêvão Cabrita, casada com o sr. dr. Luís Estêvão Cabrita, médico pediatra e de D. Alzira Simeão dos Santos-Seixo, casada com o sr. José dos Santos Seixo, comerciante na Moita; e avô da sr.ª dr.ª Maria Alzira Simeão dos Santos Seixo, professora do Liceu de Setubal; do sr. Luís José Simeão Estêvão Cabrita, aluno da Faculdade de Medicina de Coimbra; e das meninas Maria Teresa Simeão dos Santos Seixo e Luísa Maria Simeão Estevão Cabrita.

O funeral efectua-se amanhã, cerca das 17 horas, para o cemitério do Lavradio.

FUNERAIS

D. Maria Gertrudes Sousa Dias Ribeiro de Carvalho

CHAVES, 24. — Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral da sr.ª D. Maria Gertrudes Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, de 93 anos, viúva, falecida há dias, em Lisboa e cuja notícia não foi dada por expressa determinação da família. O féretro veio em autofúnebre para esta cidade onde a extinta viveu largos anos e em cujo cemitério municipal ficou sepultada em jazigo de família.

D. Maria Gertrudes Sousa Dias Ribeiro de Carvalho aliava duas das mais conhecidas famílias de Chaves. Era viúva do major António Ribeiro de Carvalho e mãe da sr.ª D. Maria Amélia de Sousa Dias, viúva do escritor Gastão de Sousa Dias, e dos srs. coronel Filipe de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, general António de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, director da arma de Cavalaria, major Glotário de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, em serviço em Angola, Guilherme de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, funcionário em Angola, e Heitor de Sousa Dias Ribeiro de Carvalho, funcionário dos Caminhos de Ferro, em Moçambique. Era ainda tia do sr. coronel António G. G. Ribeiro de Carvalho, antigo ministro da Guerra do Governo da República, a quem, como a toda a família enlutada, apresentamos sentidos pêsames.

SUFRÁGIOS

D. Maria Ferreira da Cunha Rosa

Na igreja de São João de Deus celebra-se amanhã, ás 12 horas, missa de sufrágio por alma da sr.ª D. Maria Ferreira da Cunha Rosa, mandada dizer pela família.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 73 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 80 - 66 27 72 - 28 00 22

FERROVIÁRIO

colhido por um comboio

PAMPILHOSA, 24 — Quando se encontrava de serviço o servente de 2.ª classe sr. Joaquim Monteiro Ferreira, casado, de 28 anos de idade, natural de Alhadas, foi colhido por um comboio.

Muito ferido e a sangrar foi logo conduzido aos Hospitais da Universidade de Coimbra, com esmagamento da perna direita e de parte da mão direita. Ficou internado em estado melindroso.

VIDA RELIGIOSA

Cortejo de pastoras em prol de uma capela

fLHAVO, 24 — No populoso bairro de Cimo de Vila realiza-se, no dia 31, um cortejo de pastoras, cujo produto se destina ás obras a fazer na capela de Nossa Senhora do Pranto, do referido bairro.

O cortejo formar-se-á no Largo de Nossa Senhora do Pranto, e percorrerá as principais ruas da vila, depois do que se fará o leilão das ofertas junto aos Paços do Concelho. E' organizadora do corteja a sr.ª D. Dolores Maia Campos.

Festa de São Francisco de Sales em Évora

ÉVORA, 24. — A Liga Universitária Católica vai celebrar, no dia 29, com muita solenidade, o Dia de São Francisco de Sales, patrono da Imprensa e dos jornalistas católicos. Ás 17 e 15 daquele dia, na igreja do Carmo, o rev. dr. Paulo de Meneses, professor de Economia do Instituto de Estudos Superiores de Évora, celebrará missa, seguida de homília. Ás 18 horas, no Paço Arquiepiscopal, o sr. arcebispo receberá os jornalistas e outros convidados pela L. U. C.

DESAPARECERAM TRÊS MENORES residentes em Sines

Florimundo dos Santos Gomes Santana

SINES, 24 — Desapareceram desta vila, na quinta-feira, os menores Florimundo dos Santos Gomes Santana, de 15 anos, que tem cabelo e olhos castanhos e veste camisola aos quadrados amarelos e azuis e calças de ganga; António Francisco Alves Cordeiro, de 19, com cabelo loiro e olhos azuis, vestindo fato de ganga usado e calçando botas de borracha; e João Luís da Silva Mateus, de 15, com cabelo e olhos castanhos e que veste casaco claro e calças escuras.

Quem souber do seu paradeiro, pode indicá-lo ao correspondente do «Diário de Lisboa», em Sines, sr. Julio Gomes da Silva.

Quatro mil escudos

furtados de um automóvel

BEJA, 24 — Quando um automóvel pertencente ao sr. José Varela da Cunha, caixeiro-viajante, residente em Lisboa, se encontrava estacionado numa rut desta cidade, os gatunos arrombaram-no e apossaram-se de quatro mil escudos.

«Paris-Hotel»

(Continuação da 5.ª página)

a traços de caricatura fina, animou-os como bonecos falantes, pediu-lhes «charme», a imaginação, a irreverência e boa disposição que os boémios de 1900 não desdenhariam e conseguiu, assim, criar um espectáculo pitoresco e encantador! Para dar á sua encenação o «toque» de obra completa e acabada encomendou a Fernando de Carvalho adequados apontamentos musicais e a Pinto de Campos os cenários e figurinos. Um e outro foram factores decisivos a jogar no êxito do espectáculo e, para Pinto de Campos, que está no ambiente natural que o seu «estilo» pede, foi mesmo oportunidade para criar alguns bonitos figurinos.

Falta-nos registar aqui uma palavra para a interpretação, toda ela homogénea, mau grado as notórias diferenças de experiência de palco e de habilidade, verificadas entre os 16 principais intérpretes, vindos, aliás, das mais variadas procedências.

Como verdadeira mola do espectáculo esteve á frente de todos Henrique Santana. Atirando-se de caras para o publico, entrando na sua intimidade com intenção e malícia, Henrique Santana compôs uma estupenda e encantadora figura de galã 1900, elegante, alegre, maleável e oportuno, que na naturalidade, quer no exagero de um ou outro «gag». Foi inconstestávelmente a grande vedeta do espectáculo. Para nós foi igualmente uma novidade muito agradável, que aqui registamos com prazer, o trabalho de Irene Isidro. Elegantissima, bonita e moderna, representando com sobriedade mas com a segurança de uma excelente actriz de comédia, Irene Isidro, de quem não conhecíamos esta faceta, cantou, ainda, com técnica suficiente para substituir com vantagem a sua voz colocada para actriz e não para cantora. Na terceira figura do espectáculo esteve Costinha, com os processos de representar que o tornaram conhecido e admirado. Henrique Santos e Maria Helena foram igualmente dois excelentes elementos da equipa de primeiras figuras.

Irene Cruz, António Marques, João Lourenço e Helena Vieira, foram outros dentre as trinta figuras em cena, que se destacaram do conjunto.

Sintetisando as nossas impressões diremos que não era possivel desejar um mais auspicioso começo de temporada para uma companhia que, cultivando o teatro para rir, deseja ser moderna e actual, fazendo-o com equilíbrio e bom gosto.

L. d'O. M.

D. Maria Ferreira da Cunha Rosa

MISSA DO 7.º DIA

AGRADECIMENTO

António da Cunha Rosa, Mário Ferreira da Cunha Rosa e sua mulher, Artur Luís Ferreira da Cunha Rosa, sua mulher e filhos, Maria Amélia da Cunha Rosa Costa Ferreira, seu marido e filhos, Ana Maria da Cunha Rosa Duarte Pires, seu marido e filha, António Ferreira da Costa, sua mulher e filhos, genro, nora e neta, e mais família participam que amanhã, dia 25, pelas 12 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada Missa pelo eterno descanso da sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, bisavó, irmã, cunhada, tia e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como áquelas que a acompanharam á sua ultima morada e que por desconhecimento de endereços o não tenham feito directamente.

A. G. MAGNO, LD.ª
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

Maria Clementina da Conceição Silva Biscaia

MISSA DO 7.º ANIVERSÁRIO

Sua família participa que amanhã, dia 25, ás 12 e 30, será celebrada no altar-mor da Igreja dos Mártires missa pelo seu eterno descanso.

Maximino Fernandes Conde

FALECEU

Olinda do Sacramento Fernandes Conde, Maria Amélia Fernandes Conde Oliveira e seu marido (ausentes), Alfredo Adelino Fernandes Conde, sua mulher e filhas, Virginia da Conceição Fernandes Conde Lane, marido e filhos (ausentes) cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro e avô, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 10 horas, da capela do Hospital do Ultramar, para o cemitério de Carnaxide.

ANTIGA AGÊNCIA LOURENÇO
Telef. 638026

João Cândido da Silva Junior

FALECEU

Ana Martins de Brito da Silva e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica. Ás 9 horas será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

A. G. MAGNO, LD.ª
Av. Almirante Reis, 129-A
Tel. 51586

«Parece que chegamos ao fim de uma era»

—uma frase das muitas que definem a reacção popular à morte de Churchill

LONDRES, 24 — (A. N. I.) — «Parece que chegamos ao fim de uma era»—foram as palavras de um cidadão britânico, entre os que passaram a noite em vigília, defronte da residência de Churchill, ao receber a notícia da morte de «sir» Winston.

A notícia não foi comunicada directamente áqueles que têm tomado parte na vigília publica, que começou há uma semana. Os cidadãos que se aglomeravam em Hyde Park Gate só tiveram conhecimento da morte de «sir» Winston quando um jornalista colocou o seu «transistor» em cima de um automóvel, abrindo o som no seu máximo volume, quando uma emissora dava a notícia.

«E' o fim da velha Grã-Bretanha, tal como a conhecemos através dos livros de História» — disse outro dos presentes.

Fazendo o sinal da cruz, quando ouviu a notícia, uma mulher exclamou:

«Que Deus tenha piedade da sua alma. Ele foi unico no seu géculo».

No numero 10 de Dowing Street, residência dos primeiros-ministros britânicos, onde Churchill viveu durante os anos críticos do tempo da guerra, um homem de barba grisalha ajoelhou-se no passeio e rezou.

Na abadia de Westminster, a bandeira nacional desceu a meia haste, e sobre o edifício do Parlamento, que Churchill serviu durante a maior parte da sua vida, nenhuma bandeira se via hasteada esta manhã.

No centro da cidade, a Praça de Trafalgar encontrava-se praticamente deserta. Apenas alguns pombos esvoaçavam sob o granizo que tombava, á procura de grãos de milho. Mas ninguém ali se encontrava para lhes dar de comer.

As mensagens de pesar

dos chefes do Estado e do Governo

O telegrama de condolências enviado pelo Chefe do Estado, á rainha Isabel II de Inglaterra, pelo falecimento de «sir» Winston Churchill, é concebido nos seguintes termos:

«No momento do falecimento de «sir» Winston Churchill, peço a vossa majestade para aceitar a expressão do profundo pesar com que tive conhecimento da perda de figura tão proeminente, para quem tantos contrairam uma grande dívida de gratidão. Desejo transmitir a vossa majestade as minhas mais sinceras condolências e renovar a expressão da minha mais alta consideração».

E' o seguinte o texto do telegrama que o sr. almirante Américo Thomaz também dirigiu a «lady» Clementine Churchill:

«Na ocasião do falecimento de «sir» Winston Churchill, peço-vos para aceitar a expressão do meu profundo pesar e as minhas sinceras condolências pela grande perda que haveis sofrido. Aceitai a segurança da minha simpatia e dos meus sinceros pesames».

Os telegramas do dr. Oliveira Salazar a Wilson e «lady» Churchill

O sr. Presidente do Conselho telegrafou, nos seguintes termos, ao primeiro-ministro britânico, Harold Wilson:

«Desejo transmitir-vos a expressão das minhas mais sinceras condolências na ocasião do falecimento de «sir» Winston Churchill e pedir-vos para aceitar os sentimentos de profundo pesar pela grande perda de uma tão distinta figura nacional e mundial. Peço-vos para aceitar, sr. primeiro-ministro, a expressão da minha mais alta consideração».

A «lady» Clementine Churchill, enviou o sr. prof. dr. Oliveira Salazar o seguinte telegrama:

«Tendo tido conhecimento da grande perda que haveis acabado de sofrer, desejo oferecer-vos a expressão da minha sincera simpatia e do profundo pesar que compartilhamos convosco, pelo desaparecimento de tão grande figura nacional e mundial».

O telegrama do dr. Franco Nogueira a Mikael Stewart

O sr. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, enviou ao seu novo colega britânico, Michael Stewart, a seguinte mensagem de condolências:

«Foi com grande compunção que tive conhecimento do falecimento de «sir» Winston Churchill e peço-lhe para aceitar os sentimentos de profundo pesar pela perda de uma figura tão proeminente e de um homem de Estado de relevância nacional e mundial. Peço-lhe que aceite as minhas sinceras condolências e a expressão da minha mais alta consideração».

Uma declaração

do Presidente do Conselho

O sr. Presidente do Conselho fez a seguinte declaração, que o S.N.I. nos transmitiu, a propósito da morte de «sir» Winston Churchill:

«Desaparece uma grande figura da História da Inglaterra e da História contemporânea. «Sir» Winston Churchill consubstanciou e resumiu em si toda uma longa época, e sempre lutou, sem desfalecimentos nem tibiezas, pelos valores e pelos ideais que constituíam o seu mundo. Fê-lo com uma clarividência, um objectivo ao mesmo tempo idealista e prático, uma lucidez de propósitos e de julgamento, e um sentido histórico que revelam as inteligências esclarecidas e as vontades firmes».

Declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros

Por sua vez, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros declarou o seguinte:

«De há muito «sir» Winston Churchill pertencia á História. Escreveu algumas das mais decisivas páginas da língua inglesa e da vida mundial. Foi um símbolo de tenacidade e patriotismo, e deu uma eloquente lição do que pode a energia apoiada por uma vontade esclarecida. Serviu a causa do seu país. Serviu a causa do Ocidente. Serviu os grandes valores do espírito. Tinha uma visão exacta do que era importante para a sua defesa, e se alguns dos seus pontos de vista tivessem sido compreendidos e aceites na altura, talvez fosse hoje mais segura a vida de nós todos. Encerra-se, com a morte do estadista britânico, um ciclo que tinha o seu estilo, os seus conceitos, a sua grandeza autêntica, os seus altos ideais — e tudo isto «sir» Winston personificou e defendeu como ninguém. Todos partilharemos do pesar do povo inglês neste momento».

Amanhã será designada a entidade oficial que se deslocará a Londres, a fim de representar o Governo português nos funerais de «sir» Winston Churchill.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO PAÍS E DO ESTRANGEIRO

Johnson quer ir a Londres e Balduino talvez vá também

LONDRES, 24 — (F. P.) — Johnson tenciona assistir ao funeral de «sir» Winston Churchill, mas não tem ainda autorização médica — indica-se na Embaixada dos Estados Unidos em Londres. Caso contrário, far-se-á representar pelo vice-presidente Hubert Humphrey. A Austrália e o Canadá serão representados pelos primeiros ministros, respectivos, Robert Menzies e Lester Pearson. Um membro da família real belga dirigirá a delegação do seu país. Na Embaixada da Bélgica davam a entender que o rei Balduino poderia vir.

TRÊS FERIDOS

num acidente de viação

Porto, 24.—Cerca das 15 horas, ocorreu na Rua de Rocha Silvestre, em Oliveira do Douro, Gaia, um grave acidente de viação, provocado pela imprevidência de uma senhora que seguia ao volante de um automóvel de luxo, no qual andava a aprender a conduzir, levando a seu lado o marido. Àquela hora, descia a referida artéria essa viatura, conduzida pela sr.ª D. Elsa de Sousa Cardoso, de 37 anos, ao lado da qual seguia o industrial de calçado, sr. Manuel Cardoso, de 43 anos, residentes na referida rua, no n.º 101.

Em determinado momento, a condutora foi embater com uma furgoneta, pertencente á fábrica de que é proprietário o marido, e que se encontrava estacionada. Perdendo o «contrôle» do automóvel, este deslizou alguns metros e foi colher o pequenito Fernando Valdemar Azevedo Correia, de 13 anos, morador no lugar do Pinheiro, também em Oliveira do Douro.

Os ocupantes do veículo causador do acidente, bem como a criança que fora colhida, foram transportados ao Hospital de Santo António, onde tiveram de ser radiografados. Apresentam ferimentos diversos pelo corpo, sendo, contudo, mais grave o estado do menor, que deve ficar internado naquele estabelecimento.

Condolências ao embaixador Ross

Logo que foi conhecida, em Lisboa, a notícia do falecimento de «sir» Winston Churchill, na Embaixada da Grã-Bretanha, onde a bandeira inglesa foi colocada a meia adriça, compareceram várias individualidades portuguesas e estrangeiras, que apresentaram ao embaixador, «sir» Archibald Ross condolências pela perda do eminente estadista.

Uma das primeiras personalidades a passar pela Embaixada foi o almirante George Anderson, embaixador dos Estados Unidos, que esteve ali cerca das 10 e 30 e foi recebido pelo embaixador Ross. Este diplomata deixoú pouco depois a sua residência, para ir assistir, na capela de S. Jorge, ao habitual serviço religioso de domingo.

Às 18 horas, o sr. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros apresenta as suas condolências e as do Governo português. Quinze minutos depois, comparecerá, para o mesmo efeito, o sr. embaixador dr. José Luís Archer, secretário-geral daquele Ministério.

RESTAURANTE

«O MANEL»

Largo do Regedor, 7-1.º
Tel. 34982

AMANHÃ — A famosa Lampreia á moda do Minho e Entrecosto á Transmontana

O custo de vida

continua a preocupar o ministro da Economia que hoje regressou da Madeira

Depois de uma estada de seis dias na ilha da Madeira, onde tratou de diversos assuntos do maior interesse para a resolução de alguns problemas relacionados com o desenvolvimento sócio-económico daquele arquipélago, regressou, esta tarde, a Lisboa, a bordo do paquete «Funchal», que atracou ao cais da gare marítima da Rocha, o titular da pasta da Economia, acompanhado da sua comitiva.

Aguardavam aquele membro do Governo, além dos familiares, numerosas entidades oficiais e particulares, designadamente os secretários de Estado do Comércio, da Agricultura e da Industria, o subsecretário de Estado das Obras Publicas, os srs. coronel Rodrigues Oliveira e eng.º Baptista das Neves, em representação dos ministros do Exército e das Obras Publicas; o secretário do titular da pasta das Finanças; directores-gerais e outros funcionários superiores do Ministério da Economia; o presidente do Fundo do Fomento de Exportação; os almirantes Henrique Tenreiro e Sarmento Rodrigues, respectivamente, delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas e presidente do conselho de administração da Empresa Insulana de Navegação, bem como os restantes administradores da mesma companhia armadora daquela moderna unidade da nossa Marinha Mercante.

Colocada a escada do portaló, subiram primeiramente os dois filhos do sr. prof. Teixeira Pinto, após o que, indistintamente, entraram no navio todas as personalidades já citadas, que cumprimentaram o ministro. A solicitação do representante do «Diário de Lisboa», o titular da pasta da Economia acedeu a fazer algumas declarações aos representantes dos órgãos de Informação que ali coompareceram.

No cais, após o desembarque, o prof. Teixeira Pinto, carinhosamente, beija os filhos que o aguardavam

Primeiras impressões

Afirmou o ministro Teixeira Pinto:

— Ao chegar da Madeira, só posso congratular-me pelo facto de ter visitado uma parcela do território português cuja beleza ultrapassa tudo quanto já conhecia. Os problemas do arquipélago são difíceis, mas temos que encontrar para eles a solução adequada.

Disse, depois:

— Um dos aspectos mais importantes da ilha da Madeira é o de natureza social, no que respeita á formação profissional da mão-de-obra ligada ás industrias tradicionais de bordados e vimes. Na agricultura existe um problema: o da colónia, que necessita de uma análise cuidada, mas cuja adaptação é indispensável, a fim de conseguirmos a devida solução. Na parte agrícola há, ainda, enormes possibilidades no fomento da floricultura. Ficou prevista uma forma mais intensa de ligação entre os serviços do Ministério e alguns sectores publicos e privados, mais directamente responsáveis pelos empreendimentos que estão sendo ali concretizados.

O custo da vida

Inquirido sobre a alta do custo de vida naquelas paragens insulares, o titular da pasta da Economia acentuou sem hesitação:

— Também na Madeira existe o problema do custo de vida, em parte resultante do afluxo turístico. Pensou-se organizar um sistema de fiscalização que não existe, pelo menos ao nível da Intendência-Geral dos Abastecimentos, em estreita coordenação entre o desenvolvimento turístico que se prevê — e deseja — e as possibilidades de abastecimento local.

Nota final:

— Cá como lá, o combate á alta do custo de vida não pode ser só uma preocupação do ministro da Economia, tem de ser um propósito de todos...

Os jornalistas não podiam reter por mais tempo o sr. prof. Teixeira Pinto. Havia que permitir um maior contacto com a família e os amigos, desejosos de o abraçar.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco de vários rumos.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 16°,8; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo — 4°,6.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 5°; Faro, 10°; Funchal, 15°; Lisboa, 8°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 9°; Porto, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 13°; na água do mar, 12°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 14°,4; mínima, 7°,3. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 14°,3; mínima, 7°,3.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado, excepto no Algarve, onde predominará céu muito nublado; vento geralmente fraco; neblina ou nevoeiro nos vales durante a noite e parte da manhã; formação de geada em vários locais do interior, a norte do rio Tejo; pequena subida de temperatura.

SOL — AMANHÃ: *Nascer ás 7 e 49 — Ocaso ás 17 e 50*

FASES DA LUA

Hoje — Dia 1 — Dia 9 — Dia 16

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 24 — Às 8 e 38 (3,6 m); 21 e 06 (3,3 m). **Dia 25** — Às 9 e 31 (3,4 m); 22 e 10 (3,2 m). **Dia 26** — Às 10 e 42 (3,2 m); 23 e 22 (3,2 m).

BAIXA-MAR — Dia 24 — À 1 e 51 (1,5 m); 14 e 38 (1,5 m). **Dia 25** — Às 2 e 56 (1,6 m); 15 e 44 (1,7 m). **Dia 26** — Às 4 e 14 (1,7 m); 16 e 51 (1,7 m).